

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA  
EDUCAÇÃO - MESTRADO**

**LITERATURA RELIGIOSA E EDUCAÇÃO EM PORTUGAL NOS  
SÉCULOS XVII E XVIII: MARIA DO CÉU (1658-1753)**

**MÁRCIA DENISE FANCELLI**

**MARINGÁ  
2020**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO -  
MESTRADO**

**LITERATURA RELIGIOSA E EDUCAÇÃO EM PORTUGAL NOS  
SÉCULOS XVII E XVIII: MARIA DO CÉU (1658-1753)**

Dissertação apresentada por MÁRCIA DENISE FANCELLI, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Educação.

Orientador:

Prof. Dr.: CÉLIO JUVENAL COSTA

Coorientadora

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> GISLAINE A. V. DE GODOY

MARINGÁ  
2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

F199l	<p><b>Fancelli, Márcia Denise</b> Literatura religiosa e educação em Portugal nos séculos XVII e XVIII: Maria do Céu (1658-1753) / Márcia Denise Fancelli. -- Maringá, PR, 2020. 117 f. figs.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Célio Juvenal da Costa. Coorientadora: Profa. Dra. Gislaine Aparecida Valadares de Godoy. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Fundamentos da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2020.</p> <p>1. Literatura Barroca Portuguesa. 2. História da Educação - Séculos XVII e XVIII. 3. Educação - História - Portugal. I. Costa, Célio Juvenal da, orient. II. Godoy, Gislaine Aparecida Valadares de, coorient. III. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Fundamentos da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 23.ed. 370.9469</p>
-------	--

MÁRCIA DENISE FANCELLI

**LITERATURA RELIGIOSA E EDUCAÇÃO EM PORTUGAL NOS  
SÉCULOS XVII E XVIII: MARIA DO CÉU (1658-1753)**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Célio Juvenal Costa - UEM  
(Orientador)

---

Profª Drª Natália Cristina de Oliveira - UFMS

---

Profª Drª Eliane Rose Maio - UEM

Aprovação: Junho de 2020

Dedico a todas as mulheres, que tem no seu íntimo uma magia própria de fazer acontecer, de dar um jeito, de dar um peito, de dar um colo, mas que também sabe lutar para conquistar seu espaço e principalmente mantê-lo. São força, união, amor e paz.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me ensinar a lutar diante das dificuldades, sempre pedindo sabedoria, força e fé, para que um dia eu possa olhar para trás e dizer: “Foi difícil, mas com a graça de Deus, eu venci!”.

Ao professor Doutor Célio Juvenal Costa, orientador, que é um exemplo de docente à vida acadêmica. Agradeço a paciência e a compreensão nos seus ensinamentos, corrigindo meus erros e me conduzindo para o final do resultado da pesquisa, e agradeço principalmente pela confiança que depositou ao me escolher na seleção. Um agradecimento especial ao acolhimento e a convivência que a mim dedicou.

A professora Doutora Gislaine Aparecida Valadares de Godoy, coorientadora, que desde o primeiro contato, me direcionou nos caminhos da vida acadêmica. E que se tornou uma pessoa muito especial em minha vida acadêmica e, principalmente em minha vida pessoal.

Aos meus pais, por ter compreendido o meu retiro presencial, pelo apoio durante o tempo das realizações das atividades, pelo apoio incondicional que me proporcionaram, mesmo sem entender a importância dessa formação em minha vida.

Ao meu filho, Raonny Rafael Fancelli Strioto, que encorajou emocionalmente e me deu apoio financeiro durante esse percurso acadêmico em uma época de dificuldades na minha vida.

Um agradecimento especial a Oziel Vicente de Souza, uma pessoa de coração repleto de bondade, meu grande companheiro de vida acadêmica. E que também se tornou um amigo de caminhada em minha vida pessoal, uma pessoa que serei eternamente grata, que me compreende só de me olhar, mas que também “puxa a orelha” quando

preciso, uma pessoa que sempre estará presente nos momentos de minha vida.

Aos meus eternos amigos, Sheila Patricia Landuci e Reginaldo Epifanio de Souza, que sempre estiveram ao meu lado, pessoas leais e verdadeiras, e que me ensinaram que desistir nunca foi uma opção, e que permanecerão em meu coração e em minha vida.

A Andressa Vieira e Cintia Bortolossi, pelo acolhimento, pela parceria dedicados a mim e que sempre serão pessoas que ocuparão um lugar especial em meu coração.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM), pela oportunidade oferecida e conhecimento compartilhado.

Aos membros da banca de qualificação e de defesa: as professoras Eliane Rose Maio, Natália Cristina de Oliveira e Solange Montanher, por aceitarem nosso convite, pelos apontamentos e tão importantes sugestões, mas em especial, por serem sempre agradavelmente prestativas.

Ao Laboratório de Estudos do Império Português (LEIP) da UEM, a todos os seus integrantes, pela recepção e acolhimento e pelo conhecimento adquirido nas reuniões.

Aos amigos que conquistei no decorrer do mestrado, em especial a Fabricia de Cássia Grou, por todos os momentos compartilhados nas aulas.

Aos professores e colegas do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Maringá, do campo de extensão de Cianorte por acreditarem que eu seria capaz de cumprir essa jornada.

Aos meus alunos do Jovem Aprendiz, que de maneira indireta me incentivaram a percorrer essa caminhada.

Enfim agradeço a todos, que de alguma forma ou de outra, sempre estiveram ao meu lado, não só nesse percurso, mas sim no percurso de minha vida.

E não posso deixar de mais uma vez, mas não menos importante, agradecer a Deus por me fazer uma pessoa merecedora e colocar em minha vida tantas pessoas especiais e maravilhosas, sou eternamente grata por elas.



## **A PÉROLA E A PIMENTA**

*Companheira de jornada,  
Duas donzelas havia,  
Uma formosa e fria,  
Outra feia e engraçada.  
Uma tão negra se oferece,  
Que até carapinha tem,  
A outra tão clara vem  
Que filha da alva parece.  
E olhando com desafogo  
Nos efeitos que produz,  
Uma tem cara de luz,  
A outra, entranhas de fogos.  
Já acabada a carreira,  
Ali onde a sorte as chama,  
A branca ficou por dama,  
A negra por cozinheira.  
Uma e outra foi notada  
Nesta jornada ou empresa,  
Porque a dama ficou presa,  
E a negra escalavrada.  
Todos sabemos quem são  
E as conhecemos bem,  
Ainda que uma só tem  
Árvore de geração.  
E da outra não duvido  
Venhais em conhecimento,  
Porque é o seu nascimento  
Claro, posto que escondido*

Sóror Maria do Ceu

FANCELLI, Márcia Denise. **LITERATURA RELIGIOSA E EDUCAÇÃO EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XVII E XVIII: MARIA DO CÉU (1658-1753)** 117 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof. Dr. Celio Juvenal da Costa. Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Gislaine Aparecida Valadares de Godoy. Maringá, 2020.

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar os princípios educativos presentes no livro *A Preciosa* de autoria de D. Maria de Eça, pelo pseudônimo de madre Marina Clemencia, ou como também era conhecida, Maria do Céu, uma religiosa de São Francisco do Mosteiro da Ilha de São Miguel. O livro foi publicado em duas partes, uma em 1731, e outra em 1733. Ambas endereçadas a D. Maria Anna das Estrellas, uma senhora, também religiosa do Mosteiro da Esperança de Lisboa. O intuito dos escritos, era ‘arrancar’ do estado de reclusão a referida religiosa. A análise teve a intenção de examinar a relação existente entre a educação e a literatura, no processo de construção da identidade das mulheres portuguesas do século XVIII, bem como na tomada de consciência delas, enquanto ser social. Na realização desse estudo, apresentamos como hipótese que a literatura de Sórora Maria do Céu foi um recurso ou mecanismo educacional da época, considerando, é claro, as exigências e necessidades sociais daquele momento. Para dar conta do proposto, tivemos como aporte teórico os fundamentos Escola dos Annales, da segunda fase, que tem por seu defensor Braudel, cuja preocupação é de situar indivíduos e eventos num contexto, e isso nos possibilitou estabelecer diálogos com outras áreas do conhecimento, permitindo obtermos uma visão ampla do objeto de estudo e, assim, ter um entendimento sobre a obra analisada e suas relações com o contexto ao qual se encontrava imersa. Considerou-se ainda, as diversas perspectivas da vida e da sociedade, como por exemplo, a economia e a cultura. O que nos proporcionou materializar a relação da literatura com a educação no processo formativo daquelas sujeitas, demonstrando, dessa forma, sua importância como um meio educacional no século XVIII, confirmando a educação como parte do processo emancipatório feminino, e que se consolidou nos séculos seguintes.

**Palavras-chave:** Literatura Barroca Portuguesa; História da Educação; A Preciosa; Maria do Céu; Portugal; Séculos XVII e XVIII.

FANCELLI, Márcia Denise. **RELIGIOUS LITERATURE AND PORTUGAL EDUCATION IN 17th AND 18th CENTURIES: MARIA DO CÉU** 117 p. Dissertation (Education Master's Degree) – State University of Maringá. Supervisor: Prof. Dr. Prof. Dr. Celio Juvenal da Costa. Cosupervisor: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Gislaine Aparecida Valadares de Godoy. Maringá, 2020.

## ABSTRACT

The investigation intends to analyze education principles presents in *A Preciosa*, written by Maria de Eça, used her pseudonym, knowing as mother Marina Clemencia or Maria do Céu. She was a religious from Monastery of San Francisco on San Miguel island. This work had published in two parts, at 1731 and 1733 and it had addressed to a religious madam D. Maria Anna das Estrelas from Monastery of Hope, in Lisbon. The purpose of these writings was to remove that religious from your reclusion state. Our analysis was intended to examine the relationship between education and literature in the building of Portuguese women identity process on 18<sup>th</sup> century. Furthermore, was analyzed their awareness as a social being. Our hypothesis is based on Sórora Maria do Ceu literature as an educational resource on that time considering social and need requirements on that period. We are guided by Annales' school, had as his defender Braudel, 2<sup>a</sup> phase, fundamentals who establish dialogues with different knowledge areas. This allowed us obtained an ample view to our studies and better understanding about social relations on that context. It was considered numerous life and society perspectives exemplify culture and economy. This study enabled materialized education and literature relationship in the formative process of individuals, manifesting the educational institutions importance on 18<sup>th</sup> century. It demonstrates the education as a possible way to feminine emancipation consolidated in posterior centuries.

**Keywords:** Portuguese Baroque Literature; Education History; The Precious; Maria do Céu; 17th and 18th centuries.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2. PORTUGAL DO SÉCULO XVII E XVIII: UMA PERSPECTIVA DOS ACONTECIMENTOS.</b> .....	21
2.1. PORTUGAL NOS SÉCULOS XVII E XVIII .....	23
2.2. O REINADO DE D. JOÃO V E SUA RELAÇÃO COM A EUROPA. ....	25
2.3. PORTUGAL: SOCIOECONÔMICO DO SÉCULO XVII E XVIII. ....	29
2.4. COMPORTAMENTO DAS MULHERES NOS SÉCULOS XVII e XVIII.....	40
<b>3. LITERATURA RELIGIOSA: UMA FORMA DE CONTROLE SOCIAL OU DE TRANSGRESSÃO.</b> .....	47
3.1. LITERATURA: EXPRESSÃO DE SER .....	49
3.2. LITERATURA DE CIVILIDADE: NORMA E PRÁTICA.....	52
3.3. EDUCAÇÃO FEMININA E LITERATURA NOS SÉCULOS XVII E XVIII ...	63
3.4. BARROCO E SEU MOMENTO HISTÓRICO EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XVII E XVIII .....	67
<b>4. EDUCAÇÃO E LITERATURA NA FORMAÇÃO FEMININA: UM ESTUDO DA OBRA A PRECIOSA.</b> .....	71
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	107
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	112

## 1. INTRODUÇÃO

O texto que segue é fruto de uma pesquisa desenvolvida ao longo da realização do curso de Pós-Graduação em Educação, em nível de mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPE da Universidade Estadual de Maringá - UEM. O estudo foi orientado pelo Professor Doutor Célio Juvenal Costa, professor pesquisador do referido programa e coorientado pela Professora Doutora Gislaine Aparecida Valadares de Godoy, professora pesquisadora do Departamento de Pedagogia da mesma Universidade, onde me graduei e iniciei minhas primeiras pesquisas sob a orientação da Professora Gislaine.

A pesquisa também está vinculada ao Laboratório de Estudos do Império Português - LEIP, ao qual faço parte e que também tem como um de seus líderes o professor Célio. Portanto, os resultados que serão apresentados aqui contam com contribuições das discussões e estudos ocorridos ao longo da minha participação nesse laboratório também.

A temática selecionada para a pesquisa surgiu de estudos anteriores realizados em investigações de Projeto de Iniciação Científica – PIC e Trabalho Final de Graduação - TFG. Desde a graduação, venho estudando a história e a historiografia das mulheres, buscando por meio de investigações compreender melhor a participação das mulheres na agenda social. Debruçando-me sobre a história das mulheres foi possível observar um longo histórico de lutas femininas pela oportunidade de direitos iguais na sociedade, lutas essas que antecederam os movimentos feministas dos séculos XX e XXI. Observando o trajeto construído pelas mulheres ao longo dos anos na busca por uma participação mais efetiva na sociedade em que estavam inseridas e também pela oportunidade de terem acesso à instrução, direito de escolherem suas rotas de vida e se tornarem sujeitas de sua própria história, notei que o trajeto remontava séculos anteriores aos que imaginávamos como tempo inicial dessas lutas.

Assim, na busca pelo entendimento de como esse trajeto se constituiu e quais foram os mecanismos e ferramentas utilizadas pelas mulheres que nos antecederam na construção de dias mais participativos socialmente, retomamos o século XVIII. Encontramos lá mulheres que com certeza, abriram os primeiros caminhos na trilha feminina da busca pelos nossos direitos e espaços. Nessa

viagem pelo tempo encontramos uma religiosa, que marcou e definiu seu espaço na sociedade portuguesa daquele século. Encontramos Sórora Maria do Céu, que não foi uma passageira da viagem, e sim, uma das protagonistas da história das mulheres. Sua marca pioneira na luta pela construção de uma 'identidade feminina' está registrada em seu livro *A Preciosa*. Uma alegoria moral escrita na primeira metade do século XVIII, endereçada a uma outra religiosa do Mosteiro de Esperança. A destinatária era D. Maria Anna das Estrelas, cujo estado psíquico encontrava-se mergulhado em um quadro de depressão. Foi publicada em dois tomos, um em 1731 é uma Alegoria de cunho moral e o segundo tomo em 1733 é uma novela, portanto os dois tomos não possuem sequência, ou seja, não há ligações nos seus conteúdos, são histórias diferentes.

*A Preciosa*, por apresentar o que acreditamos e denominamos de princípios educativos femininos<sup>1</sup>, e por registrar as ideias da Sórora Maria do Céu quanto as mulheres, tornou-se nossa fonte para pesquisa. Portanto, esta dissertação é dedicada ao estudo dos princípios educativos femininos contidos no referido texto.

A intenção desta investigação foi verificar a contribuição que a educação e a literatura tiveram no percurso de construção da identidade das mulheres daquele momento, bem como no seu reconhecimento enquanto sujeitas de sua própria história, tomando a religiosa como um exemplo dessa construção e uma das responsáveis por esse processo em outras mulheres, seja direta ou indiretamente.

O propósito da pesquisa reside na análise dos escritos da religiosa, a fim de compreender a relação entre literatura e educação na formação das mulheres do século XVIII em Portugal. A investigação se debruça também sobre a sociedade portuguesa dos séculos XVII e XVIII, para compreender o cenário em que Maria do Céu estava inserida e dessa forma, visualizá-la como alguém que fez parte da sociedade daquele momento. Ela vivenciou as dificuldades, mazelas e desenvolvimento de uma coletividade em transformação política, social,

---

<sup>1</sup> Entendemos por princípios educativos femininos uma revelação, mesmo que sucinta, de uma consciência feminina de suas capacidades e orientações formativas oferecidas à outra mulher, indicando, assim, a possibilidade de associar aspectos da pesquisa com a oportunidade de início de alteração da autoimagem da mulher ter acontecido por um processo de evolução da autoconsciência das mulheres, que denominamos aqui de emancipação feminina, e os princípios educativos como um dos agenciadores essenciais ao alcance dessa emancipação.

cultural e econômica, advindas de um período de intensos conflitos de uma visão religiosa que emergia do protestantismo e que influenciou a economia. Ela viveu em um momento de oposição das diferentes mentalidades religiosas (cristianismo e protestantismo) e disputas pela soberania econômica e política, e negociações entre as imposições de um Estado em processo de afirmação frente às formas tradicionais de organização e de repartição do poder na sociedade, baseados nos ideais de liberdade econômica por parte da população, ou seja, sem intervenção do Estado de um avanço da ciência e da razão e com ascendência da burguesia e seus ideais.

Este processo de investigação teve como fator gerador uma pesquisa anterior realizada na Iniciação Científica em 2017, como mencionamos inicialmente. Tal estudo foi realizado durante o Curso de Pedagogia no Campus Regional de Cianorte da Universidade Estadual de Maringá. O estudo buscou compreender o universo das mulheres e a expectativa social depositada nelas, na condução de um projeto de sociedade em desenvolvimento e modernização baseado nos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade<sup>2</sup>.

Contudo, naquele momento não foi possível responder a todas as nossas indagações. E algumas questões como: Quais os requisitos que a mulher deveria apresentar para ser considerada ideal no projeto social daqueles tempos? Como e por que se chegou a tal perfil? Qual a relação do perfil da mulher ideal e a questão da sociabilidade e honra feminina? Como a educação conventual poderia contribuir ou não na construção desse perfil? Acabaram ficando em aberto. Tais indagações nos levaram a continuar os estudos e nos levaram a outra investigação; resultando em um Trabalho Final de Graduação no ano 2018, sob o título de *Educação Conventual como projeto educativo para as mulheres dos séculos XVIII e XIX: um estudo da obra Honradas e Devotas*. Essa pesquisa nos forneceu mais elementos para compreensão da construção do espaço social feminino e da construção de um pensamento autônomo das mulheres. Por outro lado nos instigou a analisar mais profundamente o papel da educação no processo formativo das mulheres e em especial, na construção da identidade

---

<sup>2</sup> O ideário das luzes entendia que, pelo uso de sua razão, o homem poderia ser sujeito de sua história, livre para julgar (decidir) e agir de acordo com os valores éticos comuns a toda humanidade e amplamente disseminados socialmente pela instrução (educação, aprendizado) de forma a atingir uma organização social em que todos teriam direitos iguais como garantia à realização de suas potencialidades (PEREIRA, 1996).

feminina, no entendimento de sua capacidade, entre outros fatores que alavancaram a luta pelos direitos femininos.

As leituras realizadas para a execução dessas pesquisas nos direcionaram no caminho de leituras de normativas de conduta da sociedade, além da conduta feminina. Durante o processo de realização dessas pesquisas, nos deparamos com os escritos literários de Sórora Maria do Céu que segundo Miranda (2014), também conhecida pelo pseudônimo de Marina Clemencia. E por ser da mulher a responsabilidade de preparar as novas gerações para a sociedade daquele momento, entendemos ser relevante estudar seu processo formativo. Para as mulheres havia sido delegada a função de ensinar as primeiras letras, a somar e a diminuir e como devem se comportar nas diversas situações de coletividade, sendo que os filhos em seus primeiros anos de vida permaneciam aos cuidados das mulheres da casa, onde era ensinado boas maneiras e o ensino das primeiras letras Hatherly (1996). As leituras revelaram que os estudos realizados sobre as mulheres, em sua maioria, tratavam de seu papel social enquanto responsável pela preparação das futuras gerações, sendo elas a mãe - a primeira educadora, a esposa - a administradora do lar, a esposa que harmoniza o marido, ou seja, a mediadora das questões familiares.

Os estudos envolvendo as mulheres, em sua maioria, tratam da condição da mulher na sociedade ou discutem as conquistas femininas ou, ainda, papel social das mulheres em determinados períodos históricos. Quando se reportam à educação feminina, apresentam pesquisas acerca da educação formal, sistematizada e, nesse caso, referem-se a períodos posteriores ao século XVIII. (KING, 1994. p 35).

Isso não quer dizer, no entanto que não houve estudos que contribuíssem para o avanço da historiografia das mulheres, mas tais estudos se encontram direcionados às questões femininas como a participação da mulher na política, seu poder de influenciar os homens, os movimentos que lutam pelos direitos de oportunidades e de participação política. Como nos estudos realizados por: Margareth Rago, em *As mulheres na historiografia brasileira*, em que ela propõe uma breve reflexão sobre a produção historiográfica que apresenta como centralidade temática a participação das mulheres nos acontecimentos históricos; Rachel Soihet, em *História da Mulheres e História de Gênero. Um*



*Depoimento*, um estudo de abordagem do movimento liderado por Bertha Lutz, que teve como alvo o acesso das mulheres a cidadania; Maria Marta Lobo de Araujo, *Dotes de Freiras nos Mosteiros de Nossa Senhora da Conceição de Braga (Século XVII)*, que retrata o custo alto de se tornar uma freira; Leila Manzani Algranti, *Casar ou meter-se a freira*, que tem como foco as opções de vida que se colocavam para as mulheres da época moderna; Ana Paula Coutinho Mendes, *Katherine Vaz, em A re-inscrição de Mariana Alcoforado na história literária*, um estudo sobre a dúvida de autoria dos escritos das Cartas de amor para o Conde de Chamilly.

Sobre a proximidade com a temática aqui desenvolvida, conforme pudemos verificar em nossa revisão de literatura, temos: *O discurso-em-crise na literatura feminina portuguesa*, de Nelly Novaes Coelho, sobre a revolta feminina; sobre movimentos feministas, *Movimentos Feministas da Década de Sessenta e suas Manifestações na Arte Contemporânea*, de Carmen Regina Bauer Diniz; sobre a comparação de gêneros literários, *Matrizes para um estudo da literatura feminina: uma leitura comparativa de Sórora Mariana do Alcoforado e Sor Juana Inéz de La Cruz*, de Betina dos Santos Ruiz.

Diferentemente dos textos pesquisados em nosso levantamento nosso propósito foi trazer algo que evidencie a caminhada das mulheres rumo ao seu auto reconhecimento como sujeitas capazes de escolherem seus destinos e não discutir a subordinação às mãos masculinas, ou o porquê dessa subordinação.

Compreender como se deu o processo de tomada de consciência feminina quanto às suas capacidades, potencialidades e vontades próprias é algo que pode reforçar a importância da instrução na vida das pessoas, não como um mecanismo de modernização da economia (ANIBAL, 2008), mas como uma ferramenta para o desenvolvimento da autonomia do sujeito, como elemento que proporciona as condições de leitura da realidade que o indivíduo está inserido, dando-lhe instrumentos necessários para que ele próprio possa mudar a sua realidade. (SAVIANI, 1999)

Nesse sentido, é que buscamos, com este estudo, evidenciar o papel da educação do processo formativo na construção da identidade feminina.

Nossa hipótese nesse estudo é que a instrução ainda que com propósitos distintos do desenvolvimento da autonomia humana, contribuiu para a construção da identidade feminina em especial para a tomada de consciência

das mulheres quanto às suas próprias capacidades, como é constado por Godoy (2018). Durante o processo de desenvolvimento do nosso estudo, pudemos perceber que Marina Clemencia utilizou a literatura barroca como uma ferramenta de instrução para o processo formativo das mulheres no século XVIII. Daí nosso interesse pelo livro *A Preciosa* de Marina Clemência.

O livro de Marina Clemencia que foi redigido a uma freira que se encontrava em um frágil estado debilitado tem objetivo de ser normativo e retrata por meio de figuras de linguagem, acontecimentos e prazeres de uma vida mundana, traz poesias na língua Castelhana por ser usada por falantes portugueses. Marina Clemencia ou Maria do Céu, nos remete a várias situações cotidianas de intriga, inveja, vingança, mostrando assim, quais as consequências de quem quebra as normas e regras da Igreja, mas simultaneamente deixa de maneira sucinta o direito da escolha, fazendo com que o leitor tenha que pensar para além do que está escrito nas palavras. A religiosa teve o intuito de resgatar o ânimo da freira depressiva, argumentando que pelo arrependimento sincero ela seria perdoada por Deus, mas para isso acontecer ela teria que se conscientizar dos perigos da vida secular.

Porém, se analisarmos os escritos para além das normativas, podemos perceber, mesmo que sucintamente, que a protagonista tem que refletir sobre seus atos e fazer uma escolha e conseqüentemente assumir as conseqüências.

Marina Clemencia ou Sórora Maria do Céu, conforme é relatado no Livro *A Preciosa*, chamava-se de D. Maria de Eça. Filha de Antonio De Eça e de Catarina de Távora. Nasceu em onze de setembro de 1658 e morreu como freira franciscana em vinte e oito de maio de 1753, na cidade de Lisboa. Religiosa de família nobre, de linhagem com uma grandeza exemplar para a sociedade da época, os Lancastros, é da mais alta e pura origem, pois em seus descendentes não há nenhum acontecimento que ‘desabone’ a pureza de linhagem. Todos os pertencentes à linhagem dos Lancastros eram agraciados com virtudes próprias “que fazem resplandecer novamente o efclarecido nafcimento, porque ainda he mais de admirar a grandeza das virtudes” (CLEMENCIA, 1731, p. introdução), pois virtudes não se adquire, se nasce com elas.

A religiosa foi uma das escritoras, poetas e dramaturgas mais destacadas do seu tempo, utilizando-se de pseudônimos: Marina Clemencia, Sórora Maria do Céu, Mendes dos Remédios e Leonarda Gil da Gama, que segundo Miranda

(2014), era uma prática comum na época como uma estratégia de defesa contra a censura da Igreja. Professou a vida religiosa em 1676, no Convento da Esperança, onde exerceu cargos de abadessa e de mestra de noviças. Singela e sensível escreveu *A Preciosa* que foi publicado em duas partes, em 1731 e 1733, sob o pseudônimo de Marina Clemencia. Entre suas obras está *Enganos do bosque, deenganos do rio*, que retrata a peregrinação de uma alma perdida entre o Caminho do Céu e o Caminho do Mundo e *Cartas de uma Monja Escritora*, um conjunto de oitenta e uma cartas escritas em prosa e em verso, na Língua Castelhana, pois era utilizada no contexto por falantes portugueses; as cartas são dirigidas à Duquesa de Medinaceli, D. Teresa de Moncada y Benavides e a sua filha D. María del Rosario, algumas cartas descrevem festividades religiosas, outras perguntam sobre a saúde de D.Teresa e felicitando a Duquesa pelos aniversários e casamento da filha, portanto de inclusão de poesias de temáticas diversas e relativas aos aspectos do dia-a-dia e da vida mundana, entre outros escritos.

Sóror Maria do Céu passa então a produzir textos de diversos gêneros, desde poemas, passando por novelas e peças de teatro, até cartas e biografias. Esses textos tanto cumprem uma função didática e pedagógica, dentro de uma cultura monástica, como também possuem um cariz de entretenimento, demonstrando como tais narrativas contribuíram como preceitos instrutivos para uma vida contemplativa e de virtuosidade feminina, isto quer dizer, a literatura como forma de disseminação de ideias. (SILVA, 2014 p. 127)

*A Preciosa* de Marina Clemencia, relata a história de uma mulher de beleza rara, pela qual o Rei se apaixona e promete coroá-la sua rainha. Levando-a para um belo lugar, com o intuito de tê-la somente a sua disposição. Porém, com o decorrer dos dias, a sua amada sofre tentações que a induzem a trair seu Rei e por meio de criados fiéis combate as tentações com argumentos que mostram a crueldade do mundo para quem segue o caminho sem Deus. No entanto, é no que está subentendido na escrita que nós desenvolveremos nossa hipótese.

Para dar conta de nossa empreitada sobre a relação da literatura com a educação no livro *A Preciosa*, nos baseamos no referencial teórico proposto

pelos Annales<sup>3</sup>, que apresenta a alternativa de aceitar ou rejeitar os acontecimentos, as críticas que estão expressas nos documentos oferecidos pelas fontes e assim, nos permite indagar, instigar as fontes, compreender que elas não falam por si próprias, que requerem ser questionadas, que podem e devem ser vistas em suas inúmeras formas.

O ofício do historiador ao questionar a fonte é nela projetar também as perguntas pertinentes para sua vida, de acordo com as preocupações da sociedade onde vive e, irrefutavelmente, no seu tempo, tecendo um fino e rigoroso campo de trabalho que caracteriza a produção intelectual. Ao formular questões o historiador abre a janela de inquietações políticas, morais, éticas e científicas, tornando a pesquisa um campo de ação que dialoga e interage com a vida e com a sua percepção de mundo, sem abrir mão do rigor científico e da metodologia e técnica de trabalho com as fontes. (CALDAS, 2012, p. 279)

Neste sentido, o passado ganha dinamismo, a História passa a ser compreendida como reescrita, como uma construção do tempo presente, ou seja, o presente dialoga com o passado numa construção de perspectivas pelo olhar do historiador, calcado nas preocupações e indagações da contemporaneidade.

Também nos possibilita que o trabalho do pesquisador seja interdisciplinar, isto é, faz com que o pesquisador ‘flerte’ com as outras áreas do conhecimento com inclusão de saberes, de conceitos pertinentes a outros campos de conhecimento.

Dessa forma, faremos uma análise baseada no livro *A Preciosa*, de Marina Clemencia, contextualizando-a no seu tempo histórico, século XVIII, e de uma análise crítica de conteúdo para confirmar os indicadores que induziram a realidade para além da mensagem escrita, partindo de uma reflexão do contexto histórico, e relacionando os acontecimentos sociais, políticos e econômicos com a escrita da autora.

A relação Literatura e Educação se fez nos escritos de Marina Clemencia, por ser o livro, uma normativa de como as mulheres deveriam se comportar, ou

---

<sup>3</sup> Fundamentada em interrogações feitas à fonte, de modo muito mais a compreender o presente do que apenas organizar e sistematizar cronologicamente o passado; procura entender a sociedade bem como as formas de relação sociais nos diversos tempos vividos pelo homem, um ser social. (BURKE., 1992)

seja, mesmo que informal, era uma educação a ser internalizada. Para dar conta do proposto, organizamos a pesquisa em três seções de conteúdo. A primeira é composta por um resgate dos acontecimentos históricos do século XVII e XVIII, período que a religiosa viveu, bem como as mudanças econômicas, sociais e educacionais que influenciaram a sociedade, e, também, por acreditarmos que estas transformações são importantes para entendermos o processo e o direcionamento da nossa análise.

Na sequência, escrevemos sobre a Literatura Religiosa com o intuito de expor qual era a função deste tipo de literatura perante aos fiéis da época em estudo. Também escreveremos sobre a relação da literatura com a educação a fim de que possamos compreender a análise e, assim, comprovar a hipótese da pesquisa.

Na última seção apresentaremos a análise da sua obra *A Preciosa*, mostrando a influência que a educação conventual de Sórora Maria do Céu teve na escrita de sua obra literária, bem como ela se utilizou de seus escritos para deixar suas mensagens nas 'entrelinhas'.

A relação entre literatura e educação não é nova e é muito frutífera, tanto em termos teóricos como práticos. Esta dissertação pretende, entre outras coisas, contribuir com tal relação, com o enfoque, mais do atual, da temática da história das mulheres em seu lento, gradual, mas efetivo, caminhar rumo à sua independência.

## 2. PORTUGAL DO SÉCULO XVII E XVIII: UMA PERSPECTIVA DOS ACONTECIMENTOS.

Esta seção tem como objetivo apresentar o cenário histórico onde viveu a religiosa Sórora Maria do Céu, nosso objeto de estudo, e que vamos nos referir como Marina Clemencia, por ser este pseudônimo que utiliza no livro *A Preciosa*. Pois, para que se possa obter uma percepção de como passou seus dias e como essa religiosa escreveu, é preciso antes, conhecer Portugal dos séculos XVII e XVIII, por ser um período de mudanças econômicas que provocou transformações em todos os outros segmentos da sociedade, e dentre outras, foi a afirmação da Sociedade de Corte, ou seja, da centralização de poder nas mãos do rei, várias setores sofreram alterações de suas funções.

As funções sociais cuja renda se elevava com essas novas oportunidades passaram a desfrutar de vantagens. Incluíam elas certos setores da burguesia, mas, acima de tudo, o rei, o senhor central. Isto porque a máquina de coleta de impostos lhe conferia uma parcela da riqueza crescente; para ele se encaminhava parte de todos os lucros obtidos nessa área, e sua renda, em consequência, crescia em grau extraordinário com a circulação cada vez maior da moeda. (ELIAS, 1993, p. 03)

E, por sua vez, a personagem em destaque não pode ser vista e compreendida de forma isolada, ou desvinculada do tempo e da sociedade em que estava inserida. Tratar de alguém que representou tanto para a literatura religiosa e para a história das mulheres, não é uma missão fácil. Requer cautela e sensibilidade para apurar os elementos e situações que contribuíram para sua produção e para a literatura propriamente dita.

Com o intuito de lembrarmos questões pertinentes à escrita, faremos um breve relato sobre a autora recordando algumas características já tratadas anteriormente.

Sórora Maria do Céu ou Marina Clemencia como também era conhecida nas assinaturas de suas obras, foi uma religiosa inicialmente da Ordem das Clarissas<sup>4</sup>, onde se consagrou na data de 27 de junho de 1676, no Real

---

<sup>4</sup> Em 1212, a jovem Clara de Assis seguiu o atraente exemplo de Francisco e viveu, dentro da clausura e na contemplação, o ideal de pobreza evangélica. Surgiu, assim, a Ordem das Clarissas, ou a Segunda Ordem Franciscana. A Ordem de Santa Clara entrou cedo em Portugal, onde já na segunda metade do século XIII existiam quatro mosteiros. Os Franciscanos

Convento de Nossa Senhora da Esperança em Lisboa. Nasceu em 1658 também em Lisboa e faleceu em 1753. Filha de Antonio D'Eça e Catarina Távora. Enquanto Clarissa, foi abadessa por duas vezes. Falava dois idiomas, o português e o castelhano. Isso já demonstrava sua habilidade com a língua que viria posteriormente se transpor para a escrita em seus poemas. Em suas obras fica claro a expressão da sua vivência religiosa e da sua preocupação com a edificação moral de seus leitores.

Nossos estudos serão direcionados pelo livro *A Preciosa*, publicado em duas partes, em 1731 e 1733<sup>5</sup>, escrita pela Madre Marina Clemencia, também conhecida pelo pseudônimo de Sórora Maria do Céu, desenvolvida em um ambiente de recolhimento religioso e destinada especificamente à leitura conventual.

Dessa forma, para que se possa capturar a expressão mais próxima da essência imaginada por seu autor, se faz necessário uma 'visita' ao tempo e ao espaço em que foi produzida para que, com isso, essa aproximação seja a mais verdadeira possível.

Nesse sentido, acreditamos ser necessário uma 'viagem' ao contexto histórico de Portugal dos séculos XVII e XVIII, para que se possa visualizar, ainda que de forma panorâmica, o cotidiano daquela organização social afim de identificarmos aspectos que poderiam ter influenciado na produção literária daquele momento. E, a partir disso, encontrar os elementos necessários para a compreensão do que foi a literatura, os seus registros e as expressões da época, que nisso envolveram a educação, o pensar e a função do feminino do período.

Dessa maneira, na seção secundária buscaremos apresentar, de maneira breve, tal panorama facilitando assim, a identificação da sociedade portuguesa do período em estudo, assim como, dos elementos que influenciaram o pensamento dos homens.

---

constituem uma ordem religiosa que, pela sua vocação e prática pastoral, se enquadra na forma de vida mendicante. Esta assenta na vivência da pobreza evangélica, não apenas a nível individual, mas como expressão comunitária. Assim, os irmãos (fratres) não possuem nada próprio, vivendo apenas da remuneração do seu trabalho quotidiano. O ideal cumpria-se na imitação de Cristo e no discipulado (sequela Christi) que os torna «pobres entre os pobres», pregando o evangelho para a salvação de todos, fiéis e infiéis, ajudando o clero e em estreita obediência à Igreja de Roma. Esta «forma de vida» acolhe também um ramo feminino, as Clarissas, que, seguindo uma regra própria (inspirada pela sua fundadora: Clara de Assis), vivem, em mosteiros, uma vida de clausura e de serviço. (HONRADO, 2013)

<sup>5</sup> A *Preciosa*, primeira parte impressa em 173, *Allegoria Moral* e foi impressa uma segunda parte em 1733, *Novela*, que não tem nenhuma relação com a primeira parte.

## 2.1. PORTUGAL NOS SÉCULOS XVII E XVIII

O século XVIII é considerado o século das “luzes”, devido ao movimento iluminista, ao desenvolvimento tecnológico<sup>6</sup> e às grandes revoluções políticas e econômicas. Essas mudanças não ocorreram isoladas de fatos anteriores, por isso para sua compreensão, retrocederemos no período.

Segundo Lima (2018, p. 47), os “séculos XIV e XV, a Baixa Idade Média, se configurou em um período de grandes conflitos sociais, econômicos e políticos próprios de um sistema que estava chegando a um colapso, por não poder mais sustentar sua própria estrutura”. Foi um momento de crise econômica e política no qual o poder dos senhores feudais havia sido enfraquecido, permitindo que o poder do rei, os sobrepujassem, principalmente na França, Inglaterra, Portugal e Espanha. O Sistema Feudal foi um sistema social, político e econômico cuja característica marcante era a divisão do poder do rei em uma relação política de união de vassalo com suserano. O suserano cedia terra ao vassalo, que recebia impostos e devolvia uma parte ao suserano, portanto era uma sociedade economicamente baseada na agricultura.

Elias (1993) nos remete que esse processo de divisão do poder do rei, ou seja, descentralização, tem como um dos fatores geradores o fato do rei não conseguir mais supervisionar sozinho todo seu império, e assim delegou a homens de sua confiança, o poder de fazer cumprir a lei.

Despachou pela terra amigos e servidores de confiança para fazer cumprir a lei em seu nome, assegurar pagamentos de tributos e a prestação de serviços, bem como punir a quem resistisse. Não lhes remunerava os serviços em dinheiro. A moeda certamente não era de todo inexistente nessa fase, mas circulava apenas em medida muito limitada. As necessidades eram atendidas, na maior parte, diretamente pela terra, os campos, as florestas e os estábulos, sendo a produção de iniciativa da família. Os condes, duques, ou como quer que fossem chamados os representantes da autoridade central, tiravam também seu sustento, e os de seus agregados, da terra com a qual os agraciara a autoridade central. (ELIAS, 1993, p. 18)

---

<sup>6</sup> Tecnológico aqui, é algo distinto do que conhecemos por tecnológico nos dias de hoje. Pois, essa expressão é mais considerada atual.



Os governantes de partes do território, os suseranos, condes e duques, passaram a constituir um perigo para o rei, e para diminuir esse risco, o rei sempre que possível substituí os atuais governantes, por parentes e servidores de sua maior confiança. Por outro lado, estes antigos governantes dos territórios lutavam para manter ou recuperar o controle que tinham sobre a região que o rei lhes confiou, como se elas fossem de propriedade hereditária da família.

Para Lima (2018), outro fator que motivou tal situação foi o aumento da população e de terras inférteis para a agricultura, que obrigavam os vassallos a saírem a procura de terras férteis para sua subsistência e da família. E, assim, migravam de propriedade em propriedade buscando o sustento. “ Nesse estágio, quando não existe ou apenas está começando a interdependência econômica e a integração de grandes áreas, surge ainda com mais vigor uma forma não econômica de integração: a integração militar, a aliança para repelir um inimigo comum” (ELIAS, 1993, p. 23)

Guerras constantes enfraqueceram o poder dos senhores feudais fortalecendo o poder do rei, que lutava para centralizar e unificar o território, e assim permanecer com o controle absoluto de seu império. Conforme Lima (2018), além das guerras que enfraqueceram os senhores feudais, se tem que, os feudos se tornaram entrave ao comércio, pois os mercadores, para transitar com suas mercadorias pelas terras feudais, deveriam pagar pedágio, desse jeito as fronteiras eram obstáculos ao comerciante burguês, moradores dos burgos, ou seja, as “cidades” da época, onde “comercializavam” seus produtos. No combate aos senhores feudais, os burgueses utilizaram da única arma que tinham, o dinheiro, começaram a pagar pedágio somente ao rei, fortalecendo assim, o poder monárquico que unificou pesos e medidas, moedas, e eliminou as fronteiras, enfraquecendo o poder feudal e, também, o das cidades autônomas à autoridade do rei.

A literatura também sofre transformações ao lado das relações sociais e econômicas. Figueiredo (1960) reconhece o século XVI como o século da Renascença, que marcou o crescimento do humanismo. Aquele século rompeu com os limites bíblicos e incorporou um saber científico, filosófico e artístico e alargou as curiosidades geográficas para além do que se conhecia. O Século XVI, também conhecido como o Século do Apogeu, corresponde uma literatura

mórbida de profetismo e misticismos do quinhentismo português, truncada pela dor da perda da independência<sup>7</sup>, portanto de influência espanhola.

No século XVII e início do século XVIII, temos a prosa e o verso como estilo e processo mental das academias literárias, que tinham como espelho as italianas, segundo Figueiredo (1960). As atividades poéticas e a oratória eram o preferido, porém incluíam os problemas morais.

Em conformidade com Figueiredo (1960), as academias grupavam-se em dois tipos: um puramente literário como é o caso da Academia dos Singulares e dos Generosos, e outro especificamente histórico como a Academia Real de História Portuguesa e a Pontifícia, reconhecidas como o centro de cultura literária, mantendo o gosto literário e a cultura intelectual pela convivência, a emulação e o mundanismo.

No tópico seguinte apresentaremos o rei de D. João V, por ser no seu reinado, que a religiosa Marina Clemencia, Sórora Maria do Céu, recebeu influências externas e estímulos para escrever a obra *A Preciosa*, nosso objeto de estudo, pois acreditamos que a forma de relação que o D. João V firmou com os acontecimentos europeus induziram, de certa forma, o modo de pensar da religiosa em relação ao comportamento feminino.

## 2.2. O REINADO DE D. JOÃO V E SUA RELAÇÃO COM A EUROPA

D. João V, monarca português, foi o vigésimo quarto rei de Portugal. O seu reinado durou de 1707 a 1750, foi um dos mais longos da história lusitana. Nasceu a 22 de outubro de 1689, filho de D. Pedro II e de D. Maria Sofia de Neuburgo, foi aclamado rei em 01 de janeiro de 1707, com apenas 17 anos. Conhecido como “O Magnânimo” ou o “Rei-Sol Português”.

Silva (2010) aponta que a imagem de grandeza do Magnânimo está nas exposições de pompas e suntuosidades das construções de templos e palácios, nas celebrações e festividades, cujo objetivo era de construir uma imagem de rei

---

<sup>7</sup> Em 1580 o pleito decide pela Espanha e com apoio de uma parte da nobreza, com jurisprudência política da época, com o geral desalento das virtudes cívicas e com a força das suas hostes, o rei espanhol consegue entrar em Lisboa e ser jurado, em Tomar, rei de Portugal. Durou essa monarquia dual sessenta anos, de 1580 a 1640. (FIGUEIREDO, 1960)

que transmitisse a sua magnificência, ou seja, poder e liberalidade aos seus súditos.

Casou-se a 9 de julho de 1708 com D. Maria Ana da Áustria, irmã do imperador austríaco Carlos III. Segundo Barata (2001), o casamento de D. João V firma uma aliança com a Áustria que teve um vasto significado político, cultural e econômico.

Não é de estranhar que, na guerra do final do século XVII, e após uma aproximação da França, Portugal irá se aliar à Áustria e às potências marítimas, à Inglaterra e à Holanda, a vários principados alemães, à Dinamarca e à Sabóia [...] basta lembrar, como exemplo, o que representou a experiência da corte austríaca para Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal, o célebre ministro de D. José I, (BARATA, 2001, p. 194)

Diversos tratados são firmados entre reinos, entre eles o Tratado de Merthuen, firmado em 1703 entre Portugal e Inglaterra, e que acordava que Portugal tinha como obrigação permitir a entrada de lanifícios ingleses, e a Inglaterra comprometeu-se a taxar os vinhos portugueses em menos de um terço em relação aos vinhos de outra proveniência, segundo Barata (2001). E, apesar de ser o produto de maior exportação, outros produtos agrícolas também tiveram um crescimento considerável no século XVIII, como o arroz, batata, milho e o azeite.

Em conformidade com Barata (2001), o Tratado de Merthuen também acordava em relação ao Brasil, o ajustamento da fronteira com a Guiana Francesa, na região do Amazonas, bem como a Espanha no Rio da Prata. Nesse sentido, a aliança firmada com o casamento de D. João V aproxima Portugal dos interesses da Inglaterra, da Áustria e da Holanda.

A colaboração de Portugal na política da Grande Aliança, posta de lado a hipótese de apoio ao partido Bourbon, defendida, não obstante, como alternativa, na corte de D. Pedro II, motivava a aproximação dos interesses de Portugal com os interesses ingleses, austríacos e holandeses. E nesta opção de aliança tinha pesado, não só a vontade do afastamento da aliança França-Espanha, mas também a procura de garantia para os interesses ultramarinos. (BARATA, 2001, p. 195)

Nos tratados de finais de Guerra da Sucessão da Espanha, os de Utrecht (1713) e Rastadt (1715), redefinem a situação internacional, na Europa, na Ásia e na América.

No ultramar, onde os conflitos se tinham estendido à Costa da Acádia, à zona do Rio de Janeiro, a Holanda perdia os direitos que detivera nos territórios da Baía de Hudson, Londres ficava com os contratos de provimento de escravos à Espanha. [...] A Inglaterra exigia que a França destruísse a fortificação Duquerque e indenizava a França à custa da Holanda. [...] (BARATA, 2001, p. 118)

Portugal pediu que nesses tratados fossem acordados a seu favor, a composição de uma barreira, ou seja, uma zona fronteira com praças de garantia entre Portugal e Espanha. “Seria a “Barreira” semelhante à que fora pedida pela Holanda em relação à França.” (Barata, 2001). Porém, não obteve sucesso, o que Portugal obteve foi a Colônia do Sacramento.

Também coincide com o reinado de D. João V, “o reforço das relações de Portugal com Roma e a plena afirmação do absolutismo, na sua feição paternalista”, de acordo com Barata (2001). Os Tratados também acordavam no âmbito internacional, que a Inglaterra aceitava a nova sucessão na coroa inglesa da Dinastia Hanover, onde o novo rei era tronado por juramento perante o parlamento e não mais por direito divino. A rivalidade entre a França e a Inglaterra prosseguiram pelo século XVII, ao mesmo tempo que prosseguiram os conflitos entre Portugal e Espanha sobre a Região Platina e os limites do Brasil.

Em meados do século XVIII, no Tratado de Madri (1750), a Espanha com o intuito de se aproximar de Portugal e da Inglaterra, cede terreno quanto aos limites do Brasil.

O reinado de D. João V foi caracterizado pela neutralidade nas questões políticas europeias, com a fidelidade do seu reino à Inglaterra.

O Magnânimo também logrou estabelecer uma rede diplomática eficiente. Nesse período, a nação alcançaria grande prestígio internacional, as relações do Estado com a Igreja, outrora abaladas, foram, aos poucos, estreitando-se, e, em 1747, já próximo ao fim de seu reinado, logrou grande vitória ao ser-lhe concedido o título de “Fidelíssimo” pela Cúria Papal. (SILVA, 2010, p. 36).

Barata (2001) afirma que durante o reinado de D. João V fica evidente, por mais de uma vez, a neutralidade do seu reinado nas questões europeias, onde a preferência pela dimensão atlântica e ultramarina era clara.

O reinado de D. João V foi considerado por Barata (2001), a época áurea do absolutismo em Portugal, e que teria correspondido a uma época de visão imperial voltada para a arte e a cultura.

O rei de Portugal desenvolve uma política de prestígio internacional possibilitada pelo fortalecimento institucional e cultural e pelo apoio material [...] No domínio interno Lisboa progredia como mercado de interesse internacional: o tráfico ultramarino, as manufaturas, as construções urbanas, as academias, o esplendor artístico do barroco joanino referenciam um reinado longo e próspero. (BARATA, 2001, p. 120)

Segundo Barata (2001), o ano de 1750 teve como marco as relações internacionais. A neutralidade do reinado de D. João V foi a defesa equilibrada que a política portuguesa adotou, e que surge num novo contexto, porque correspondia a capacidades e recursos, tanto interno como externo. Compreendendo assim, a desconfiança da França a Portugal, relativa à neutralidade assumida. Considerando Portugal aliado da Inglaterra, a França opõe-se a presença de Portugal nos Congresso de Cambrai de 1721 a 1722, onde se realizaria as negociações entre a França e a Espanha. Porém a França com receio da Inglaterra, aproxima-se da Inglaterra e se afasta da Espanha, recusando o casamento de D. Luís XV com D. Maria Ana Vitória, e prefere o casamento do seu rei com a filha do rei da Polónia. Iniciou-se o 'jogo diplomático' da França, que mais tarde se reaproximou-se da Espanha na luta contra a Áustria e seus interesses continentais.

Nos meados do século XVIII que Portugal debatia a necessidade de reformular seu regime econômico. Eis aqui, uma condensação de como Portugal se relacionou com a Europa, no reinado de D. João V até a sua morte em 1750. e é dentro desse contexto que Sórora Maria do Céu redige *A Preciosa*, em dois momentos, 1731 e 1733.

No próximo tópico, trataremos do contexto socioeconômico e de maneira superficial, pois exigiria estendermos para além do tempo limitado por nós na pesquisa, mas o faremos de forma que possamos nos situar no cenário socioeconômico em que Sórora Maria do Céu foi educada, e assim sendo de pertinência para a análise da obra.

### 2.3. PORTUGAL: SOCIOECONÔMICO DO SÉCULO XVII E XVIII

Portugal, durante os séculos XVII e XVIII, especialmente após o fim da União Ibérica (1640), se encontrava em uma realidade de estruturação de Estado. Rossini (2010) evidencia como uma das possíveis medidas para equilibrar a balança comercial foi a de reduzir a importação de cereais, mas que não poderia ser realizada rapidamente, pois geraria escassez e colocaria em risco a ordem social e o fomento da produção nacional de alimentos, uma atitude arriscada, por seus efeitos serem a longo prazo e contrariava os interesses da aristocracia.

Portanto, como evidência Rossini (2010), só restava a medida de reduzir a entrada de produtos manufaturados substituindo-os por nacionais. Foram implantadas medidas incentivadoras de criação de manufaturas com privilégios fiscais e de mercado, como resultado de tentativa de industrialização. Introduziram-se técnicas e técnicos, aumento do preço de venda de produtos importados para amenizar o déficit da balança comercial de Portugal e para diminuir a importação de produtos ou comutar produtos estrangeiros pelos nacionais.

Para tanto, montou-se um sistema de incentivos conducentes à criação de manufaturas por meio da coordenação das atividades, organização do fornecimento de matérias-primas, standardização das vendas e tarifas fiscais, medidas tendentes a facilitar a comercialização dos produtos e até pela reserva de encomendas para o Estado (...) aumento do preço de venda dos gêneros importados, o que, além de reduzir a margem de lucro dos negociantes diminuía a saída das divisas. (ROSSINI, 2010, p. 120)

Além da indústria, a agricultura e o comércio foram focos de atenção governamental no período em questão. Fomentou-se a agricultura no Brasil nutrindo as fábricas portuguesas. Cria-se companhias de comércio com o objetivo de unir os espaços agrícolas com os industriais. Conforme Arruda (2001), os produtos advindos da colônia brasileira perfaziam 60,6% do total das exportações portuguesas, convertendo em recursos monetários, créditos, letras de câmbio e pagamento, favorecendo a balança de Portugal e, conseqüentemente, equilibrando-se com a balança inglesa.

Nessa perspectiva, Rossini (2010) aponta que a política adotada era uma combinação de restrições à importação, fomento à produção nacional e investimentos em infraestrutura. E como meio de garantir o sucesso dessa medida o Vedor da Fazenda, Conde de Ericeira<sup>8</sup>, promulgou três pragmáticas, que são decisões tomadas pelo rei com valor de lei, e cuja finalidade era a de restringir o uso de gêneros importados.

Segundo Rossini (2010), na primeira pragmática, em 1668, proibia-se qualquer pessoa, independentemente de suas condições financeiras, de utilizar tecidos ou qualquer adorno estrangeiro. Na pragmática de 1677 promulgou-se a proibição para qualquer pessoa, indiferentemente do seu título, o uso dos mesmos adornos. E na pragmática de 1686, reafirma-se as disposições das pragmáticas anteriores, evidenciando a importância do seu cumprimento.

O status dos portugueses era formado pelas posses de terras, cavalos, serviçais e escravos, pela casa, e por tudo dentro dela. Os vestuários e os adereços de cada morador constituíam valores simbólicos que os certificavam em posição privilegiada na sociedade, e este consumo excessivo foi limitado pelas pragmáticas, pois a população estava gastando mais que podia, para obter e manter a posição de privilégios.

Para tanto, de acordo com Rossini (2010), as pragmáticas foram para legitimar e instruir a população das novas medidas que influenciaram no modo e costumes dos portugueses, pois, até então, as casas que eram retangulares,

---

<sup>8</sup> Um ramo da Casa de Cantanhede, os futuros Condes da Ericeira eram já senhores do Lourçal e da Ericeira antes de receber o título condal, em 1622. D. Francisco Xavier de Meneses (1673-1743), 4.º Conde da Ericeira, foi principalmente um homem de cultura, inserido no ambiente das Academias, e colaborador da Academia Real da História Portuguesa. Possuía uma riquíssima biblioteca de quinze mil volumes. (SOUZA, 1755)

média de 50m<sup>2</sup>, aumentada em andares. De poucas divisões passaram a ter mais divisões, como as câmaras de dormir, cozinhas, zonas para trabalhar.

O pavimento continuou de terra batida, eram raras as moradias com chaminés e privadas. As casas eram caiadas com raras exceções pintadas, e os revestimentos mais luxuosos tinham o recurso de azulejo importados de Marrocos e de Castela<sup>9</sup>. A construção “casa” englobava os anexos, como os celeiros, curral, estrebaria, quintal, dentre outros. O dono do terreno podia construir e morar, também podia ceder para a construção por meio de um contrato, no qual o proprietário do solo cedia à exploração ou o domínio útil da casa, a um cessionário que habitava ou alugava.

Segundo Braga (2011), o contrato de cessão era então feito com tempo de vigência de anos (arrendamentos), de vidas (emprazamentos), ou perpétuo (aforamentos), assim como eram os contratos rurais (exploração agrária).

O tipo de contrato dominante era o aforamento. Era o mais equilibrado. Podia ser de uma a quatro vidas (as vidas dos foreiros propriamente ditas). O mais comum era o contrato de três vidas. Por exemplo, os membros do casal e um filho. Quando se passava de uma vida para outra pagava-se a lutuosa (igual a um foro). Independentemente do tipo de contrato, o foreiro ficava obrigado a um pagamento de um foro, a renda senhorial, a qual podia ser composta por dinheiro, gêneros alimentares (quantidades de azeite, trigo, galinhas, de entre outros) ou obrigação de mandar celebrar um número variável de missas. (BRAGA, 2012, p. 95-96)

Não desigual dos outros bens, a terra foi, em toda a época moderna, uma garantia de riqueza, poder e status social, mas a repartição de terras era desigual. Para Braga (2012), havia, no meio popular, pequenos proprietários na zona urbana, como era o caso dos comerciantes, oficiais de poder central e local, artesãos e profissionais liberais. E, no meio rural, a maior parte dos donos de terras era de lavradores com posse de gados e instrumentos agrícolas, os mesteirais<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Após as pragmáticas utilizou-se azulejos portugueses (os importados apenas em situações de maior poder econômico). (BRAGA, 2012)

<sup>10</sup> Donos de terra que trabalhavam nela com o intuito de aumentar a renda. (BRAGA, 2012)



No que se refere aos mobiliários<sup>11</sup>, eram pouco diversificados e especializados com madeiras de vários continentes, crescendo a quantidade de móveis por habitação, porém eram pouquíssimos mobiliários declarados, uma peça ou outra nas atividades ligadas ao trato (mercadores e homens de negócio), aos cuidados da saúde (médicos,) e aos ofícios (alfaiate, ferreiro, ourives). As prateleiras aparecem no século XVIII, e a partir daí define-se que móveis novos eram os que estivessem em bom estado de conservação, e os velhos, em má conservação. O tipo de mobiliário, o estado de conservação e o tipo de madeiras<sup>12</sup> utilizadas na produção determinavam o preço das peças.

Conforme Braga (2012), apesar de Portugal produzir lã, linho e seda, faltava matéria prima. Portugal produzia peças de vestuário, de cama e de mesa. A maioria dos têxteis era produzido no ambiente doméstico e destinava-se ao consumo próprio e ao da comunidade e, devido ao incentivo às indústrias, essa produção artesanal tentava sobreviver juntando-se com a produção fabril.

Dando continuidade às informações de Braga (2012), nas fábricas era obrigatório o funcionamento de escolas de artífices, onde se aprendia um ofício útil à comunidade. Os lençóis, toalhas e guardanapos eram uma preocupação das mulheres, e, também um investimento diversificado em relação à decoração, na qual, algumas mulheres aplicavam seus dotes manuais.

Ainda de acordo com Braga (2012), o trabalho manual estende-se a um lugar importante e sempre estabelecido às mulheres como sendo parte de uma preparação para o casamento, apesar de que os conhecimentos com a saúde, as receitas caseiras, os afazeres da cozinha, o preparo dos alimentos, a fiação e tecelagem serem destinados a todos os integrantes da casa.

De acordo com Braga (2012), o regime alimentar continuou a variar conforme a abundância e os preços, e era baseado nos cereais, na carne e no vinho e nos artigos de luxo como o chá, café, chocolate e laticínios. Essa alimentação era rica em energia e proteínas, mas deficitária em vitaminas. Seu valor como bens estava na quantidade significativa e nos alimentos que se podiam conservar, como é o caso do açúcar, cacau, bacalhau e o mel, entre

---

<sup>11</sup> Define-se móveis como qualquer objeto destinado a uso ou ornato das casas da cidade ou do campo. (BRAGA, 2012)

<sup>12</sup> As madeiras mais valorizadas eram as orientais e as brasileiras (BRAGA, 2012)

outros, porém seus preços eram estipulados pela possibilidade de venda no mercado e, sendo assim, poderia ser revertida em dinheiro para servir no sustento familiar.

A carne, não obstante a ser a base da alimentação dos grupos médios e superiores, continuou um produto de luxo, sendo o seu consumo socialmente prestigioso e um critério essencial de nível de vida. [...] Apesar da diversidade de espécies consumidas, havia uma hierarquia traduzida na qualidade e no preço. As carnes mais caras e mais apreciadas eram a vitela e a vaca, havendo ainda que referir as peças de caça, obtidas através da compra e sobretudo dos passatempos da aristocracia. (BRAGA, 2012, p. 161-162)

Em se tratando de prata, é um outro meio de entesouramento e de ostentação português, no século XVII, os ourives produziram obras bastante diversificadas que confluíram em estilo de peças de influência maneiristas e posteriormente barroca. (BRAGA, 2012).

De acordo com Braga (2012), a produção e o uso de peças do vestuário atavam-se às questões dos diferentes tipos de tecidos que eram fabricados, bem como seus valores em termos econômicos, de importação têxtil e de couros enquanto matérias-primas, à moda usada no período e, também, à questão moral. Pois, os vestuários eram controlados pelas autoridades para que não se atentasse à segurança da moralidade e a ordem. Inclusive os vestuários das prostitutas não ficavam de fora desse controle. Cada grupo de pessoas era identificado pelas suas vestes, pois a diferença do vestuário era gritante. Para uns o gosto e obsessão de seguir a moda nos Séculos XVII e XVIII, com tecidos caros, joias e cabeleiras e, para outros, apenas uma necessidade fisiológica de proteção contra o frio ou calor, com tecidos baratos e ausência de adornos de qualquer espécie.

A indumentária de luxo terá sido uma das grandes tentações de todos os grupos sociais. Não esqueçamos que, às funções de proteção do corpo e do pudor, o vestuário revelava e revela a personalidade de quem o usava, e, na época em estudo, identificava perante que tipo de pessoa se estava. O traje sobressaía pela função de comunicação que emanava, dando de imediato a conhecer sexo, idade, estado matrimonial, atividade profissional e, naturalmente, posição social. (BRAGA, 2012, p. 204)

Usava-se tecidos como cambraia, linho, lã, seda, algodão, chameleote e veludo, entre outros. As cores variavam entre a camurça, castanha, chumbo, palha, pérola, sangue de boi, de fogo, de cana, preto e de café. Os acessórios eram fita, fios de ouro, rendas, véus, botões, lenços de seda, meia e calçados<sup>13</sup>.

Ainda em conformidade com Braga (2012), a exploração do ouro e das gemas do Brasil incentivou a posse de joias nos grupos sociais mais elevados, e até nos intermediários. No século XVIII, a joalheria e as alfaias litúrgicas produzidas em ouro entre os leigos e eclesiásticos aumentaram e variaram em tipologia das peças, em variedades, em quantidades e em qualidades, todavia o diamante, o rubi e a esmeralda eram quase de uso exclusivo da Casa Real e da grande nobreza.

Segundo Torres (1994), no final do século XVII, a Inquisição<sup>14</sup> Portuguesa tinha a função de fiscalizadora, repressora e penalizadora dos desvios religiosos e de comportamentos mais graves, sofre uma ruptura resultando em suspensão das ações repressivas ao crescimento da criação de Familiares<sup>15</sup>.

[...]a necessidade de a Inquisição examinar rigorosamente as ascendências linhagísticas dos seus ministros e oficiais, e de todos os seus colaboradores, para que a “fortaleza dos Estados” (como se dizia do palácio do Conselho Geral), não fosse infiltrada por solidariedades insuspeitas, conduziu a Inquisição à montagem, mais ou menos instável, de uma rede de Comissionários e Notários particularmente especializados nas “diligências” de inquirição genealógica, permitindo à Inquisição

---

<sup>13</sup> Muitas pessoas andavam descalças, que era um sinal de pobreza e de exclusão social. (BRAGA, 2012)

<sup>14</sup> A Inquisição Portuguesa, também conhecida como *Tribunal do Santo Ofício*, foi uma instituição da Igreja Católica que perseguia, julgava e punia pessoas acusadas de cometer crimes considerados heréticos. A heresia mais frequentemente perseguida pelo tribunal eram as alegadas práticas judaizantes dos chamados Cristãos-Novos. As suas datas de fundação e extinção são respetivamente 23 de maio de 1536 e 31 de março de 1821. Foi formalmente instituída em Portugal por meio de uma solicitação de 1515 em que o Rei D. Manuel I havia requisitado a instalação da Inquisição, para poder cumprir com um compromisso de casamento que havia selado com Maria de Aragão. No entanto, foi apenas depois de sua morte, em 1536, durante o reinado de D. João III, que o Papa Paulo III concordou com sua fundação. A inquisição Portuguesa cobriu todos os territórios do Império ultramarino português. (RESENDE e SOUZA, Jan/Abril 2016)

<sup>15</sup> Cooperadores leigos da Inquisição e da atividade repressora que se apresentava como processo de legitimação da promoção social, faziam tudo que ordenavam, sem uma função específica. (TORRES, 1994)

lograr o monopólio objetivo de uma determinação fiável sobre a “pureza do sangue”. (TORRES,1994, p. 23)

Dessa forma, foi legitimado a promoção social por meio do poder de distribuição da riqueza e, em 1580, as atividades da Inquisição funcionavam com autonomia, com órgãos e funções bem definidas, regulamentadas e estáveis. O espaço social e cultural se expandia geográfica e socialmente, aumentando o risco de contaminação cultural.

No entanto, Rossini (2010) diz que a ostentação viciosa dos portugueses ludibriou as ordens advindas das pragmáticas. A aristocracia e o clero também se sentiram lesados na suntuosidade, e os pequenos produtores se rebelaram contra o incentivo manufatureiro para as indústrias.

Segundo Paiva (1991), em uma perspectiva de controle social, a administração da Igreja era estruturada em dois aparelhos: A Câmara Eclesiástica ou Mesa Episcopal, era lugar de resolver questões de assuntos da natureza espiritual<sup>16</sup>, as atividades eram exercidas sob a supervisão do provisor, que era um cargo abaixo do bispo na hierarquia de importância, e havia um escrivão cuja recomendação era que fosse pessoa de muita confiança devido ao fato de escrever assuntos de suma importância da diocese, e ligados ao bispo e desembargadores. O outro aparelho era a Auditório Eclesiástico, onde se decidia todas as discussões e casos, crimes que o foro eclesiástico tinha competência.

A Igreja pretendia, de acordo com Paiva (1991), fazer com que a população agisse conforme os padrões de comportamentos cristãos. Para isso utilizava do mecanismo de visitas pastorais que orientava, supervisionava e castigava os membros da comunidade caso qualquer membro viesse a infringir algum padrão de comportamento e, assim, conservava os bons costumes, aplicava os castigos convenientes, ensinava o caminho da salvação, incitava os fiéis à virtude, à paz e à conformidade.

O leque de casos denunciados era bastante alargado. Em termos quantitativos os mais representados eram os delitos <<morais>> (neste grupo incluímos todos os casos de comportamento sexual e vida familiar irregulares aos olhos da

---

<sup>16</sup> Assuntos referentes às cartas de cura, licença de confessar, registro de matrimônio, transladação de ossada de defuntos, dentre outros. (PAIVA, 1991)

Igreja, amancebamentos, praticas abortivas, alcoviteirice, cedência de casa para praticas imorais – (PAIVA, 1991, p. 89)

Para Paiva (2012), o que a Igreja pretendia era regular o comportamento sexual e familiar da população no século XVII, porém mesmo com o aparecimento de novos delitos como é o caso de embriaguez, de “má língua” (injúrias verbais), os relacionados com a contrariedade à normatização de conduta continuou crescendo no decorrer do século XVIII.

Na tentativa de controlar e punir as violações de comportamento padrão, eram realizadas visitas regularmente pelo visitador<sup>17</sup>, sendo que o comparecimento dos membros da comunidade era obrigatório, e a ausência era punida com um pagamento de multa. Essas visitas incitavam um determinado comportamento, pois havia um temor de ser denunciado por membros da sociedade em que estavam inseridos, e que, de certa forma, inibia o não seguimento das normas de comportamento impostas, ou pelo menos alguns se comportavam quando as visitas estavam para acontecer, num esforço para não serem denunciados pelos vizinhos ou por pessoas próximas. E outros, ainda, ameaçavam as testemunhas de seus delitos para que não fossem denunciados.

Esse mecanismo de visita era bem-sucedido, já que a maioria dos acusados de desvio de comportamento não reincidiam nos delitos, cumpriam suas pronúncias (castigos) sem recusar ou pestanejar, dado que a recusa lhes ficava mais cara financeiramente.

Conforme Torres (1994), com o tempo as visitas não surtiam mais tanto efeito pois surgiram grupos de reincidentes que não restauravam o comportamento e outros grupos que eram acusados de delitos múltiplos. Em muitos casos essas reincidências passavam do nível individual para o familiar, pois atuava como solução de conflitos e, em alguns casos, a acusação era somente por vingança, já que um acusado podia futuramente aparecer como testemunha em outros casos de denúncias de delitos, gerando assim uma solidariedade de vingança entre as famílias acusadas.

---

<sup>17</sup> O visitador era um membro da rede de arcediagados, isto é, um vigário geral, e de paróquias durante o século XVII e quase todo século XVIII; já que nos finais do século XVII incluem na função de visitador membros do arciprestados, ou seja, responsáveis pela correta execução dos deveres eclesiais. (PAIVA, 1991)

A eficácia ou a ineficácia das visitas era resultado de cumprimentos das ordens deixadas aos membros dos casos julgados, visto que o visitador permanecia na comunidade por um ou dois dias dependendo da quantidade de denúncias.

Actualmente é já possível determinar a existência de uma completa rede de controle do cumprimento das disposições visitacionais que obrigavam uma organização apurada da Câmara e do Auditório Eclesiásticos, com o seu vasto corpo de funcionários, que possuíam uma capacidade organizativa e burocrática efectiva para controlar a grande quantidade de pessoas culpadas com processos em fases distintas [...] (TORRES, 1994, p. 105)

Esse domínio obrigava a uma quantidade enorme de visitas e permanência da Igreja nas comunidades. Um segundo meio de fiscalização era o “Livro de Extractos de culpados” onde eram registrados os culpados com as pronúncias que eram obrigados a cumprir facilitando ao visitador a administração do cumprimento do pagamento dos acusados.

As visitas não eram a única conexão da Igreja com a população. Havia um elo eclesiástico de uma ação pastoral que colocavam os representantes da Igreja junto à população no dia a dia, e isso exigia uma grande responsabilidade de transmitir a mensagem espiritual da Igreja, bem como a de servir de exemplo de conduta aos seus fiéis, e principalmente a de ser um representante de Deus. Tais funções e ações naturalmente posicionaram a Igreja como um mecanismo de controle social.

Outro setor que sofreu drásticas e fortes mudanças no período estudado foi o educacional. A filosofia moderna teve seu momento mais importante durante o século XVII e a primeira metade do século XVIII, porém se iniciou no Século XVI, quando D. João III<sup>18</sup>, fez um reinado de investimento na cultura e recebeu muito bem, a Companhia de Jesus.

Neste século XVI, Portugal se destacava entre alguns países por sua economia, período de navegações portuguesas em busca de novas terras e de

---

<sup>18</sup> D. João III nasceu em 1502 e, segundo frei Luís de Sousa, teria começado a receber as primeiras letras aos 04 anos, assumiu o trono aos dezenove anos, era um jovem a quem as circunstâncias obrigavam a dirigir uma nação em uma fase extremamente difícil, onde a nação avultava no primeiro plano de conhecimento. (CARVALHO, 2001)

especiarias, ouro, pimenta, noz moscada, cravo e canela e assim, fortalecer o comércio.

Segundo Oliveira (2015), a sociedade europeia estava imersa em transformações nas esferas sociais, econômicas, culturais e religiosas e que se estenderam por todo o século XVII. Em se tratando dos aspectos culturais, o século XVI se volta para a natureza e para o ser humano, com reconhecimento do valor social do trabalho e da atividade humana.

Todo comportamento estava enraizado em posturas e comportamentos, que buscava a formação de um ser humano moderno com princípios no cristianismo.

Ser cristão, nesse século XVI, era princípio social e que deveria ser valorizado por todos integrantes da sociedade, onde a Igreja tinha que ser vista, não somente pelos fins religiosos, mas também com objetivos de integrar os fiéis na sociedade moderna. E era o rei que ordenava as ordens sociais, ele era o centro das decisões.

A fé permeava todo o cenário luso, ela embasava os acontecimentos da esfera social. E, no que tange aos papéis sociais e suas consecutivas tomadas de decisões, ao rei cabia orientar e administrar seus subordinados como governantes, capitães e afins. Era o rei quem escolhia e determinava as atribuições referentes ao clero. Enquanto isso, o governante organizava as práticas sociais. (OLIVEIRA, 2015, p. 35)

Nesse sentido, se faz necessário atentarmos para o fato que no intuito de fazer valer o poder do rei, as faltas de obediência aos atos do monarca referidas ao social, eram julgadas como transgressões, porém o indivíduo poderia arrepende-se evitando assim, castigo maior e era da Igreja a função de perdoar ou não, fato esse de importância para a nossa pesquisa.

Nesse contexto de mudanças política, econômica e social, onde a fé embasava toda a sociedade, a Companhia de Jesus, sendo uma ordem religiosa que se preocupava com a teologia, a filosofia escolástica, e, também com as ciências naturais, desenvolvia uma atividade educacional, que se constituía,

Princípio [de] casas de formação da própria ordem, seminários de futuros jesuítas, e, posteriormente, tais instituições se abriram para jovens em geral; de colégios particulares, alguns passaram à condição de públicos, no sentido de serem abertos para quem

quisesse lá estudar, independente se desejavam seguir a carreira eclesiástica. (OLIVEIRA, 2015, p. 57)

Portanto, o campo intelectual foi de mente voltada ao estado laico e passaram a ter conteúdos que se referenciavam um bem comum, após a formação deixava de ser especificamente voltada para a formação de jesuítas.

A educação jesuítica era igual em todas as instituições de ensino administradas por eles. Atendendo ao objetivo de um projeto de expansão da Companhia de Jesus, durante todo o século XVII, foram criadas novas escolas em território português, nas Ilhas Adjacentes e no Ultramar, sendo assim o objetivo de ensino, a programação escolar, os compêndios escolares e a metodologia aplicada não possuíam qualquer tipo de ligação de valorização nacional. Porém, em 1690, a criação de algumas novas escolas levantou manifestações populares<sup>19</sup> fortemente tensas que fizeram os jesuítas desistirem do respectivo projeto.

Nesse jogo de controle, as escolas e Universidades não foram poupadas das visitas do Inquisitor, por haver denúncias escandalosas, e em grande quantidade afloraram no setor educacional, no qual todos denunciavam uns aos outros, mestres e estudantes. As denúncias iam desde o jeito de abrir o livro até no manuseio da ampulheta para controlar o tempo em benefício de protegidos. Posto isso, o século XVIII foi mais um período de preparação de mudanças comportamentais. Fato esse, ser de importância para nossa análise da obra *A Preciosa* e assim atingirmos nosso objetivo.

É importante ressaltar, que para além dos aspectos educacionais, Almeida(2003) tomamos o conceito de educação como algo abrangente, que transcende as barreiras de uma instituição escolar, que se realiza por intermédio das relações sociais, colocado isso, no próximo tópico, abordaremos a educação e suas mudanças, principalmente no que se refere a educação feminina. Para isso, avançaremos um pouco além do nosso período de estudo, para ficar mais claro a importância que teve as obras escritas no século XVII e meados do século

---

<sup>19</sup> A manifestação contra a escola nova era justificada pelo motivo que a Companhia de Jesus afastava os moços dos trabalhos do campo e da oficina, prejudicando a produção. (CARVALHO, 2001)



XVIII, no sentido de preparar os indivíduos e guiar seus comportamentos para a transformação que estava por acontecer.

#### 2.4. COMPORTAMENTO DAS MULHERES NOS SÉCULOS XVII E XVIII

Nesse tópico temos o objetivo de apresentar em linhas gerais a condição feminina no contexto do século XVII e XVIII, evidenciando as expectativas sociais que recaíam sobre elas, enquanto parte de um projeto social de desenvolvimento e modernização.

Por muito tempo as mulheres foram vistas em uma situação de subordinação e dependência do pai e posteriormente do marido, como um objeto sexual do homem e de reprodução. Nos afazeres domésticos a educação feminina era restrita a bordar, cozinhar e costurar, e as instruções eram dadas por sua mãe, escrava, governanta e tias. Nesse sentido, as mulheres trabalhavam em seus lares em favor da Igreja, do catolicismo, educando os filhos sob as regras da moral e levando os maridos para o convívio da Igreja, fortificando o papel da mulher como mãe, esposa e do lar.

A Educação formal era destinada aos filhos da elite, mas não eram todos. Os primogênitos e as mulheres não frequentavam. A eles eram destinados por herança o administrar das terras e às mulheres era administração da casa, das escravas e cuidar dos filhos. [...] As mulheres eram inferiores, sem capacidades intelectuais e imaturas. Ficando sem uma educação formal evitaria a disputa com os homens e seriam melhor controladas pelo patriarcal. (RIBEIRO, 1997, p. 74).

As mulheres foram um componente essencial para o movimento da Igreja, no que se refere a permanência do poder controlador nas mãos do clérigo. Com isso, impulsiona a construção de instituições religiosas para educar e abrigar as mulheres em condição de fragilidade social<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> As mulheres que não se casavam, as que não queriam se submeter a um casamento forçado, as que ficavam viúvas, as que manchavam a honra da família, as sem condições de sustento tinham no ingresso ao convento uma saída digna perante os olhos da sociedade. (ALMEIDA, 2003)

Somente as mulheres que ingressavam nos conventos, tinham seus primeiros contatos com a escrita, aprendem a ler para a leitura da bíblia, para o entendimento das missas e das horas de oração, aprendem a escrever,

o que interessa aqui salientar é o facto de a vida em alguns conventos poder oferecer às mulheres, mesmo às que permaneciam castas e observantes, um local de protecção, sim, mas também um local onde, livres do peso do matrimônio e da maternidade, poderiam desenvolver e aprofundar as suas capacidades intelectuais (HATHERLY, 1996, p. 275)

E outras, que se destacam nos conteúdos relacionados a administração, como a matemática, participam da organização administrativa do convento, fazendo compras, se relacionando com o mundo exterior com a finalidade de prover o sustento das enclausuradas. Podemos observar isso na passagem abaixo, que evidência como as religiosas ou simplesmente as internas iam assumindo responsabilidades e atribuições conforme o conhecimento apreendido fossem lhes capacitando.

Com o passar dos anos, Mariana<sup>21</sup> assumiu uma posição de destaque como responsabilidades estavam em encomendar itens como sabão e sal, necessários para a manutenção do convento e o bem-estar das freiras, bem como a supervisão das transações imobiliárias. (CYR, 2007, p. 48).

Em meados dos séculos XVIII, as práticas de sociabilidades femininas apresentam um início de transformação. Passa a ser permitido que as mulheres comecem a frequentar outros espaços além do lar e igreja, como teatros, óperas e conversar com homens em lugares públicos

Estabelece, nesse momento, uma diversidade de interesses entre a Igreja, guardiã da moral e dos bons costumes, e os interesses materiais do Estado Português, que procura, a todo custo, se desvencilhar do ônus das instituições religiosas, que foram muitas no Império. (ALMEIDA, 2003, p. 20)

---

<sup>21</sup> Soror Mariana do Alcoforado, uma famosa freira portuguesa do Real Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, onde recebeu instruções de letras, do Latim e Francês, ocupou cargo de abadessa, entre outros, por destacar na aprendizagem, administrava o convento que a propiciou realizar negócios com os homens seculares. (CYR, 2007).

Neste contexto, o trabalho manual entende-se como um lugar importante e sempre estabelecido às mulheres como sendo parte de uma preparação para o casamento, apesar de que, os conhecimentos com a saúde, as receitas caseiras, os afazeres da cozinha, o preparo dos alimentos, a fiação e tecelagem serem destinados a todos os integrantes da casa.

Para Algranti (1992), as mulheres no século XVIII eram vistas em situação de subordinação e dependência do pai e, posteriormente do marido, como um objeto sexual do homem e de reprodução, pois a preocupação dos familiares em relação à mulher era a de conquistar uma condição que permitisse que elas vivessem em segurança física, econômica e moral, ou seja, para a sociedade da época, a mulher, para ser respeitada, devia viver sob proteção masculina, já que sem essa proteção à virtude feminina<sup>22</sup>, caracterizada como vulnerável, ficava a mercê dos outros.

[...] é sempre posto em destaque o papel que ela desempenha na família, pois a vida da mulher está ligada à vida doméstica: - filha, mãe, esposa, enfermeira, governanta, reprodutora - o seu mundo é a casa, a sua ocupação - dir-se-ia mesmo, a sua profissão - é a família, o seu universo o da intimidade quotidiana. (HATHERLY, 1996, p. 270)

Conforme Gomes (2014), o papel das mulheres estava limitado à gravidez e a cuidar das crianças, ou seja, ao espaço privado do lar. Esse controle masculino fez com que as mulheres fossem consideradas inferiores, mais fracas, apêndices do homem, um instrumento de reprodução e que, por muito tempo, ficassem excluídas, sendo que a figura feminina era moldada pela Igreja, de acordo com as exigências da sociedade patriarcal.

A eles eram destinados por herança o administrar das terras e às mulheres era a administração da casa, das escravas e cuidar dos filhos. [...] As mulheres eram inferiores, sem capacidades intelectuais e imaturas. Ficando sem uma educação formal evitaria a disputa com os homens e seriam melhores controladas pelo poder patriarcal. (RIBEIRO, 1997, p. 74).

---

<sup>22</sup> Virtude feminina estava associada à honra porque a mulher era um bem e a perda da honra (prática dos atos sexuais fora do casamento) era um prejuízo a toda família. O casamento, indenização ou a clausura permitiam a recuperação da honra perdida. (ALGRANTI, 1992)

Portanto, para Ribeiro (1997), as mulheres, sem uma educação formal, ficavam reféns dos homens de suas famílias. Por não escreverem, encontravam-se sujeitas à necessidade de serem representadas por eles, pois eram eles que assinavam documentos que indicavam os bens que possuíam e, conseqüentemente, ficavam expostas aos enganos e roubos de propriedades. No entanto, o abuso não era somente financeiro, mas também moral, pois na sociedade da época o homem possuía poder absoluto e com direito de abusar desse domínio. Muitas mulheres sofreram situações humilhantes, como de abuso sexual e perda de bens e, sem ter como reagir ou denunciar, ficaram na miséria e desonradas.

Tanto as mulheres como os homens pobres não recebiam qualquer educação formal, porém as mulheres de classe média e alta eram iniciadas numa cultura específica de desempenhar as tarefas do lar. “Era duplo objetivo da educação para essas mulheres: primeiro, guiar a jovem no sentido de desenvolver os traços de caráter mais adequados ao casamento patriarcal; segundo, treiná-la naquelas funções mais úteis para a economia doméstica. (KING,1994. Pág.173)

Assim, a educação prevista para essas mulheres não desenvolveria sua mente, mas instigaria a obediência aos deveres familiares, pois os homens tinham muita coisa para fazer na rua e, assim, deviam ser educados de maneira ampla, enquanto as mulheres, apenas necessitariam de o mínimo de saber, não precisavam frequentar escolas.

Enquanto as mulheres da classe alta recebiam, em casa, instruções de uma educação tradicional, que consistia em uma combinação de ensino de caráter e de costura, outras mulheres, em instituições religiosas, tinham poucas instruções de aprendizagem, como a ler e depois a escrever. E essas poucas mulheres enclausuradas se destacaram em seus cargos eclesiásticos, por eles exigiram que as mesmas desenvolvessem seu intelecto nas negociações de manutenção dos conventos, sendo obrigadas a ter contato com o “mundo dos homens”, como é o caso da autora do nosso objeto de pesquisa, Sórora Maria do Céu.

Como já citado anteriormente, o comportamento das práticas de sociabilidade feminina começou a sofrer alterações no período em que Marina

Clemencia (Sóror Maria do Céu) escreveu seus livros, século XVIII, em particular *A Preciosa*.

As mulheres, começaram a frequentar outros espaços além do lar e da igreja, como teatros, óperas e conversar com homens em lugares públicos, desde que acompanhadas por maridos e homens da família.

As mulheres passaram a ter contato com a cultura, ampliaram seu convívio social e iniciaram uma luta contra a situação de fragilidade, mostrando que no seu cotidiano mantinham um bom contato com seus maridos, adquiriram condições de administrar seus bens e de receber a tutela de seus filhos e filhas, caso seus maridos viessem a falecer, caracterizando-as como detentoras de uma certa instrução.

[...] às mulheres era a administração da casa, das escravas e cuidar dos filhos. [...], e no período barroco a mulher não desempenha apenas esse papel na sociedade: ela é também *heroína*: dama ou cortesã, intelectual, artista, mística ou até santa, demonstra por vezes a sua capacidade de afirmação pessoal e mesmo uma espécie de proto-consciência-de-classe, antecipando claramente o feminismo moderno. (HATHERLY, 1996, p. 270)

Verney (1748) viu, nesse cenário, a necessidade de uma educação formal feminina voltada para a sociedade em meados do século XVIII, em um momento de transição de poder da Igreja para o Estado. A mulher permaneceria restrita ao espaço doméstico com funções dispostas dentro do seu papel social, cuja principal função era a de contribuir com a reforma social. O autor tem, como proposta educacional, o mínimo de elementos formativos, porém com suficiente formação para elas principiarem a primeira educação das crianças, iniciando, portanto, a formação da nova geração.

Quanto à necessidade, eu acho-a grande que as mulheres estudem. Elas, principalmente as mães de família, são as nossas mesmas nos primeiros anos de nossa vida: elas nos ensinam a língua; elas nos dão as primeiras ideias das coisas. E que coisa boa nos hão-de ensinar, se elas não sabem o que dizem? (VERNEY, 1748, p.123)

Verney afirma em sua carta destinada ao acesso das mulheres a educação, que as mulheres possuem a mesma capacidade de aprender, e argumenta que se

compararem uma freira moça da corte com um galego de meses, e verá quem leva vantagem. De que nasce esta diferença? Da aplicação e exercício que um tem e outro não tem. Se das mulheres se aplicassem aos estudos tantas quantos entre homens, então veríamos quem reinava. (VERNEY, 1748, p.123).

Assim, a educação prevista para estas mulheres, não desenvolveria sua mente, mas instigaria a obediência aos deveres familiares pois os homens tinham muita coisa para fazer na rua, e assim deviam ser educados de maneira ampla, enquanto as mulheres, apenas necessitavam do mínimo saber para que assim, pudessem dar os primeiros ensinamentos a seus filhos e administrar a casa. Tais responsabilidades, conforme Godoy (2018), foram utilizadas pelas mulheres setecentistas lusitanas como mecanismos que permitiram a sua inserção, a partir de uma vida religiosa, na transformação da Literatura de Portugal, pois até então as escritas eram basicamente constituídas pelos manuais de bom comportamento, que ensinava e ditava as regras de conduta de todos os membros da família, especialmente no que se refere às mulheres, como podemos verificar no livro *Honradas e Devotas: Mulheres da Colônia*, de Leila Mezan Algranti, que realiza um estudo sobre a sociabilidade e os papéis femininos por meio dos sentimentos de homens e mulheres em meados do século XVIII e início do século XIX.

A multiplicidade das funções que os conventos e recolhimentos assumiram revela não só porque faltavam na América estabelecimentos específicos para atender à diversidade de situações que a vida no ultramar impunha, mas principalmente que a virtude feminina continuava a ser um valor marcante nos códigos de conduta social do conjunto da sociedade. Membros da elite ou das milícias, comerciantes, boticários e homens pobres exigiam de suas filhas e esposas o papel de guardiãs da sua honra. (ALGRANTI, 1992, p. 174)

Podemos citar, dentre outros, o texto *O Sexo Devoto: normatização e resistência feminina no Império Português – XVI – XVIII*, de Suely Almeida, que inicialmente apresenta a condição social feminina das que nasciam fora da

segurança do lar oficial, do destino do claustro a que eram obrigatoriamente submetidas. A autora relata as normas e regras dos estatutos desse recolhimento conventual, porém essas mulheres, que nasciam sem um futuro social, lutavam pela sua sobrevivência e de seus familiares, iniciando um movimento que se originou naturalmente pelas condições a que estavam submetidas.

De acordo com a documentação analisada, podemos afirmar que foi em busca de segurança, status social ou proteção que as mulheres procuraram soluções para seus problemas cotidianos. [...] O ideal de mulher enclausurada, casando virgem, responsável pela casa, pelo bem-estar da família, subjugada pelo marido, era situação sonhada por todos que teriam algo a perder socialmente caso não fossem alcançados tais objetivos. Nada mais ilusório. A população pobre agia, reagia e possuía regras de condutas próprias. (ALMEIDA, 2003, p. 16)

Diante do exposto, os séculos XVII e XVIII foram marcados por alterações de poder, e conseqüentemente de transformações econômicas que, por sua vez, provocaram transformações sociais. A igreja por meio de escritas de manuais e regras de comportamento, intentou manter seus fiéis dentro dos preceitos religiosos.

E, assim, na próxima seção faremos um panorama geral desses manuais de comportamento, bem como a Igreja os utilizava para reger a sociedade. Apresentaremos também a Literatura da época, pois é de importância para que, posteriormente, possamos relacionar a educação do momento com a literatura utilizada pela Marina Clemencia .

### 3. LITERATURA RELIGIOSA: UMA FORMA DE CONTROLE SOCIAL OU DE TRANSGRESSÃO.

Nesta seção faremos uma apresentação da Literatura Religiosa e do conceito de literatura e sua relação com os acontecimentos no século XVIII, além de mostrar como a Igreja se utilizou dessa ferramenta para controlar os fiéis, objetivando levá-los a um caminho de virtudes para a salvação divina.

Segundo Almeida (2003), além dos manuais e regras de comportamento, as escritas religiosas também eram utilizadas em formas de testamentos, pois os familiares eram proibidos de redigir e, assim, a redação dos documentos de herança ficava sob a responsabilidade de um sacerdote, norma essa que compõe os manuais de bem morrer, desde o século XVI, por necessidade de estar ainda com saúde e com consciência perante a incerteza de uma morte repentina.

No século XVII aparece obras de lirismo cujos autores são imitadores ou tradutores de escritores pertencentes à Espanha, Itália e Inglaterra. A seguir, surge poesias da época ou narrativas de atos heroicos de maneira a engrandecer e recordar as proezas da conquista, na defesa por mar e terra e na evangelização, como é o caso do Pe. Baltazar Teles, que escreveu a *Crônica da Companhia de Jesus na Província de Portugal*, em duas partes, uma em 1645 e a outra em 1647. Temos ainda D. Luís de Menezes que retrata a *História de Portugal Restaurado*, do 3º Conde Ericeira, também em duas partes publicadas em 1679 e 1698, Almeida (2003).

Figueiredo (1960) nos relata nomes de autores que deixaram obras e foram elogiados como foi o caso de Pe. Antonio de Sá (? – 1678); Pe. Bartolomeu do Quental (? – 1699); Pe. Luís Álvares (1615 – 1709); Frei Cristovão de Almeida (1620 – 1679), Pe. Manuel Bernardes (1644- 1710) e o Pe. Antônio Vieira<sup>23</sup>, que superou a todos em qualidades superiores na sua carreira de pregador com sua oratória exemplar. Os Sermões de Vieira evidenciam uma expressão genial, de

---

<sup>23</sup> Nasceu em Lisboa em 1608. Ordenou-se em 1634 e alcança renome de pregador eloquente e culto. E, 1640 Viaja a Portugal para protestar lealdade ao novo monarca D.João IV. Morreu no Brasil (Salvador) em 1697. (MOISES, 2012)



uma clara simplicidade, com originalidade e de riquíssima imaginação. Neles, Vieira demonstra um raciocínio dedutivo e lógico com conteúdo farto, retirando de maneira breve e evidente as passagens da Bíblia, pregando várias vezes sobre o mesmo tema e sempre com uma originalidade.

VIEIRA é um modelo de expressão, não de riqueza vocabular ou sintática. Maravilha-nos que êle conseguisse tais efeitos com um léxico tão reduzido e uma sintaxe tão correntia. Conseguiu-o com essa centelha divina, que não se adquire, conseguiu-o em relâmpagos geniais, pela repetição e pela profusão nuns casos, pela necessidade, pelo equilíbrio, pela medida noutros. É inimitável mestre na arte de combinar valores comuns em efeitos novos e relevantes. Esse dom nasceu com êle, morreu com êle. (FIGUEIREDO, 1960, p. 268).

De acordo com Figueiredo (1960), um tema que foi muito explorado nos Manuais de Comportamento foi o matrimônio cristão baseado em regras que se destinavam aos cônjuges, de igualdade de nobreza, que o amor deveria ser recíproco sem excessos ou deficiências, amor dirigido mais às virtudes, à paz no lar com mútua confiança. Algumas regras eram específicas às mulheres como a modéstia de sentimentos, de modas e vestuários, devoção e o gosto pelos afazeres domésticos, e outras regras destinadas aos homens, como abstenção ao jogo, recolhimento ao lar, meio termo entre a avareza e o perdulário.

Temos então, uma vasta diversificação de normas e regras de conduta em forma de livros, cartas, guias manuais, como é o caso da obra *Casamento Perfeito*, do autor Diogo de Paiva Andrada, que é um tratado didático que remete à felicidade conjugal sistematizada em regras, onde se tem o elogio ao matrimônio, igualdade da qualidade da nobreza e idade dos noivos, dentre outras regras e conselhos, baseados nas experiências dos antigos.

É no Lirismo Barroco<sup>24</sup> é que encontramos o período do nosso objeto de estudo, *A Preciosa*, de Sórora Maria do Céu. O Lírico é um gênero literário variado em que os escritores da época expressam os seus sentimentos, na maioria das vezes o amoroso. A expressão lirismo, tal qual em Moisés (2004), compreende-se o subjetivismo, o esquadriñar a exibição da própria vida moral, uma forma

---

<sup>24</sup> O estilo Barroco desenvolveu-se em Portugal entre 1580 e 1756, durante um período de crise política, econômica e social, causada pelos conflitos com a Monarquia Espanhola e a Guerra de Restauração. (MOISÉS, 2004)

de firmar individualidades e primaziar atenções. Se trata de uma tendência para o imaginário e idealismo, sempre com um grande lugar reservado ao amor, e a sua análise, um sentimento forte de paixão, de ardor e um sentimento falso da realidade. Como podemos observar nas cartas em prosa de Sórora Mariana Alcoforado.

Encontrarias talvez mais formosura – ainda que em outro tempo me disseste que não me faltava gentileza, - mas nunca acharias tanto amor... e tudo o mais é nada. Deixa de encher as tuas cartas de ociosidade: não me escrevas que me lembre de ti. Eu não posso esquecer-te, nem tampouco me esqueço da esperança, que me deste, de vir passar comigo algum tempo. (MARIANA DO ALCOFORADO *apud* MIRANDA, 2014, p.83)

Para Figueiredo (1960) é possível encontrar o lirismo em gêneros diversos da poesia lírica lusitana, como na parenética dos séculos XVII e XVIII, nos escritos moralistas e místicos dos séculos XVI e XVII, nas poesias das freiras e dos freiráticos dos séculos XVII e XVIII. A Literatura Portuguesa serve como um mecanismo para uma forma preferida de cantar sentimentos, a dor de amar como um amor que é tudo, até mesmo a razão da existência e da solidão, das decepções do tanto querer e nada poder.

Figueiredo (1960) nos afirma que a Literatura Portuguesa, em sua generalidade, foi e continuará a servir à causa do melhor conhecimento do ser humano, que é narrar a sua dor de amar e ser rejeitado de forma dramática e, ao mesmo tempo, de uma beleza poética que encanta aos olhos de quem lê e aos ouvidos de quem escuta.

Nesse sentido, no próximo tópico, vamos apresentar a formação de conceito de Literatura, e assim demonstrar a sua ligação com a sociedade.

### 3.1. LITERATURA: EXPRESSÃO DE SER

Para que se possa ter uma compreensão da Literatura como expressão de conflitos, desejos e anseios de uma sociedade, demonstraremos um segmento de construção de conceito de Literatura.

Segundo Candido (2006), toda criação com tom poético, ficcional ou dramático em todos os segmentos e níveis de uma sociedade e tipos de cultura,

que se estende da forma mais simples, como o folclore e a lenda, à forma mais complexa de produção escrita das civilizações, como em Camões e Shakespeare, por exemplo, é o que define literatura. Assim sendo, ela é a expressão de uma manifestação universal do ser humano.

Conforme Figueiredo (1960), até o século XX não havia ainda uma definição específica para o que fosse literatura. Nesse sentido, pensá-la no século XVIII é pensar em como a sociedade expressava seus pensamentos, suas ideias e a forma de como fazer a leitura do mundo ao seu redor. Dessa forma, não podemos pensar literatura daquele período como a entendemos na atualidade. No entanto, podemos dizer que assim como hoje, no passado a ela também expressou uma forma de ver e sonhar a realidade.

O ser humano sonha, ele divaga em seus pensamentos nos momentos de entrega à imaginação, seja nos desígnios de seus afazeres cotidianos, em resoluções de problemas, ou concretizações de desejos da alma, do coração e realização profissional. Para Candido (2006), em sentido abrangente, a literatura é uma necessidade que requer ser satisfeita como um direito de um sonho acordado das civilizações e, assim sendo, a literatura é um fator substancial de humanização que atua no consciente e subconsciente.

Dizer que ela exprime a sociedade constitui hoje verdadeiro truísmo; mas houve tempo em que foi novidade e representou algo historicamente considerável. No que toca mais particularmente à literatura, isto se esboçou no século XVIII, quando filósofos como Vico sentiram a sua correlação com as civilizações, Voltaire, com as instituições, Herder, com os povos. Talvez tenha sido Madame de Staél, na França, quem primeiro formulou e esboçou sistematicamente a verdade que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre. (CANDIDO, 2006, p. 29)

Para Braga (1875), ao analisar uma obra literária, a tendência é identificar a expressão da verdade de uma sociedade em um determinado espaço/tempo e qual o seu grau de comprometimento com os problemas e comportamentos sociais embasados nos motivos morais e políticos.

Ainda conforme Braga (1875) nos indica, a literatura de um povo é sempre a mais clara expressão do seu gênio nacional devido às expressões de peculiaridades da raça, caráter étnico, tradição e condições geográficas, bem

como os recursos econômicos. A língua de um povo gera formas dialéticas conforme progredem em um determinado tempo, seja intelectualmente ou socialmente, motivadas pelas necessidades do período. Essas relações de língua e nacionalidade leva a uma regularidade ao fixar, dessa maneira, a nacionalidade de uma civilização e de um determinado período. Por conseguinte, é por meio da literatura que se compreende o espírito popular e a feição de cada povo.

Figueiredo (1960) relata que no século XVII têm-se as descobertas científicas, sente-se a necessidade das gazetas literárias<sup>25</sup> e dos homens instruídos, porém, em Portugal, é um século de retórica e declamadores porque não havia liberdade intelectual, devido a rigorosa censura em cima dos escritos da época por parte da Igreja e do Estado. A palavra escrita tinha um fim de discurso, ou seja, só eram considerados legais e de boa leitura os escritos que seguissem as características morais de comportamento e conduta da época.

Para Figueiredo (1960), o século XVIII, por sua vez, foi um período turbulento na história da humanidade, foi um século de conflitos, apogeu e decadência de sistemas políticos, mas também foi o auge para a literatura, pois houve mais atividades literárias, dado que os pensamentos, os sentimentos, os incômodos, as desilusões, os argumentos, as opiniões e os amores eram expressados por intermédio de escritos. Sendo assim, no dezoito, a literatura era uma maneira de expressar medos, angústias e novas formas de pensar sem que fossem barrados pelos contextos de conflito.

Em conformidade com Figueiredo (1960), a Historiografia da Literatura de Portugal denomina o período dos séculos XVII e XVIII como o da era clássica (1502 – 1825), apresenta os gêneros literários de um ambiente espiritual - os sermões –, de poemas que narram acontecimentos e sentimentos da época.

[...] século XVIII foi chamado de “Século das Luzes”, as luzes que o iluminaram estavam nesse espírito que pesquisava e refletia, analisava e tirava conclusões sobre a realidade social, religiosa, econômica, política etc. [...] Uma nova organização social se configurava e dessa nova postura diante dos acontecimentos e das formas de pensamento iam surgindo também novas concepções sobre o mundo e aquilo que o

---

<sup>25</sup> Gazetas Literárias eram publicações de avisos oficiais e outras informações formais de interesse de interesse público e com o objetivo de informar os melhores livros ou as composições modernas de maior fama. (FIGUEIREDO, 1960)

organizava. A visão sobre a literatura não escapou a essas transformações [...] a literatura é uma “forma particular de conhecimento”; um conhecimento das obras de bom gosto que trazem prazer na leitura; um conhecimento do bem escrever; um conhecimento crítico sobre as coisas. Mas essa visão ainda não considera a literatura como uma arte com suas características próprias. (CARDOSO FILHO, 2011, p. 22)

Diante do exposto, a literatura religiosa não é diferente, ela expressa as necessidades e anseios de uma parte da sociedade, que precisa ser moldada em suprimento das precariedades sociais, econômicas e políticas dentro de um determinado período, pois é necessário que se prepare os membros dessa sociedade para ocupar funções específicas e, assim, alcançar o desenvolvimento almejado.

No próximo tópico, exporemos como a Literatura foi utilizada como um mecanismo para formar a sociedade da época. Uma sociedade regrada e com características de uma civilização moderna.

### 3.2. LITERATURA DE CIVILIDADE: NORMA E PRÁTICA

Aqui se faz pertinente colocar a questão da relação entre a norma e a prática, pois os Manuais de Comportamento enunciam de regras que devem transformar-se num código de vida.

Para Terra (2000), as normas de civilidade, tem que fazer sentido, pois as boas maneiras têm de ser compatíveis com os valores de uma sociedade. Não podendo permanecer no ideal, por isso não podem perder a razão de ser. Caso contrário, podem conceber-se como um conjunto de formas vazias de conteúdo.

Assim, seguindo a via do formalismo, as práticas de civilidade podem conceber-se como um conjunto de formas vazias de conteúdo. De facto, o conteúdo inicial apresenta no uso apenas uma função secundária. Só com um emprego, seguindo regras, e na sua relação com o contexto é que o conteúdo dos actos de civilidade preenche uma função e produz um sentido específico. (TERRA, 2000, p. 11)

Nesse sentido, em conformidade com Terra (2000), os manuais de comportamento, contém um padrão ideal a ser seguido, porém nem sempre era

empregado no cotidiano. Mas não deixa de funcionar como uma orientação. Portanto, essas obras são como gramáticas dos comportamentos sociais, assim como as regras de gramática de uma língua tem seu valor e sentido.

Mediante o apresentado, Terra (2000, p.11) afirma que “Assim, o ensino da civilidade deve ser metódico, porque a sociabilidade é orientada por regras constituindo um sistema coerente e unitário, susceptível de ser apreendido”. De fato, as normas de civilidades estabelecidas estão interligadas com os aspectos sociais, culturais e políticos, bem como as lutas sociais estão ligadas aos movimentos de aproximação e repulsa dos movimentos de ideais desempenhados pelo imaginário de um grupo.

Segundo Terra (2000), essa correlação nos fornece um melhor conhecimento da própria sociedade que concebeu este tipo de obras, porque a literatura é uma importante fonte de informação de imagem que os indivíduos tendem a transmitir de si e de seus ideais de socialização próprio de cada momento histórico, quando interagem em sociedade.

Ora, a literatura de civilidade fornece um léxico para compreender e atribuir um sentido próprio aos movimentos corporais, às atitudes, às formas de vestir ou a certas expressões verbais. Assim, estas obras partem da premissa segundo a qual as expressões exteriores do corpo são o espelho da alma, mas sendo possível reformular/dirigir as atitudes corporais, estabelecendo o lícito e o ilícito. Este papel cabe precisamente às obras de civilidade. (TERRA, 2000, p. 15)

Conforme Elias (1990), a transformação progressiva dos comportamentos considerados socialmente adequados para cada situação materializava o processo de civilização da sociedade ocidental.

Elias (2001) afirma que os comportamentos praticados nas camadas da corte, foram sendo adaptados pela população através de um processo lento e sofrível de aprendizagem e formação, resultando em um reforço de autocontrole. Como explica Terra (2000, p. 17):

Ora, a vontade de distinção das elites, relativamente ao vulgo, orientava a nobreza de corte para um aperfeiçoamento e refinamento das práticas implicando um aumento do pudor. Estas transformações ligam-se ao aperfeiçoamento do nível da

sensibilidade, progressivamente mais exigente, acarretando um controlo mais eficaz das pulsões. A civilidade consistiria, assim, em reacções emocionais controladas, assimiladas pela sociedade como forma de respeito pela sensibilidade pessoal e alheia. (TERRA, 2000, p. 17)

Para Elias (1990), o conceito de civilização expressa uma cadeia de lentas transformações dos padrões sociais de auto regulação, e assim, a civilização utiliza-se dos manuais e normas como um meio de transformar e moldar o comportamento humano, inculcando nos membros de um grupo social o comportamento a eles desejado. Pode-se observar esse comportamento nas bibliotecas, onde deve ser separado dos lugares de divertimento e de barulhos, que exige um comportamento regulado e controlado.

É nesse sentido que Norbert Elias (1990) definiu o processo civilizador, que leva os indivíduos a controlar seus comportamentos e condutas, autocensurando, assim, seus movimentos e atitudes espontâneas, reprimindo ações e afetos.

E assim, pela impossibilidade de estudar os indivíduos e seus comportamentos no seu dia-a-dia, que nos debruçamos nos Manuais de Comportamentos com o objetivo de relacionar a literatura como um mecanismo de educação, que informa. Figueiredo (1960) expõe que, em 1640, Portugal sai da subordinação da Espanha para a solidificação das instituições e rituais associados à corte, firma-se as normas de civilidade cortesã, ou seja, manuais de etiquetas que ensinavam como se deve comportar em determinadas situações. Aumenta a preocupação portuguesa com a imagem projetada fazendo com que os portugueses esgotassem seu poder financeiro, para além do que tinham, com gastos em ornamentos e vestes que permitissem manter ou alcançar uma posição privilegiada dentro da sociedade.

Foi no século XVIII, em terras portuguesas, que para “iluminar” a ignorância dos fiéis no sentido de manter o ser humano cristão, o caminho foi de convencer o fiel que para alcançar a salvação era necessário ter boas atitudes morais e condutas. As quais, eram especificadas e direcionadas pelos manuais de comportamento e os guias de conduta elaborados pela Igreja Católica. Porém, os pensamentos iluministas foram acontecendo gradativamente nos

países europeus, pois as ideias desenvolvidas ocorreram conforme cada região, segundo a cultura, mentalidade e política de cada sociedade.

[...] as práticas do cotidiano e as formas de consumo cultural devem ser pensadas como práticas produtoras de sentido, modos particulares de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade. Estes são recebidos, compreendidos e manipulados em função da especificidade dos interesses e trajetórias históricas não apenas dos indivíduos e instituições que produzem normas e modelos, mas também de projetos e visões do mundo daqueles que deles se apropriam. (BELLINI, 2009, p. 166)

Portanto, conduzir os fiéis para uma vida santificada e instruí-los para uma boa morte, além de estabelecer e propagar as virtudes morais e comportamentais que garantisse o bem morrer, foram os objetivos da literatura religiosa portuguesa, especialmente no século XVIII. Pois, foi nesse século que se definiu e propagou as virtudes morais e comportamentos que garantissem um bem morrer, como uma tentativa da Igreja de não perder o poder.

Nesse contexto, o iluminismo era racional, lógico e buscava explicação científica para os fenômenos (morte, desastre natural, cóleras, epidemias, entre outros). Conceição (2010) nos lembra que, nos séculos XVII e XVIII, quando falamos de virtude nos referimos ao conceito que é remetido para a conduta do ser humano, quando existe uma adaptação perfeita entre os princípios morais e a vontade humana.

Segundo Fleck e Dillmann (2015), os manuais de devoção continham instruções cristãs de caráter doutrinário moral e devocional que atentava para normas de um comportamento ideal pelo fiel durante a sua vida, utilizando exemplos de vidas de santos e santas, e que deviam ser seguidos.

Tais manuais, conforme Fleck e Dillmann (2015), também continham preceitos de conduta, exercícios de meditação para que inspirasse os bons pensamentos, reconhecimento de culpas, arrependimentos e honestidade, além das regras para uma boa morte. Essa obra literária tinha o propósito de levar o fiel a uma reflexão de conduta na sua vida, das consequências dos seus atos, das escolhas pessoais e da possibilidade de garantir a salvação de sua alma.



[...]a boa morte era aquela em que, no momento derradeiro, o anjo da guarda apresentava ao moribundo um livro contendo suas virtudes, boas obras, jejuns, orações, mortificações e penitências, ou seja, demonstrava ao sujeito na iminência da morte os aspectos da sua própria conduta em vida, considerados moralmente positivos, construídos ao longo da vida, para a garantia da salvação. (FLECK e DILLMANN, 2015, p. 11)

Ainda em conformidade com os autores, a Igreja utilizou a literatura como uma tentativa de comover seus fiéis e divulgar a doutrina cristã para conduzir um comportamento humano. Dessa maneira, a literatura religiosa era empregada pelos eclesiásticos na formação nos seminários, conventos, escolas e até nos lares, por leigos com intuito de praticar leituras que edificassem as virtudes. Eram lidos, relidos, frequentemente, como um caminho de praticar uma boa conduta e, assim, alcançar a salvação e, por atrás desse discurso, formar o ser humano cristão.

Os manuais escritos em Portugal nos séculos XVII e XVIII destacam uma filosofia de vida e um saber prático em relação à morte, ou seja, o bem viver e o bem morrer eram prerrogativas que se ligavam no discurso cristão-católico pois nos séc. XVII e XVIII uma boa morte era algo que se devia conquistar durante a vida. (FLECK e DILLMANN, 2015, p. 3)

Para Fleck e Dillmann (2015), a concepção da época é que estar preparado para morrer é pensar na vulnerabilidade da vida, procurando seguir os mandamentos de Deus e, para tanto, para morrer bem era necessário viver bem, ter atitudes perfeitas mediante os ensinamentos cristãos. O fiel que vivesse em pecado sofreria a aflição e o horror do arrependimento na hora da sua morte, sendo perturbado pela consciência da sua vida pecadora, pois o medo de ter uma morte ruim conduziria as pessoas a seguir os preceitos da Igreja durante a vida. Se tratava, de fato, de uma educação pelo medo que atuava na formação do caráter desejado para satisfazer as exigências da vida em sociedade.

Os manuais, como o *Mestre da Vida que ensina a viver e morrer santamente*, de Frei João Franco<sup>26</sup>, destacavam, de acordo com Fleck e

---

<sup>26</sup> Supõe-se que Frei João Franco nasceu em data anterior a 1687, mas não se sabe a data exata de seu nascimento, apenas que era natural de Lisboa, filho de Antonio Francisco e Maria Franco. Professou sua fé em 15 de junho 1704 no Convento de Nossa Senhora da Piedade de Azeitão. (ALMEIDA, 2013)

Dillmann (2015), com ricos detalhes, as cenas de uma boa morte, desde a agitação dos familiares, do ente querido, o atendimento médico prestado, a hora agonizante do moribundo, o informe de sua morte, o consolo de seus familiares pelos familiares e amigos presentes, a busca do tabelião para o testamento, a busca de um confessor, a busca de um pároco para o sacramento e a mulher e os filhos a chorar.

Para os familiares, a aflição, nervosismo e lágrimas são indicativos de uma morte próxima e demonstração de expressão de amor e piedade divina, mas para o moribundo é o instante de amar a Deus com toda a sua alma, entendimento e coração. (FLECK e DILLMANN, 2015)

Outro aspecto interessante abordado pelos manuais era o comportamento da mulher, que foi um tema muito divulgado por esses escritos e guias de conduta. De acordo com Neder (2006), essas regras determinavam o comportamento social que era esperado das mulheres, isto é, recato, um modo de se comportar comedido, ter ato de economizar mantendo o equilíbrio financeiro, um trabalho dedicado ao governar o lar (inclui acordar antes e ir dormir depois de todos), ter honestidade e fidelidade conjugal, atender somente as necessidades básicas, ao se alimentar comer o mínimo possível, pois ela necessitava comer menos que o homem, e não desperdiçar o que não foi utilizado.

A mulher, segundo Neder (2006) e conforme os manuais: deveria andar asseada, porém sóbria sem muitos enfeites, sem maquiagem, pois a limpeza é o maior princípio para se alcançar a virtude da formosura; não deveria demonstrar nenhum prazer na atividade sexual e nunca ficar ociosa; e, que fossem caladas e sofridas.

Ainda em consonância com Neder (2006), tal comportamento permitia o controle das mulheres pelos homens, pois a sociedade era patriarcal, ou seja, a família era o que importava, era a espinha dorsal da sociedade e tinha o papel de procriação, administração econômica e direção política. Nessa sociedade o homem era a excelência, as mulheres e crianças eram coadjuvantes.

O homem devia ser mais velho e mais alto que a mulher. O cuidado da mulher ser mais nova, era devido ao fato que a mulher envelhecia mais rápido que o homem e, assim, ele não teria caso extraconjugal. O casal não podia ser nem muito belo e nem muito feio, tal qual Neder (2006) nos remete.

Todavia, para Bellini e Pacheco (2009), esses manuais e guias de comportamentos contribuíram para uma certa “liberdade” de leitura, na medida em que seus estudos eram obrigatórios e, assim sendo, eram realizados individual ou coletivamente, nos momentos de lazer, de caminhada, na cama ou na sala, visto que antes do século XVIII as leituras se realizavam no interior de um gabinete, em um espaço retirado e privado, sentados e imóveis.

Em harmonia com Bellini e Pacheco (2009), a literatura conventual portuguesa, geralmente biografias, era uma poética conventual feminina que delineava as experiências e formas de perceber o mundo, os homens, as divindades, o sagrado e o profano. Alguns escritos relatam a instituição de casas monásticas e episódios de suas histórias, outros, ainda, nos informam sobre a vida de religiosas em biografias, que não seguem um padrão e que detalham os aspectos das personalidades, das origens, extração da família, seus comportamentos na clausura com manifestações de virtude e santidade e como aconteceu sua morte.

Para os autores acima citados, essas biografias, no geral, tem as freiras como protagonistas, estão relacionadas a um determinado fato ou acontecimento, que se destacaram em seu enclausuramento em exemplos de virtudes ou de arrependimento por pecados cometidos, uma vez que essas mulheres viviam momentos seculares<sup>27</sup> e, por terem coragem de vivê-los, sofriam desilusões apesar de estarem em constante vigilância e presas a regulamentos.

De acordo com Bellini e Pacheco (2009), freiras companheiras que presenciaram esses acontecimentos, os relataram usando o artifício dos pseudônimos<sup>28</sup> em um esforço de cumprir a função pedagógica de servir como exemplo, satisfazendo assim o objetivo da literatura conventual feminina de Portugal nos séculos XVII e XVIII.

A literatura conventual portuguesa nunca descreveu as freiras de forma degradante, mas como vítimas de homens seculares, e cujos desvios seriam

---

<sup>27</sup> As freiras tinham contato com o meio exterior do convento, seja por ter que administrar e abastecer os conventos, contatos com membros da família e até envolvimento amorosos. (CYR, 2007).

<sup>28</sup> Prática comum na época, pois os autores e principalmente os femininos, sofriam fortes castigos preconceituosos das tradicionais instituições governamentais e religiosas. (BELLINI, 2009)

utilizados como um recurso de reafirmar um posterior retorno à conduta de obediência às regras e às formas de comportamento desejado, pois são lidos por leitores fora do convento formando assim um compromisso com a formação de uma imagem exemplar de atuação das religiosas. (BELLINI e PACHECO, 2009).

Ainda em conformidade com Bellini e Pacheco (2009), eram descritos desvios como pecados como: os contra a castidade, de pensamentos impuros, de tentações carnis de freiras com as demais freiras, de tentações carnis de freiras com pessoas fora do convento, de toques maliciosos em si mesmas, de orgasmos durante o sono, de pecados contra o próximo, com a falta de caridade e compaixão, de escárnio, de preferência e aversão exageradas em relação a determinadas companheiras de reclusão, apesar que muitos desses desvios eram abafados e, assim, não sendo divulgados para se que evitasse conversas e que inibisse o interesse por assuntos alheios as obrigações, a fim de evitar motivos de relaxamento e dissipação das freiras enclausuradas.

Na Europa dos séculos XVII e XVIII como um todo, observa-se uma ênfase no sofrimento como componente do amor cristão [...] O que também emerge nos textos conventuais é a coexistência entre ascetismo e a via mística. Tal coexistência está de acordo com a tendência da piedade franciscana a promover a combinação entre ambos, vista com ressalvas pelos defensores de uma ascética humanista positiva que recusava a elevação aos estados místicos e a supervalorização das observâncias exteriores. (BELLINI, 2009, p. 161)

Ainda como um desvio de conduta das freiras, algumas crônicas relatavam a posse e bens acima dos permitidos, além da estreita relação das casas de clausuras com o poder monárquico e seus benefícios, principalmente o do econômico. (BELLINI e PACHECO, 2009).

Candido (1987) nos remete que ao fazer literatura se têm a condição necessária de liberdade que vai além da servidão, contudo é um sistema de produtos de instrumentos de comunicação entre os homens, portanto possui infinitas ligações com a vida social e está relacionada aos aspectos de organização social, da mentalidade e da cultura.

Segundo Candido (1987), mesmo com o intuito de controle social expressado pela Igreja e Estado, que promoveram as manifestações literárias

tais como manuais de comportamento, guias de conduta, sermões, leis, testamentos e traduções de literatura, ou seja, uma literatura ligada aos mecanismos de dominação e com muitos escritores seguindo as convenções, outros muitos escritores fizeram literatura de maneira a permitir o uso de hipérboles, distorções violentas da forma e conceito que permitiram ajustar a linguagem à realidade desconhecida de um mundo novo e enorme, facilitando a descoberta e a classificação de uma estética da natureza.

[...] digamos que o século XVIII representa uma fase de amadurecimento no processo de adaptação da cultura e da literatura. Observam-se nele a ocorrência de temas novos e novas maneiras de tratar os velhos temas, inclusive a preferência muito significativa por certas formas de composição em prosa e verso, que permitiam exprimir de maneira mais adequada uma realidade física, amorosa e social. (CANDIDO, 1987, p. 4-5).

Pode-se, conforme o exemplo que Candido (2009) cita, verificar essas características, por exemplo, nos sonetos e poesias de Gregório de Matos (1636-1696):

#### DESAIRES DA FORMOSURA (274)

Rubi, concha de perlas peregrina,  
Animado cristal, viva escarlata,  
Duas safiras sobre lisa prata,  
Ouro encrespado sobre prata fina.

Este o rostinho é de Caterina;  
E porque docemente obriga e mata,  
Não livra o ser divina em ser ingrata  
E raio a raio os corações fulmina.

Viu Fábio uma tarde transportado  
Bebendo admirações, e galhardias  
A quem já tanto amor levantou aras:

Disse igualmente amante e magoado:  
Ah muchacha gentil, que tal serias  
Se sendo tão formosa não cagaras!  
(MATOS, 1996, p.3)

Sonetos que estão carregados de sonoridade ao expressar o padecimento do amor, a inquietação do pecado, os costumes de uma sociedade

em formação e os seus preconceitos, bem como o tema que trata da salvação espiritual do ser humano.

Portanto, e de acordo com AmatuZZi (2013), nas terras portuguesas, em um processo particular e paralelo a esse movimento de condução de comportamento tradicional católico, surgem forças intelectuais opostas de padres que traduziam as obras de pensadores esclarecidos da Europa, e com essas traduções levavam para a Igreja princípios de renovação doutrinária ou dogmática advindas do Iluminismo.

Cita AmatuZZi (2013), como um nome de destaque de renovação nesse período, o Padre Francisco Leal<sup>29</sup>, um entusiasta das novidades filosóficas que se preocupou com um ensino articulado com novos ideais e com a formação tradicional católica.

Para o autor citado, o Padre Francisco Leal é um exemplo quando expõe seu pensamento sobre a necessidade de formar um cidadão modelo, ao apontar que o caminho para essa formação e transformação na vida pública e cívica era a educação<sup>30</sup>.

Nesse sentido, segundo AmatuZZi (2013) o Padre Leal divide o conhecimento em nove áreas: a Formação dos Sentidos, as Ideias Abstratas, a Teologia Natural, a Filosofia Moral, a Eloquência, a Retórica, a Cronologia, O Ensino das Línguas e a Educação Física. E, ainda, eram ministradas conforme a faixa etária (mocidade, juventude e maturidade), porém cada conteúdo era trabalhado conforme as necessidades e as exigências do educando e de seus mentores, e que deveriam despertar o interesse pelo conhecimento científico, auxiliar no desenvolvimento do raciocínio lógico, e com o pensamento motivado pela curiosidade, permitiria que os alunos formulassem questões. A Filosofia

---

<sup>29</sup> Padre Francisco Luiz Leal (ou dos Santos Leal), nascido em 1740 e a data de falecimento desconhecida. Padre secular, nasceu no Rio de Janeiro, e faleceu entre 1818 e 1820. Como era a aspiração comum na época, Padre Francisco Luiz Leal teve formação em Coimbra e prestou serviços em Portugal, mas era brasileiro e não é contado entre os filósofos portugueses nos compêndios de História da Filosofia em Portugal. Bacharel em Cânones, o Padre Francisco Luiz Leal foi professor régio de Filosofia Racional e Moral, nomeado pela resolução régia de 10 de Novembro de 1771. Foi professor dessas disciplinas em Lisboa por quarenta e oito anos. (COBRA, 2011)

<sup>30</sup> Lembrando que a educação nesse período era muito restrita, apenas os mais abastados a ela tinham acesso. (CARVALHO, 2001)

Moral deveria ser aplicada com punição e castigo como um meio de melhorar a aprendizagem e garantir, pela disciplina severa, a ordem social.

Para Amatuzzi (2013), o Padre Francisco Leal trata do ensino de língua como um objeto importantíssimo e valorizado na nobreza juntamente com os manuais de bom comportamento, visto que eles distinguem a aristocracia das outras classes sociais subalternas.

É pelas regras de etiqueta que se têm um cerimonial que governa a vida social, desde as vestimentas ao modo de falar, em um período que até o espaço e o seu uso era determinado por leis e regras, tornando-se, desse modo, um diferenciador de quem era nobre de quem não era, preservando uma permanência de destaque, dentro de uma sociedade de corte.

Estes pontos destacados eram essenciais para se manter a posição superior dentro da sociedade, por isso,

[...] eram considerados como método correto e indispensável para educar um nobre, contemplando as dimensões humanas, espirituais, políticas, físicas e artísticas da criança que se formava. Ela era preparada assim, para desempenhar o ofício que Deus havia lhe dado, o de nobre, homem civil e súdito fiel do rei, com funções de fazer jus aos títulos e propriedades que seriam herdados. (AMATUZZI, 2013, p. 7)

Diante do exposto, o século XVIII foi um momento que se caracterizou com transformações políticas, administrativas, econômicas e culturais, devido ao fato de haverem forças intelectuais antagônicas como a dos padres que traduziram as obras de pensadores iluministas da Europa e, por meio dessa nova visão de mundo, se confrontaram com os tradicionais manuais de comportamento e guias de conduta, sendo que a educação era o mecanismo de formação de cidadão que se desejava formar na época. Para tanto, o cenário educacional sofre transformação radical em seus setores com a Reforma Pombalina, e que permitiu um controle, mas que também permitiu uma liberdade ao ser expandida para outros segmentos da sociedade.

Para Moisés (2004), a definição de literatura, em termos conceituais, como uma atividade de escrever textos poéticos<sup>31</sup>, não supre as reais funções que a literatura nos proporciona por ser um fenômeno social, devido às

---

<sup>31</sup> Definição encontrada em Dicionário de Termos Literários (MOISÉS, 2004)

expressões de inquietações e problemas, pelo idioma de criação coletiva e pelas reações dos autores e leitores que contribuem ao reagirem emocionalmente com a escrita e leitura e, assim, transformam ou ampliam o sentido e a influência da obra no decorrer dos séculos.

A seguir trataremos dos aspectos da educação portuguesa do período estudado, mostrando a correlação com a literatura, visto que foi pela educação que se promoveu a esfera literária. Dessa forma, aqui trataremos mais especificamente da educação das mulheres, pois nosso objeto de estudo é fruto de uma percepção feminina.

### 3.3. EDUCAÇÃO FEMININA E LITERATURA NOS SÉCULOS XVII E XVIII

A educação da mulher até o século XVII foi voltada para a formação moral e reconhecimento dos bons costumes de uma sociedade. Segundo Gomes (2014), as mulheres eram veículos difusores de ideias e padrões de comportamento no interior de seus lares. A orientação educacional objetivava a formação para governar a casa, educar os filhos e cuidar do marido, sendo essa a essencial e mais importante função da mulher.

No que tange à educação para mulheres, segundo Godoy (2018), a transformação que vinha sendo preparada para as décadas finais do século XVIII, era de que as mulheres precisavam ser instruídas para que pudessem melhor educar as novas gerações, essa seria a utilidade delas no desenvolvimento e modernização de Portugal, e deveriam, assim, ser bem educadas. Pois, eram elas que estavam em contato permanente com os filhos em seus primeiros anos de vida.

Certamente que os prejuízos que nos metem na cabeça na nossa primeira meninice são sumamente prejudiciais em todos os estados da vida; e quer-se um grande estudo e reflexão para se despir deles. Além disso, elas governam a casa, e a direcção do económico fica na esfera da sua jurisdição. E que coisa boa pode fazer uma mulher que não tem alguma ideia de economia. (VERNEY, 1748, p.125)



Portanto, a ignorância feminina era um prejuízo enorme para o desenvolvimento da sociedade naquele momento, já que as mulheres ultrapassavam o espaço de aprendizagem do lar e de conventos, para um espaço sistematizado em um estabelecimento de ensino. Havia a necessidade de elevar o conhecimento da mulher, não apenas das que já possuíam uma função definida como as freiras, mas da mulher comum.

Para Verney (1748), o conhecimento mais importante a ser ensinado é o da economia para que pudessem administrar a casa, sabendo o preço das coisas e a qualidade, o tempo que as provisões poderiam ser estocadas, ajudaria o marido a poupar.

As Freiras já se sabe que devem saber alguma coisa, porque não-de ler livros latinos. Mas eu digo que ainda as casadas e donzelas podem achar grande utilidade na notícia dos livros. Persuado-me que a maior parte dos homens casados que não fazem gosto de conversar com suas mulheres, e vão a outras partes procurar divertimentos pouco inocentes, é porque as acham tolas no trato; e este é o motivo que aumenta aquele desgosto que naturalmente se acha no contínuo trato de marido com mulher. Certo é que uma mulher de juízo exercitado saberá adoçar o ânimo agreste de um marido áspero e ignorante, ou saberá entreter melhor a disposição de ânimo de um marido erudito, do que outra que não tem estas qualidades; e, desta sorte, reinará melhor a paz nas famílias. (VERNEY, 1748, p.153)

Diante do exposto, a nova função dos estabelecimentos de ensino destinados às mulheres, era de capacitá-las para o aprendizado dos afazeres do lar, incluindo o de ensinar seus filhos o caminho de se tornar um bom cidadão, ou seja, o objetivo da educação das meninas era a formação de mães e esposas capazes de contribuir para o desenvolvimento da nação, sem de fato se preocupar com a instrução profissionalizante, destinada somente ao sexo masculino, pois era aos homens que cabia a tarefa das atividades relacionadas com mundo.

Portanto, a educação feminina era realizada em colégios confessionais que moldavam as mulheres para que cumprissem a exigência do projeto modernizador, que era o de serem educadoras dos seus filhos dentro das normas de comportamento moral e de ministrarem-lhes as primeiras letras.

Nesse sentido Gomes (2014) relata que o Estado optou por financiar as escolas religiosas femininas com o objetivo de suprir a deficiência das escolas públicas e, diante disso, o discurso da educação feminina era preparar a mulher para ser útil dentro da sociedade que estava por vir a ser formada, sem se perderem as virtudes morais e de comportamento, além de adquirir uma cultura compatível com a função que ocupava ou ocuparia na sociedade.

Diante disso, a literatura portuguesa que era acessível, nesse período, era a normativa e posteriormente viria a acadêmica, cuja função era de ser educativa para uma formação social.

Figueiredo (1960) relata que outro tipo de leitura sofria censura e, apesar das represálias, os autores portugueses usavam desse momento educacional inovador para expressar romanticamente os aspectos morais, as decepções amorosas, ou seja, é uma literatura mística por descrever os fenômenos do espírito, visões e revelações.

No entanto, a literatura portuguesa viveu longe do público. Figueiredo (1960) afirma que os autores portugueses não sentiram a emoção, nem aproveitaram da popularidade que seus escritos provocariam, pois o desnivelamento do ensino e o desinteresse pela novidade literária reduziram o público para a leitura dessas obras.

Segundo Figueiredo (1960), esse reconhecimento literário só passou a ser vivenciado no século XIX, porque a repercussão das obras literárias só se consegue quando a população possui um alto nível de cultura literária e um certo nível de crítica normativa para debaterem os problemas comuns e proporem soluções.

Ainda conforme Figueiredo (1960), os séculos XVII e XVIII expressaram um momento de transição das ideias baseadas no misticismo para a racionalidade proposta pelo Iluminismo, como é possível notar em algumas obras do período, como é o caso do teatro de Sórora Violante do Céu<sup>32</sup>, uma outra religiosa que se destacou no século XVII, e que foi o centro da escola literária onde podemos perceber um estilo muito mais intelectualizado do que o sentimentalismo típico feminino. Idealista que procura exibir uma concretização

---

<sup>32</sup> Violante Montesinos nasceu em Lisboa em 1601 e faleceu, também em Lisboa, em 1693. Poetisa racionalista e intelectualizada, fez oposição ao sentimentalismo feminino de origem conventual. (MIRANDA, 2014)

do impossível, transformar a morte na vida, a tristeza na alegria, como nesses versos do poema *Ao amado ausente*.

Se apartada do corpo a doce vida,  
 Domina em seu lugar a dura morte,  
 De que nasce tardar-me tanto a morte,  
 Se ausente d'alma estou, que me dá vida,  
 Não quero sem Sylvano já ter vida,  
 Pois tudo sem Sylvano é viva morte;  
 Já que se foi Sylvano venha a morte,  
 Perca-se por Sylvano a minha vida.  
 Ah, suspirando ausente, se esta morte  
 Não te obriga a querer vir dar-me vida.  
 Como não vem dar-me a mesma morte?  
 Mas se n'alma consiste a própria vida,  
 Bem sei que se me tarda tanto a morte,  
 Que é porque sinto a morte de tal vida.  
 (VIOLANTE DO CÉU *apud* MIRANDA, 2014, p.51)

Outra característica típica da época é a memorização pela escrita da reconstituição dos acontecimentos sociais expressados pela poesia.

Há no caráter português duas inclinações constantes. A primeira condensa o universo da alma de cada um, na singularidade das reações pessoais, dos problemas de cada um, na singularidade das reações pessoais, dos problemas de cada alma e dos amôres de cada coração. Seria o lirismo. A segunda condensa o universo da memória, vê-o como história, como um fluir de sucessos, que em cada momento pode-se recuperar, numa grande indiferença pelas sínteses e pelas idéias gerais, pelas realidades ambientes e pelos problemas cotidianos. Seria o memorialismo. (FIGUEIREDO, 1960, p. 55 e 56)

Em muitos momentos desses escritos, essas duas tendências se confundem por serem relatados momentos e problemas cotidianos, cuja origem está na alma ou nos amores frustrados ou não correspondidos, o que, na prática, dava no mesmo.

Para Figueiredo (1960), outra tendência importante portuguesa é a forma da criação psicológica, pois, ao invés de analisar e reconstituir tipos sociais, preferem reconstituir estados morais coletivos que podem ser expressos pela poesia. “Mas a literatura portuguêsza compraz-se sobretudo na descrição e idealização dos aspectos morais, coletividades, casos, tendências do espírito,

em que todos reconhecemos em muito de nós, embora nenhum de nós ali esteja integralmente representado”. (FIGUEIREDO, 1960, p. 55).

Nessa lógica, a literatura pode ser usada como um recurso para complementar, ou mesmo influenciar, o pensamento dos homens daquela época, buscando delinear um perfil ideal de sujeito que possa contribuir com a expansão e execução do projeto social de modernização da nação portuguesa. (FIGUEIREDO, 1960).

Ainda em conformidade com Figueiredo (1960), a literatura destinada às mulheres refletia, no século XVIII, uma educação formativa de mulher, que ia além de administrar a casa, cuidar do bem-estar do marido e filhos, pois era também ministrar uma educação moral.

Paralelamente e fora do contexto conventual, as obras literárias eram regidas pelo estilo literário Barroco, sobre o qual faremos, a seguir, um breve relato desse gênero literário e de suas características, pois acreditamos ser de relevância, para que posteriormente ocorra um entendimento mais claro da obra *A Preciosa*.

#### 3.4. BARROCO E SEU MOMENTO HISTÓRICO EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XVII E XVIII

Para entender o contexto em que o Barroco está inserido, é de importância lembramos que, o período de 1500 a 1799, foi de conflitos e disputas. No século XVII e XVIII, a liderança dos meios econômicos que era concentrado na Itália e na Espanha estava mudando de mãos, estava sendo transferido para Inglaterra, Holanda e a França.

O Barroco foi um movimento intermediário entre o Renascimento e o Iluminismo, surgindo em um momento de mudanças do contexto social, político, econômico e, principalmente, religioso com disputas de ideais do protestantismo, humanismo e católico.

Portanto, no século XVII os países católicos prevaleciam com a Espanha, uma potência mundial e com a Itália com sua riqueza e no início do século XVIII

isso começa a mudar, prevalecem os países protestantes (Inglaterra, Holanda e a França) e que se tornaram líderes econômicos.

Segundo Hugh (2007) a religião sempre se apresentou como uma oposição de grande influência em processos históricos.

Essas disputas de ideais e poder, fez com que as forças da Europa se dividissem, originando assim, o que se denominou de Reforma. Segundo Monteiro (2007), o movimento protestante era contrário ao poder da Igreja, e sua teologia que era embasada nas obras e no mérito humano, cobravam pela realização de batismo, confissão, venda de indulgências, além de controlar as principais camadas sociais.

E conseqüentemente, temos uma ação contrária a essa Reforma, ou seja, a Contra-reforma, denominação esta, dada ao movimento católico de ações e medidas contrárias aos ideais protestantes, que atuaram contra as denominações religiosas opostas ao catolicismo, e promoveu meios de expansão da fé católica. Uma dessas medidas foi a criação da Companhia de Jesus, que tinha a designação de expandir o catolicismo pelo mundo.

Apesar da Igreja ter sido sempre de grande influência para o Barroco, ela não foi a única, não podemos deixar de lembrar que nessa época, temos a consolidação da corte, do rei como sendo o poder absoluto, ou seja, do absolutismo.

Conforme Wolfflin (2005), o Barroco utilizou do exagero nas colossais construções arquitetônicas como um mecanismo de expressar a força e poder, tanto da Igreja como do Rei.

O Barroco se propõe outro efeito. Quer dominar-nos com o poder da emoção de modo imediato e avassalador [...] O Barroco exerce momentaneamente um efeito poderoso. [...] Nos edifícios particulares domina igualmente a intenção de se impor através das grandes dimensões. (WÖLFFLIN, 2005, p. 12)

Nos fins do século XVII, com a descoberta do ouro em Minas Gerais, Portugal vivencia um novo tempo de riqueza esbanjada durante o reinado de D. João V (1707-1750), rei este que foi apresentado anteriormente na segunda seção.

Para Amaral et al (2011), houve uma lenta evolução do Renascimento para o Barroco, sendo o ano de 1580, quando Portugal se submeteu ao domínio

espanhol, um marco convencional do início da escola barroca, tendo seu término em 1756, onde inicia-se o Neoclassicismo.<sup>33</sup>

Quanto ao passado, o barroco está limitado pela Renascença, quanto ao futuro, pelo neoclassicismo, que começa a surgir depois de meados do século XVIII. Ao todo o Barroco ocupa cerca de duzentos anos. Mas nesse período o estilo se desenvolve de um modo que torna difícil apreendê-lo como único. (WÖLFFLIN, 2005, p. 12)

Em nossa obra de estudo, *A Preciosa*, a religiosa Marina Clemencia se utiliza do gênero literário Barroco, gênero este característico dos escritores da época. O estilo Barroco possui, segundo Amaral, et al (2011) duas tendências básicas: o cultismo, que consiste no aumento da sonoridade e da imagem da obra literária e, sendo assim, recorre de maneira exagerada às figuras de linguagem com o objetivo de descrever os sentimentos; e a tendência do conceptismo, que consiste na utilização maior da razão do que a dos sentimentos, criando um raciocínio refinado de jogo intelectual de antagonismos e particularidades lógicas. Amaral, et al (2011) afirma que há casos em que a distinção entre eles é muito difícil, prevalece a sinestesia que consiste na confusão de sentidos, fusão de dois ou mais sentidos na composição e decifração de uma imagem.

Segundo Moisés (2012), e em conformidade com Amaral, et al (2011), a época Barroca, iniciou-se em 1580, quando Portugal perde a autonomia para a Coroa Espanhola, terminou em 1756, com o neoclassicismo e com a fundação da Arcádia Lusitana<sup>34</sup>. Porém,

O Barroco português nunca atingiu o mesmo brilho e a mesma riqueza do Barroco espanhol, apesar de ter sido diretamente influenciado por ele. Predominam, em prosa, os escritos morais, doutrinários e religiosos, destacando-se os sermões; em poesia, as produções acadêmicas. (AMARAL, FERREIRA, *et al.*, 2011, p. 73)

---

<sup>33</sup> O Neoclassicismo teve início em 1756, no período pombalino, quando alguns escritores, liderados por Antonio Dias da Cruz e Silva, fundaram a Arcádia Lusitana. Tem como característica o retorno ao equilíbrio clássico, tendo como ideal a simplicidade e a naturalidade combatendo a luxuosidade do Barroco. (AMARAL, FERREIRA, *et al.*, 2011)

<sup>34</sup> A Arcádia Lusitana era o designativo para a Academia de Belas Artes criada em 1756, fazendo parte de um amplo movimento de criação de academias, tendência fortíssima nos séculos XVII e XVIII. (MOISES, 2012)

O Barroco constituiu-se em uma tentativa de união entre duas linhas de força que norteavam a cultura renascentista da era medieval (teocentrismo) e a clássica (antropocêntrica), cuja vigência cultivou a oratória, a prosa doutrinária, a poesia, a historiografia, a epistolografia e o teatro. A maior figura dessa época é o Padre Antonio Vieira, devido à sua ação pessoal e aos méritos de orador e epistológrafo.

Conforme Amaral, et al (2011), a palavra barroco se origina da contraposição da simetria e a regularidade do classicismo, é o ponto principal do estilo, que expressa o pessimismo, o conflito, o desequilíbrio entre a razão e a emoção.

Em suma, o período Barroco se manifestou como um produto cultural de uma sociedade que estava sofrendo alterações socioeconômicas e religiosas, que repercutiam em um sentimento de fragilidade, instabilidade e de desordem. Esse progresso, como define Hugh (2007), se deu inserido em um contexto conflituoso no qual o Barroco exterioriza características do desequilíbrio entre a razão e a emoção, ou seja, uma contraposição da época renascentista (teocêntrica) com a clássica (antropocêntrica).

Na próxima seção iremos apresentar uma análise da obra *A Preciosa* (1731), uma alegoria<sup>35</sup> moral de Sórora Maria do Céu da ordem Franciscana da Ilha de São Miguel, conhecida pelo pseudônimo de Madre Marina Clemencia e destinada a D. Maria Anna das Estrellas, religiosa do Mosteiro da Esperança em Lisboa, com o objetivo de livrar essa religiosa dos males que a afligia.

---

<sup>35</sup> Uma alegoria é aquilo que representa uma coisa para dar a ideia de outra por meio de uma lição moral. A alegoria reporta-se a uma história ou a uma situação que joga com sentidos duplos e figurados, sem limites textuais podendo ocorrer num simples poema como num romance inteiro. (CEIA, 1998)

#### 4. EDUCAÇÃO E LITERATURA NA FORMAÇÃO FEMININA: UM ESTUDO DA OBRA A PRECIOSA.

Nosso objetivo nesta seção é apresentar a análise da obra *A Preciosa* que, como já informado neste trabalho, é uma alegoria escrita e destinada a uma religiosa do Mosteiro da Esperança de Lisboa, D. Maria Anna das Estrellas, com o intuito de fazer com que ela saísse do seu estado debilitado de saúde, de enfraquecimento e desânimo que a afligia.

É importante evidenciar, uma vez mais, que, para além dos aspectos educacionais, tomamos o conceito de educação como algo abrangente, que ultrapassam as barreiras de uma instituição escolar, por acontecer entre as relações e nos ambientes informais da sociedade.

Diante disso, a análise é direcionada em dois aspectos, no primeiro momento para um ensinamento informal inculcado nos ensinamentos morais e, no segundo momento, pela relação da educação que Marina Clemencia recebeu em sua trajetória conventual com os elementos do gênero literário que pertence a sua obra, ou seja, o da alegoria moral.

A todo momento, a religiosa utiliza do recurso de metáforas, que fornece um duplo sentido para as palavras que se está lendo, e assim deixa duas mensagens, e que faz com que o leitor codifique a mensagem que está mais explícita em suas palavras e tenha que refletir para além das palavras escritas, analisando e interpretando a mensagem que está nas 'entrelinhas', portanto é uma interpretação religiosa.

O livro possui 356 páginas divididas em 23 capítulos. Nas primeiras páginas do livro constam as permissões do Santo Ofício para que a escrita possa ser divulgada, e assim Marina Clemencia ganha voz e é autorizada a falar em nome da Igreja, demonstrando que a persistência e resistência às tentações humanas é o caminho para a salvação e que assim, se alcança o Reino dos Céus. A edição do livro com a qual trabalhamos está escrito em português arcaico, com passagens em espanhol, pois era de costume mesclar as escritas com a língua espanhola. A versão arcaica é utilizada na análise por não existir uma versão moderna disponível, porém uma versão mais moderna do livro, que ainda não está acessível, e encontra-se na Biblioteca Nacional de Portugal, uma



versão comentada de Ana Hatherly<sup>36</sup>. Em toda a escrita do texto Marina Clemencia como narradora, onde, por meio de seus personagens, deixa seus ensinamentos para uma vida de salvação, mas sem esquecermos que temos que pensar para além dos escritos. Em vários momentos a autora se utiliza de cantos, realizados pela personagem das Sereias, em forma de poesia, para reforçar seus ensinamentos. Tem como protagonista a personagem Preciosa, e com 21 elementos da narrativa, cujas personagens e suas representações estão denominados e classificados da seguinte forma:

Rei, como Deus;  
 Preciosa, como a alma racional  
 Luz, como a memória;  
 Sereno, como o entendimento;  
 Amante, como a vontade;  
 Candida, como a verdade;  
 Angelino, como o anjo;  
 Sinão, como o engano;  
 Bem Me Quer, como o amor humano;  
 Aura, como a inspiração;  
 Narciso, como a amor próprio;  
 Ascanio, como o descanso humano;  
 Ayre, como o pudor;  
 Delcídia, como a delícia humana;  
 Evida, como a vida;  
 Zefira, como a vaidade;  
 Ocia, como a ociosidade;  
 A dama das letras no vestido, como a lição;  
 Asperrima, como a penitência;  
 Avena, como a culpa;  
 Claros, como os desenganos.  
 Sereias, como o encantamento da beleza pela voz  
 (CLEMENCIA, 1731, p. Introdução)

Antes do texto propriamente dito a edição trabalhada apresenta as cartas de licença emitidas pelas autoridades do Santo Ofício para a sua publicação, onde se vê um elogio à escrita da religiosa.

He humalição proveitofa, veftida de húa natural afluência de difcrição, diftribuida em hum eftylo fublime, difpofta em hum

---

<sup>36</sup>HATHERLY, Ana, *A Preciosa de Soror Maria do Céu, Ed. crítica comentada do códice 3773 da BN*, Lisboa, INIC, 1990.

methodo claro, que se explica na prosa, que na poesia, e que em suaves, e eloquentes ditames, fervem ao mesmo tempo de admiração do engenho, e o que mais he, de proveito, para se instruir a vida mais perfeita, (CLEMENCIA, 1731, Carta do Censor).<sup>37</sup>

Este livro, de que a petição trata, e V. Eminencia, e manda ver, além de se conformar em tudo com a verdade de nossa Santa Fé, e pureza dos bons costumes, ou he maravilha da graça, ou prodígio da natureza [...] He uma admirável, e bem ideada alegoria do que passa, e experimenta huma alma nesta vida, desde a sua criação até seu tráfego, desde seu principio até conseguir o ultimo fim para que foi creada. (CLEMENCIA, 1731, Carta do Censor)<sup>38</sup>

O enredo de *A Preciosa* é o amor, à primeira vista, do Rei por uma bela mulher, a Preciosa. De tão bela e formosa, a figura feminina é comparada com o Sol que, ao olhá-lo fica sem brilho, ofuscado pela beleza. Enamorado, o monarca a retirou de seu estado de miséria e a colocou sob a sua proteção e cuidados, levando-a para morar em um belo Vale. Nesse momento, a religiosa enfatiza que Preciosa deixa de ser escrava e passa ser amante e, nessa condição, o soberano a segura como sua amada e protegida, pois o menor desejo de sair do Vale ou deixá-lo será um ato de ingratidão, não haverá piedade com os deslizes que por ventura venha cometer. O Rei nunca erra, sua vontade é suprema e todos lhe devem obrigação.

O vale é um local de belas flores, de uma leve brisa perfumada que acaricia as faces e de pessoas amigas e alegres a entoar cantigas durante as horas do dia e da noite. As casas iluminadas e de uma arquitetura digna da beleza natural do vale fazendo, assim, uma alusão aos prazeres mundanos.

Uma bela mulher serrana caminha pela rua entoando uma canção, cuja letra é utilizada para alertar que esse belo Vale é onde os Reis levavam suas

---

<sup>37</sup> É humilhação proveitosa, vestida de uma natural afluência de discrição, distribuída em um estilo sublime, disposta em um método claro, que se explica na prosa, que na poesia, e que em suaves, e eloquentes ditames, fervem ao mesmo tempo de admiração do engenho, e o que mais é, de proveito, para se instruir a vida mais perfeita. Interpretação minha.

<sup>38</sup> Este livro, de que a petição trata, e V. Eminência me manda ver, além de se conformar em tudo com a verdade de nossa Santa Fé, e pureza dos bons costumes, ou é maravilha da graça, ou prodígio da natureza [...] É uma admirável, e bem ideada alegoria do que passa, e experimenta uma alma nesta vida, desde a sua criação até sua criação até seu trânsito, desde seu princípio até seu conseguir o último fim para que foi criada. Interpretação minha.

amantes para viver. Ela foi uma amante, como Preciosa, e que muitas outras chegarão.

O Rei abrigou sua protegida em uma bela casa, mais parecida com um palácio, com criados para cuidar, orientar e manter Preciosa dentro do caminho da fidelidade e lealdade ao amor do Rei.

Preciosa, com a promessa de um dia ser a rainha de seu amado, aceita e se encanta com a nova vida de luxo e fartura, mesmo sabendo que isso tinha um preço: estar sempre à disposição do querer do Rei, bem como de seguir suas regras. Preço este que, para Preciosa, era de pouco valor diante da grandiosa promessa do Rei.

[...] e demos os primeiros paffos, para que vos deixe aonde vos heide guardar, não como preza de alguma juftiça, mas como aiftida de algum cuidado. [...] Preciofa, não percas efta graça, que por ella te prometo efta Coroa. CLEMENCIA, 1731 p.3)<sup>39</sup>

Manda, que os dias de fefta guardeis para Elle; que já vos diffe, que nas Igrejas fe guardava para vós. Manda, que honreis a voffo primeiro fer, e que na memoria lhe converseis a eftimação. Manda, que nefte Valle, aonde haveis de viver, Senhora, não deis nunca tanta liberdade a vossa ira, que fe veja homicida voffa crueldade [...]. (CLEMENCIA, 1731, p. 13)<sup>40</sup>

Nessa passagem, Marina Clemencia tem o objetivo de mostrar que o Vale que o Rei promete à Preciosa é o Paraíso Celestial, porém, para nele permanecer, tem que estar atenta às tentações mundanas e recusá-las. Porém, se lhe trair, o sofrimento será intenso. Ao pensar e lermos nas “entrelinhas”, verificamos que a autora deixa indícios que a protagonista tem o direito de escolher a vida mundana ou a vida regrada.

Diante das regras aceitas, Preciosa passava seus dias em companhia de seus guardiões. Em um de seus passeios cotidianos, e sempre acompanhada

---

<sup>39</sup> E demos os primeiros passos, para que vos deixe aonde vos hei de guardar, não como presa de alguma injustiça, mas como assistida de algum cuidado [...] Preciosa não percas esta graça, que por ela te prometo esta coroa. Interpretação minha.

<sup>40</sup> Manda, que os dias de festa guardais para ele; que já vos disse, que nas Igrejas se guardava para vós. Manda, que honreis a vosso primeiro ser, e que na memória lhe conserveis a estimação. Manda, que neste vale, aonde haveis de viver, Senhora, não deis nunca tanta liberdade à vossa ira, que se veja homicida vossa crueldade. Interpretação minha.

dos guardiões do Rei, Preciosa conhece Delcídia, uma senhora que encanta e alegria os moradores do Vale com suas belíssimas, fartas e luxuosas festas.

Preciosa decide ir a uma dessas festas, e novamente sente o prazer de conhecer pessoas e de estar com pessoas. Nesse trecho, a autora revela que são falsos risos, pois esse lugar de casas luxuosas (que causam inveja), com lindos e floridos jardins, não permite ter saudades de pessoas e tempos passados e nem ter desejos, transformando esse belo e perfeito lugar em um local sem luz, sem cores, onde se chora o arrependimento da ilusão a que se submeteu.

[...] há aprazíveis jardins, aonde a delícia põem a duração nas flores, para que o deleite tenha fer nas flores nos infantes: há intrincados labirintos, aonde a memoria morre perdida, e a vontade vive aprisionada: há bosques opacos, aonde fenão faz boa fombra: há fingeleza, e fô fe da capa à diffimulação: há pomares de viftofas frutas, aonde lifongeando fe ao gofto, nunca te fatifaz ao desejo: há detentos, aonde chora a verdade retirada, quanto logra a mentira introduzida[.] (CLEMENCIA, 1731, p. 21)<sup>41</sup>

[...] para não cerrar os olhos ao cuidado; há defpenhos, aonde não tem voz o perigo, para que tenha mais facilidade o arrojo; há fontes, aonde toma liçoens a murmuração, e não bufca efpelhos o defengano: há rios, aonde as Ninfas fãõ huma beleza metida, e os Tritoens huma fineza fabulofa: há arvores altivas, aonde a ambição fobe a chegar, e o poder nunca chega a fobir. (CLEMENCIA, 1731 p.22)<sup>42</sup>

Marina Clemencia acrescenta que para cada riso se tem uma máscara que esconde uma dor. Continua, nas páginas seguintes, alertando Preciosa, para não se iludir com a beleza das promessas de amor e do Vale, pois toda flor

---

<sup>41</sup> [...] há aprazíveis jardins, aonde a delícia põem a duração nas flores, para que o deleite tenha ser nos infantes: há intrincados labirintos, aonde a memória morre perdida, e a vontade vive aprisionada: há bosques opacos, aonde senão faz boa sombra: há singeleza, e só se dá capa à dissimulação; há pomares de vistosas frutas, aonde lisonjeando-se ao gosto, nunca se satisfaz ao desejo: há desertos, aonde chora a verdade retirada, quanto logra a mentira introduzida. Interpretação minha.

<sup>42</sup> [...] para não cerrar os olhos ao cuidado; há despenhos, aonde não tem voz o perigo, para que tenha mais facilidade o arrojo; há fontes, aonde toma lições a murmuração, e não busca espelhos o desengano: há rios, aonde as Ninfas são uma beleza mentida, e os tritões uma fineza fabulosa, há árvores altivas,, aonde a ambição sobe a chegar e o poder nunca chega a subir. Interpretação minha.

tem espinhos. E, afirma, que tudo é uma mentira, que se aborrecerá com tudo e orará a Deus pedindo alento ao seu sofrimento.

[...] pois vos informo, que tudo perde o brio, não vos inclinai aos ares, e finalmente, pois vos juro, que tudo he mentira, aborrecey o tudo, e appellay para huma aura fuave de alentos fuperiores, que neftes bofques fopra, e a ella ouvireis, que vos há de falar em respiraçoens; mas tratay de lhe gratificares em obediencias. (CLEMENCIA, 1731, p. 24)<sup>43</sup>

Alli foubé hoje a voffa entrada nelle, e compadecida de voffa fermofura, quis valervos noticiofa, porque vos não perdeffes peregrina; olhay como pizais efta terra; pois vos diffe, que havia Afpides, não vos fieis as flores; pois vos advirto, que há efpinhos, não vos pegueis das rofas; (CLEMENCIA, 1731 p. 23)<sup>44</sup>

No continuar da história, Preciosa encontra em sua caminhada a Serrana Candida, uma moradora típica do Vale, que se dirige à protagonista, em uma tentativa de ganhar a sua confiança e assim trazê-la para o ‘pecado’, se colocando como sua amiga, até quando der motivos para não ser mais sua amiga, do mesmo modo que Preciosa tem a Angelino- seu guarda, a Sereno como seu guia e Candida seria a sua Luz. Porém, chega Angelino, dizendo que o Rei mandou que ela permanecesse em casa, que permanecesse sempre perto de Angelino, e que não desse ouvidos a Candida, pois ela difamava o Rei.

[...] De que perfumes, ó rofa  
 Tu quifiera perguntar,  
 Quando tu vida es um Sol,  
 Y tu hermofura es um ay?  
 Ay de ti, ay.  
 Si a finezas del clavel  
 Tu vana gloria fe eftá  
 Como há de faber querer  
 El que nó fabe durar?

---

<sup>43</sup> [...] pois vos informa, que tudo perde o brio, não vos inclinai aos ares, e finalmente, pois vos juro, que tudo é mentira, aborrecei o tudo, e apelai para uma aura suave de alentos superiores, que nestes bosques sopra, e a ela ouvireis, que vos há de falar em respirações, mas tratai de lhe gratificares em obediências. Interpretação minha.

<sup>44</sup> Ali soube hoje a vossa entrada nele, e compadecida de vossa formosura, quis valer-vos noticiosa, porque vos não perdestes peregrina, olhai como pisais esta terra; pois vos disse, que havia Aspides, não vos fieis das flores; pois vos advirto, que há espinhos, não vos pegueis das rosas. Interpretação minha.

Ay de ti, ay [...] <sup>45</sup>  
(CLEMENCIA, 1731 p. 27)

Preciosa segue a cumprir sua promessa de atender as ordens do Rei. Com visitas surpresas e escusas, porém carinhosas de seu amado, Preciosa, sempre obediente às suas ordens, vivia alegre no meio das lágrimas alheias, lágrimas de arrependimento de mulheres e homens que se entregaram aos prazeres do mundo. Até que em um de seus passeios matinais conheceu Sinão, um príncipe aclamado do Vale e que cultivava um ódio pelo Rei. Ele vê no amor do Rei por Preciosa um caminho para se vingar, sem que seja visto com maus olhos pela população do Vale.

Sinão tem, como plano, a conquista do amor de Preciosa e, assim, fazer o Rei ficar com ciúmes e ter atitudes que o levassem a perder a coroa. Preciosa passaria de querida para ingrata. Para isso Sinão recorre a Delcídia, a mulher das belas festas, e que também era conhecida por sua beleza e que seduzia os homens, para após abandoná-los deixando-os sofrendo de amor (endurecendo os corações para o amor).

Porque Preciofa fe paffasse de querida a ingrata, El Rey de amante a deixado: ficando hum a fentir feu ciúme, e outro a perder fua Coroa [...] que nos Principes do Valle havia muita galla, em Preciofa pouco conhecimento, e em huma Dama muita variedade. Ouvio Sinão o informe do rebelado, como da amifade antiga que ambos profeffavão [...]. (CLEMENCIA, 1731 p. 37) <sup>46</sup>

Delcídia, aliada a Sinão, decide se tornar amiga de Preciosa, convida-a para momentos em sua casa e apresenta aos dois mais belos homens do Vale, Bem me quer e Narciso, um deles com certeza iria conquistar o coração de Preciosa.

Bem me quer, utiliza a vestimenta de pastor para se aproximar de Preciosa e conquistá-la. Narciso se apresenta como um príncipe e tenta incutir

---

<sup>45</sup> [...] De que perfumes, ó rosa, te quisera perguntar, quando sua vida é um Sol, e tua formosura é única, ai de ti, ai. Se as finezas da clava vão a sua glória, se está, como há de saber querer o que não sabe se vai durar? Ai de ti, ai. Interpretação minha.

<sup>46</sup> Porque Preciosa se passasse de querida a ingrata, e o Rei de amante a deixado: ficando um sentir seu ciúme, e o outro a perder sua Coroa [...] que nos Príncipes do vale havia muita gala, em Preciosa pouco conhecimento, e em uma dama muita vaidade. Ouviu Sinão o informe do rebelado, como da amizade antiga que ambos professavam. Interpretação minha.

nela a ideia que é muito bela, que tem criados, tem dinheiro para suprir suas necessidades, mas vive presa, sem a família e amigos.

Narciso pleiteia um serviço de empregado na casa de Preciosa e, assim, ficar mais tempo perto dela. Mesmo com o alerta de Angelino, ela acolhe Narciso como seu empregado, alegando ao Rei que ele a procurou humildemente pedindo socorro. Mas o Rei não permite.

Com o passar dos dias, frequentando as festas e as tardes de chá na casa de Delcídia, duas outras mulheres, Ocia e Amante, convencem a Preciosa de levar Narciso para ser seu secretário. Sereno, fiel ao Rei, chama Preciosa de ingrata pois seu Rei lhe dava tudo, principalmente amor, mas ela se deixa persuadir pelas amigas, levando Narciso para perto de si, sem o conselho ou permissão do Rei. Preciosa argumenta que o Rei a deixou livre para tomar decisões de administração da casa.

El Rey, diffe ella, deixou-me o alvedrio livre, e a de tomar hum criado mais, he pouca liberdade; e vós ficastes para aconselhar em outros casos. Eu, diffe Sereno, não paffo de perfuadirvos a violentarvos; em toda a novidade tenho obrigação de advertitvos; pois todo o acidente traz perigo. Aqui não vejo algum, respondeo ela. (CLEMENCIA, 1731 p. 48)<sup>47</sup>

Nessa passagem, a autora relata o início dos enganos que vão levar Preciosa a cair nas “armadilhas seculares”, mas podemos perceber que também nos mostra, apesar das advertências em favor ao Rei, que Preciosa faz valer sua vontade e decisão.

No capítulo seguinte, a autora se utiliza de três mulheres da ilha para alertar Preciosa do perigo que esconde as belezas da ilha, pois novamente emprega a beleza das flores e dos espinhos que possuem. Naquele lugar, as belas e amadas ninfas<sup>48</sup> de ontem, hoje estão esquecidas à própria mercê na ilha, para tomá-las como exemplos. Para elas, aquele paraíso, cheio de flores, os pássaros belos com seus cantos, deixou de existir, pois não mais alegre;

---

<sup>47</sup> O Rei, disse ela, deixou-me o alvedrio livre, e a de tomar um criado mais, época liberdade; e vos ficastes para aconselhar em outro, casos. Eu, disse Sereno, não passo de persuadi-vos, a violentar-vos; em toda a novidade tenho obrigação de adverti-vos, pois todo o acidente traz perigo. Aqui não vejo algum, respondeu ela. Interpretação minha.

<sup>48</sup> Mulher nova, esbelta, formosa. Na mitologia grega era uma divindade feminina que vigiava os reinos, os bosques, rios e mares. (MOISÉS, 2004)

nelas, as ninfas, não existe “alma” para apreciá-las, não existe amor, antes amantes, agora só existe o sofrimento do abandono.

Preciosa insiste no seu amor, afirmando que o Rei a ama. E, que um homem tão enamorado, que nasceu para ser seu, não ia faltar com a verdade. O Rei só a lisonjeia e faz todas as suas vontades, por essa razão ela deve muito a ele.

Marina Clemencia, lembrando que é por meio das personagens femininas que a autora segue o ensinamento, aponta os perigos e como é o fim de uma amante, que,

[...] assim como as borboletas em gaiola, tratará de meter o ar em alguma caixinha, e não queremos nos falte a respiração até velha. Assim tratavam as Damas dos estranhos divertimentos da que esperavam; quando passado grande tempo, entrou assistida de muita gente sua, e também da família de Preciosa, [...] (CLEMENCIA, 1731, p. 64)<sup>49</sup>

Disse, e tomando da mão a Preciosa se avizinhou às portas dos jardins, com a mais companhia: já aqui o arroio das fontes, o canto das flores, fazia uma agradável confusão, brindes aos desejos, voos aos passos; estes apressou Preciosa, e já chegando nas portas a pôr as mãos, segunda respiração de Aura a desviou dizendo. Não negues, tente, Que em cada flor se esconde uma serpente. (CLEMENCIA, 1731 p.84)<sup>50</sup>

Com isso, Marina Clemencia está apontando que no início essa situação de amante é perfeita, mas se não houver o conhecimento, o livre-arbítrio, as companhias familiares e amigas, a borboleta morre, ou seja, o encanto acaba e a tristeza preenche os dias e as noites. Nesta passagem verificamos uma oposição de valores, pois para se ter a salvação tem-se que seguir as regras divinas, porém está claro em seus escritos que se a mulher viver presa e a disposição de uma figura masculina, seguindo regras, essa mulher será infeliz.

---

<sup>49</sup> [...] assim como as borboletas em gaiola, tratará de meter o ar em alguma caixinha, e não queremos nos falte a respiração até velha. Assim trataram as Damas dos estranhos divertimentos da que esperavam; quando passado grande tempo, entrou assistida de muita gente sua, e também da família de Preciosa. Interpretação minha.

<sup>50</sup> Disse, e tomando da mão a Preciosa, se avizinhou às portas dos jardins, com a mais companhia; já aqui o arroio das fontes, o canto das aves, a sombra das plantas, o cheiro das flores, fazia uma agradável confusão, brindes aos desejos, voos aos passos; estes apressou Preciosa, e já chegando nas portas a pôr as mãos, segunda respiração de Aura a desviou, dizendo. Não negues, tente. Que, em cada flor se esconde uma serpente. Interpretação minha.



Preciosa vai para sua casa, decidida a escutar os conselhos dos súditos do Rei. Delcídia oferece, naquela noite, um baile. De seu aposento, Preciosa escuta os risos e a bela música entoada por seu gentil, adorável e belo serviçal, Narciso, cuja letra são versos que falam do seu amor não correspondido por sua bela musa. Preciosa sente por um momento aliviada de sua tristeza ao escutar que é querida.

Nas páginas seguintes, Preciosa segue o ensinamento de seus criados, que a advertem dos enganos que o Vale oferece, que ela siga as ordens do Rei, pois ele não perdoa traição ou insubordinação.

Adverti, diffe Sereno que nefte Valle há muitos enganos, é lhe feguero obedecer aos avifos. Anday, Senhora, tornou Amante, que he caminho Real, em que não há traição vil, e o ouro daquelas ameyas não tem fezes. Diffe e tomando da mão a Prefiosa, fe avifinou as portas dos jardins, [...] (CLEMENCIA, 1731, p. 84)<sup>51</sup>

No jardim havemos de entrar, que de flores, nem huma ferpe faz medo. Não entrareis, tornou Sereno, que eftou eu confiderando para atalharvos indifcreta; a fazer medo, bafta huma flor fem ser huma ferpe; pois pode efconder huma ferpe effa flor. Andaremos com tento, refpondeo ella, e afim não nos picará. (CLEMENCIA, 1731, p. 85).<sup>52</sup>

Sereno, adverte Preciosa que o Narciso que ela vê é, na realidade, a porta para o inferno, bem como os desejos mundanos por cegar o entendimento e a clareza dos ensinamentos divinos. Visto que a mulher que dá “flores às ninfas” (dinheiro, amor, alegria), dá a elas ilusão que estão satisfazendo suas vontades.

Preciosa, porém, duvida dos perigos e se encanta pelas falsas ilusões do paraíso. “não deixareis efte lugar, enquanto eu tiver alvedrio”. (CLEMENCIA, 1731, p. 98), E assim, mais uma vez temos a vontade da mulher sobrepondo aos desejos da figura masculina.

---

<sup>51</sup>Adverti, disse Sereno, que neste vale há muitos enganos, e é seguro obedecer aos avisos. Andai Senhora, tornou Amante, que é caminho real, em que não há traição vil, e o ouro daquelas ameias não tem fezes. Disse, e tomando da mão de Preciosa, se avizinhou às portas dos jardins. Interpretação minha.

<sup>52</sup>No Jardim havemos de entrar, que de flores, nem uma serpe faz medo. Não entreis, tornou Sereno, que estou eu considerando para atalhar-vos indiscreta; a fazer medo, basta uma flor sem ser uma serpe, pois pode esconder uma serpe esta flor. Andaremos com tento, respondeu ela, e assim não nos picará. Interpretação minha.

Os alertas para os perigos da vida mundana seguem no decorrer da escrita de *A Preciosa*:

Preciofa, Preciofa, olha que as luzes prefentes fãõ sombras, que te enganãõ, olha que as fombras paffadas forsó luzes, que te advertirão. Efte Paraifo fingido, he fó hum jardim encantado, aonde a Circe em effa mulher, vifte ferpe, vive disfarçada, e tu cres Dulcidia. Ella he a delicia do valle em hum roffigo de tão malicinfo veneno, que brinda com doçura para enlouquecer com tyrannia? (CLEMENCIA, 1731, p. 107)<sup>53</sup>

[...] mas achou-o de diferente fer, olhos de rayo contra ella, femblante de inimigo, na mão hum punhal, com que lhe ameaçava o coração; a má Villãa fe tranfformou em Crocodillo, que chorava diffimulada para enganar cautelofa, Na mulher. Que adminiftrava o banquete, fe vio huma bela tão disforme, que fó comfigo teve semelhança, por iffo se lhe não dá nome. (CLEMENCIA, 1731 p.103)<sup>54</sup>

Esta citação refere-se à mulher perigosa e má que Delcidia é, e que Preciosa não percebe. Delcidia é ardilosa e faz com que Preciosa vá e permanece mais e mais em sua companhia. Os dias seguem-se com a companhia de Delcidia, com Bem Me Quer e Narciso a galantear e disputar quem vai roubar a amada do Rei.

Delcidia, com os prazeres de sua vida mundana, fez com que Preciosa se deixasse enganar e, assim, fosse se afastando da companhia do Rei e permanecesse mais tempo nos prazeres do mundo acreditando que tinha poder sobre sua permanência ao lado do Rei.

Na disputa pelo amor de Preciosa, Narciso procura mostrar que a razão é a melhor maneira de amar, pois lhe traz cuidado e segurança, enquanto o amor com coração, como Bem Me Quer defende, é a ruína.

---

<sup>53</sup> Preciosa, Preciosa, olha que as luzes presentes são sombras, que te enganarão, olha que as sombras passadas são só luzes, que te advertiram. Este paraíso fingido, é só um jardim encantado, aonde a Circe em essa mulher, visse serpe, vive disfarçada, e tu crês Dulcidia. Ela é a delícia do vale em um resigno de tão malicioso veneno, que brinda com doçura para enlouquecer com tirania? Interpretação minha.

<sup>54</sup> [...] mas achou-o de diferente ser, olhos de raio contra ela, semblante de inimigo, na mão um punhal, com que lhe ameaçava o coração; a má vilã se transformou em crocodilo, que chorava dissimulada para enganar cautelosa. Na mulher, que administrava o banquete, se viu uma bela tão disforme, que só consigo teve semelhança, por isso se lhe não dá o nome. Interpretação minha.

Eu fou, fenhora, hum homem, que vos fabe fervir; Bem me quer hum homem que vos faberá matar [...] em mim huma manfão de cuidado: nelle huma incredulidade para a fineza, em mim huma eftabilidade para a firmeza: nelle fallao as fontes com murmuro, em mim refponde o Valle com a razão: ele he a fabula deftes paizes. (CLEMENCIA, 1731, p. 141)<sup>55</sup>

Se vos agrada a fua peffoa, transformarey a minha; fe o feu fer, tornarei a nafcer; fe fua condição, mudarey o trato; fe os feus arrojos, porey a venda; fe os feus exercícios, jogarey as fettas: mas fe como cuidoo, vos agrada mais fó em querer. (CLEMENCIA, 1731 p.142)<sup>56</sup>

Narciso defende-se falando a Preciosa que se a pessoa dele não a agrada, então ele se transformará na pessoa que ela deseja. E demonstra que o amor de Bem Me Quer a levará ao sofrimento. Na passagem a seguir podemos também interpretar, que os homens do mundo mundano estão dispostos a ceder às vontades femininas, que fazem sacrifícios para ter uma bela mulher ao seu lado.

O lugar, refpondo ele, aonde entrais, chamafe o Inferno de Bem me quer; porque aqui traz a penar os que o amão: a fonte de que provaftes, corre das lagrimas, que chorão efte ar ardente, fino, e melancólico, fe fez dos fufpiros, que lanção, e como fão de amor, abração as aguas, e queimão os ares: agora ouvi as vozes com que fe queixão, e aprendey a mufica, porque fe bufcais o pranto. (CLEMENCIA, 1731, p. 144)<sup>57</sup>

Nesse momento do livro, a religiosa nos apresenta um poema em forma de canção, que foi redigido em espanhol.

Deidad, que em efte Averno  
A tu rigor enfenas,  
Mira nueftros tormentos, fi eres forda.  
Oye nueftros clamores, fi cres ciega

<sup>55</sup> Eu sou, senhora, um homem, que vos sabe servie; Bem me quer um homem que vos saberá matar [...] em mim uma mansão de cuidado: nele uma incredulidade para a fineza, em mim uma estabilidade para a firmeza: nele falam as fontes com murmuro, em mim responde o vale com razão: ele é a fábula destes países. Interpretação minha.

<sup>56</sup> Se vos agrada a sua pessoa, transformarei a minha; se o seu ser, tornarei a nascer, se sua condição, mudarei o trato; se os seus arrojos, porei a venda, se os seus exercícios, jogarei as festas; mas se como cuidoo, vos agrada mais só em querer.

<sup>57</sup> O lugar, respondo ele, aonde entrais, chama-se o inferno de Bem me quer, porque aqui traz a penar os que não amam: a fonte de que provastes, corre das lágrimas, que choram este ar ardente, fino, e melancólico, se fez dos suspiros, que lançam, e como são de amor, abração as águas, e queimam os ares: agora ouvi as vozes com que e queixam, e aprendei a música, porque se busca o pranto. Interpretação minha.

Llega, Deida cruel,  
 Por tantos nombres fiera,  
 Fi guftas de quien flora, pena, y gime,  
 Aqui fe gime, aqui fe, flora, aqui fe pena.  
 Dizen, que amor te llamas,  
 A tu fer diferencias,  
 fi fiendo amor, amor affi maltratas,  
 fi tueras ódio, amor, q más hizieras?  
 Que eres ódio, y no amor,  
 Tu eftraneza confieffa,  
 Porque nel ódio es yelo, es fuego, es rabia,  
 Aqui te rabia, aqui fe arde, aqui fe yela.  
 Y fi a tu rigor folo  
 El decoro fufftentas,  
 Llega a ver lo q falta a tu crueldade,  
 No a mirar lo que fobra a nueftra queixa.  
 Mas ay, que tu crueldade  
 Efta fi de todo llena,  
 Fi no ay más, que matar, flechar, herir,  
 Aqui fe hiere, aqui fe mata, aqui se flecha.<sup>58</sup>  
 (CLEMENCIA, 1731 pp 144, 145)

Madre Marina Clemencia escreve por metáforas que a desconfiança gera ciúmes, que afeta o coração dos amantes. Também tem a adoração do seu amado, a ausência e lágrimas completa o inferno de um bem querer. O amor é comparado aos carinhos enganosos da madrasta, onde o respeito morre e vem o sentimento da ingratidão. Nesse momento só resta se apegar na esperança.

[...] aqui anda prometendo a todos, fem dar a nenhum, deixando-os mais no defengano. Defte demônio, pois, Defconfiança, defta fúria Ciume, defte verdugo Difvelo, defta madrafta Aufencia, defte punhal Saudade, defte tyrano Refpeito, defte rayo Ingratidão, defte fogo Fineza, defte torcedor Efperança, e de outros muitos argumentador os fez. (CLEMENCIA, 1731.pp 150,151)<sup>59</sup>

<sup>58</sup> Deidada, que em este Averno Você insulta seu rigor. Olhe para os nossos tormentos, você é sorda. Ouça nossos gritos, cresça cego. Venha, cruel Deida. Para tantos nomes ferozes, Figuras de quem flora, dor e gemidos. Aqui a fé geme, aqui a fé, a flora, aqui a fé e a tristeza. Diga, que amor é seu nome, para suas diferenças, E sendo amor, assim maltratam maltratos. Você odiaria isso, amor, o que mais você faria? Que você é ódio, e não amor. Sua confiança confiante. Porque o ódio é, é fogo, é raiva. Aqui você se enfurece, aqui a fé queima, aqui a fé yela. E com o seu rigor eu souber. O decoro sustentas. Veja o que falta em sua crueldade. Para não olhar para o que faz nossa queixa. Mas infelizmente, que sua crueldade. Está sim de tudo cheio, se não mais do que matar, atirar, machucar. Aqui se fere, aqui se mata, aqui se atira. Interpretação minha.

<sup>59</sup> Aqui anda prometendo a todos, sem dar a nenhum, deixando-os mais no desengano. Deste demônio, pois, desconfiança, desta fúria ciúme, deste verdugo desvelo, desta madrasta ausência, deste punhal saudade, deste tirano respeito, deste raio ingratidão, deste fogo fineza, deste torcedor esperança, e de outros muitos argumentos os fez. Interpretação minha.

Preciosa começa acreditar, assustada, que Bem Me Quer é um ser cruel, mas ele apresenta seu palácio a ela, e a beleza de se estar nele. Desse modo, a satisfação de acreditar no que deseja ver, enche o seu coração e passa não ver a realidade. Deixa a desconfiança e a vontade de recuar, e passa a acreditar nos corações com a fé de amante. Acredita na união de dois corações, pois o que importa é o amor carnal. Entende que só quem sente o amor é aquele que se entrega a ele. O amor é para quem deseja, para quem possui, porém quando se olha o amor com experiência, vê desenganos pois o cultiva na “lembrança”.

As glórias deste amor, Preciosa, são umas desejadas, outras possuídas: tocadas com vontade, são glórias, vistas com a experiência, desenganos; são mais de quem as cuida, que de quem as tem; a presunção falas eternas, a posse recebe as brevidades, quem as cuida, já lhe parece que as perde, vê que tal é o bem, aonde é melhor a esperança, que a posse!  
(CLEMENCIA, 1731 p.162)<sup>60</sup>

Na próxima festa em casa de Delcídia, Bem me quer e Narciso disputam a companhia de Preciosa. Nesse momento o Rei chega ao Vale para ver a sua amada, e vê os dois belos homens galanteando sua amada, seu corpo é tomado pela ira dos ciúmes e pede que Preciosa mude do Vale.

Entrou pelo salão um moço vestido de azul celeste, os cabelos lúzidos, a cor acesa, os olhos vivíssimos, os passos airofos, fixou a vista em Preciosa, e disse: da parte de Sua Magestade vos venho pedir, Senhora Preciosa, uma mudança. Mudou de cor a Dama. (CLEMENCIA, 1731, p. 209)<sup>61</sup>

Preciosa argumenta que não pode mudar do Vale por ter muitas coisas a fazer e que não há razão para tal atitude drástica. Então promete ficar em casa, sem frequentar as rodas de conversas e festas.

---

<sup>60</sup> As glórias deste amor, Preciosa, são umas desejadas, outras possuídas: tocadas com vontade, são glórias, vistas com a experiência, desenganos; são mais de quem as cuida, que de quem as tem; a presunção falas eternas, a posse recebe as brevidades, quem as cuida, já lhe parece que as perde, vê que tal é o bem, aonde é melhor a esperança, que a posse! Interpretação minha.

<sup>61</sup> Entrou pelo salão um moço de azul celeste, os cabelos lúzidos, a cor acesa, os olhos vivíssimos, os passos airofos, fixou a vista em Preciosa, e disse: da parte de Sua Magestade vos venho pedir, Senhora Preciosa, uma mudança. Mudou de cor a dama. Interpretação minha.

Evida, uma das mulheres assíduas das rodas, condena o comportamento de Preciosa, alegando que ela não se dá ao valor, cedendo aos caprichos ciumentos do Rei.

[...] deixay, que longe as feus divertimentos, que tempo lhe fica para os feus repúdios, e quando começa a abrir os olhos, não lhe queiras dar nelles com as fombras; huma mulher como Preciofa até nos acertos há de fazer reparos; a razão he que obedeça a Sua Mageftade; mas há de olhar o como obedece; fepultarfe entre as paredes de hum Alcaçar deluzido, eftá bem ao ciúme del Rey, mas efta mal a grandeza de Preciofa. (CLEMENCIA,1731 p.210)<sup>62</sup>

Aqui neste trecho, podemos constatar que Marina Clemencia se remete a uma obediência, porém essa obediência não pode ceder aos caprichos da vontade masculina, vontade essa que anula o valor e desejo da mulher, pois isso fará que ela fique submissa e se defina em tristeza.

Delcidia também questiona o porquê que o Rei não deixa sua amante frequentar sua casa, já que não há razão para desconfiança, pois seus divertimentos são lícitos.

Os comentários seguem com os apontamentos de que essa atitude de reclusão levará Preciosa mais rápido ao Vale de Lágrimas. E, privá-la dos divertimentos, não trará nenhum alívio.

Em um momento de desespero, Preciosa encontra Delcidia e desabafa falando de seu estado de tristeza devido às proibições sem sentido. Marina Clemência faz nesse instante uma reflexão sobre a tristeza pela ausência dos prazeres do mundo.

Corria em Valle de lagrimas hum rio, cujas aguas bebidas adormecião a memoria mais acordada, e taes erão os moradores do Valle, ã corrião a efte rio, aonde quem bebia a fartar fó perdia o ufo da memoria, mas ainda o dos fentidos, ficando imóvel; e a efte Letheo do Valle, chamavão o rio do Efqhecimento. (CLEMENCIA, 1731, p. 218)<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> [...] deixai, que longe os seus divertimentos, que tempo lhe fica para os seus repúdios, e quando começa a abrir os olhos, não lhe queiras dar neles com as sombras; uma mulher como Preciosa até nos acertos há de olhar o como obedece; sepultar-se entre as paredes de um Alcaçar deluzido, está bem ao ciúme do Rei, mas está mal a grandeza de Preciosa. Interpretação minha.

<sup>63</sup> Corria em vale de lágrimas um rio, cujas águas bebidas adormeciam a memória mais acordada, e tais eram os moradores do vale, o corriam a este rio, aonde quem bebia a fartar só

O esquecimento é o encanto da alma. Ressaltando que quem se entrega aos prazeres do mundo perde a lucidez e, conseqüentemente, se afasta das regras impostas pela Igreja.

Na continuidade do livro, *Preciosa*, num momento de insensatez, volta a frequentar os lazes que Delcidia e o Vale proporcionavam e a ter em companhia de seus amigos. A autora mostra que, assim, *Preciosa* se tornou uma ingrata aos olhos do Rei onde

Os delizes de Preciofa ingrata ardia o coração do rey ciofo; em tantas offensas declaradas, eftavão rebuçadas fuas iras, que o affecto fupendia a fatisfação; dava-lhe vozes fua juftiça, que não dilataffe mais o feu repudio, mas levantava rogos fua fineza, com que applacava fua juftiça: logos lhe pedião feus ciúmes; esperas lhe pedião feus affectos; e tal era teu affecto, que fabia vencer ao feu ciúme. Affim amava EIRey, porque amava laftimando em taes correpondencias. (CLEMENCIA, 1731, p. 223)<sup>64</sup>

Nesse momento de *A Preciosa*, a religiosa autora do livro revela que o amor divino mesmo abalado pelos sentimentos mundanos, como os ciúmes, a ingratidão e vingança, revela-se grato, humilde, disposto a perdoar e resgatar seus fiéis. E, assim, o Rei envia mensageiros para resgatar sua amada do esquecimento.

Da formofura deftas ninfas, em quem tanto Cupido se faz efpelho, podendo fazer defenganos: a luz, he fogo, o fogo, he cinza; a cinza, he pó; e tudo he nada, Deas finezas deffes Faunos amantes, de quem se conta tanta mentira compofta, e nenhuma verdade defpida, o fer, he loucura; a duração, fufpiro, a memoria, fumo; e tudo he nada. (CLEMENCIA, 1731 p.227)<sup>65</sup>

---

perdia o uso da memória, mas ainda o dos sentidos, ficando imóvel; e a este pedaço do vale, chamavam o rio do Esquecimento. Interpretação minha.

<sup>64</sup> Os delizes de *Preciosa* ingrata ardia o coração do rei cioso; em tantas ofensas declaradas, estavam rebuçadas suas iras, que o afeto suspendia a satisfação; dava-lhe vozes sua justiça, que não dilatasse mais o seu repúdio, mas levantava logo sua fineza, com que aplacava sua justiça: logo lhes pediam ciúmes; esperas lhe pediam seus afetos; e tal era seu afeto, que sabia vencer ao seu ciúme. Assim amava o Rei, porque amava lastimando em tal correspondência. Interpretação minha.

<sup>65</sup> Da formosura destas ninfas, em quem tanto cupido se faz espelho, podendo fazer desenganos; a luz, é fogo, o fogo, é cinza; a cinza, é pó; e tudo é nada. Das finezas desses falsos amantes, de quem se conta tanta mentira composta, e nenhuma verdade despida, o ser, é loucura; a duração, suspiro, a memória, fumo; e tudo é nada. Interpretação minha.

Eftes são, ó Preciofa, os bens do Valle, por quem defprezas as foberanias da Corte; e fe he nada ao verfe, menos ainda he para compararfe; eftas fão fuas grandezas, e fontes ricas à clara luz de meu Diamante defapparecidas. E pois fe os rayos te abrirão os olhos, não os torne a ferrar tua obstinação; que El Rey me mandou a reftituite o conhecimento, e eu fico a perpetuarte o beneficio. (CLEMENCIA, 1731, p. 228).<sup>66</sup>

Preciosa recupera a sensatez, se indigna como ela pode ceder aos prazeres profanos e desprezar o amor de seu rei, visto que ele oferecia todo seu reino e amor, e exigia somente gratidão e lealdade. Apesar da personagem ser resgatada pela força das regras, aqui existe, de certa forma, uma escolha da mulher. A escolha foi de voltar a seguir as normas de uma vida regrada.

Ao voltar do seu desvario, Preciosa recebe a luz divina da razão. Seus arrependimentos são sinceros pela perda dos seus sentidos e do caminho a ser seguido

[...] Preciofa, começarão a aborrecer feus enganos, e arrependerfe de feus defcaminhos, pedindo a Amante perdão a Sereno, que lhe concedeo fácil. Vendo Preciofa a fidelidade de Claros para com el Rey, o perfuadio a mofttrar-lhe com fua luz huma foledade, aonde retirada fugiffe aos moradores do Valle, e feus enganos e trataffe fó de fatisfazer a El Rey, e á fua Corte. Concedeo-lhe Claros a jufta petição, e fazendo outra vez pontaria com feu Diamante moftrou à Dama os longes de humas penhas, que fe divifavão em o mayor retiro do Valle; e deixando em feus olhos baftante luzes, fe defpedio dela feguro em que não tornaria a tropeçar nas fombras do Valle. (CLEMENCIA, 1731, p. 231)<sup>67</sup>

Nas páginas seguintes Madre Marina Clemencia relata o processo de arrependimento de Preciosa, com as tentativas de levá-la para o caminho “do

---

<sup>66</sup> Estes são, ó Preciosa, os bens do vale, por quem desprezas as soberanias da Corte; e é nada ao ver-se, menos ainda é para comparar-se; estas são suas grandezas, e fontes ricas à clara luz de meu Diamante desaparecidas. E pois se os raios te abrirão os olhos, não os torne a ferrar tua obstinação; que o rei me mandou a restituir-te o conhecimento, e eu fico a perpetuar o beneficio. Interpretação minha.

<sup>67</sup> [...] Preciosa, começaram a aborrecer seus enganos, e arrepender-se de seus descaminhos, pedindo a Amante perdão a Sereno, que lhe concedeu fácil. Vendo Preciosa a fidelidade de Claros para com o rei, o persuadindo a mostrar-lhe com sua luz uma soledade, aonde retirada fugisse aos moradores do vale, e seus enganos e trata-se só de satisfazer ao rei, e a sua corte. Concedeu-lhe Claros a justa petição, e fazendo outra vez pontaria com seu Diamante mostrou à Dama o tempo do seu sofrimento, que se divisavam em maior retiro do vale, e deixando em seus olhos bastante luzes, se despediu dela seguro que não a tornaria a tropeçar nas sombras do vale. Interpretação minha.



mal”. Porém, Preciosa combate as tentações obedecendo aos pedidos do Seu Rei de se manter no caminho “do bem”.

Affim dizia Evida, feguindo a Preciofa; huma a fugir, a outra a perfequir; até que Candida enfadada, voltou, e diffe: amiga, já vomitastes voffo veneno, agora, deixainos profeguir noffo caminho; que nem a Preciofa entrou o contagio pelos ouvidos; nem em voffo Paraifo há de beber mais venenos pelos olhos. O quando El Rey a há de chamar, vós não o fabeis [...]. (CLEMENCIA, 1731, p. 242)<sup>68</sup>

Preciofa, que me todo o deferto há uma fonte, que murmure; huma ave, que cante, hum ecco, que conte; e fe fecha a porta aos efrondos, fempre fe deixa hum refquicio para os reparos; aos zelos del Rey, estais bem na voffa peffoa ficais melhor em noffa companhia; e aquilo, que eftá melhor á decência, fica melhor ao ciúme, confideray advertida. (CLEMENCIA, 1731 p. 236)<sup>69</sup>

Preciosa rejeita os prazeres que a amiga oferece, pois deve devoção ao Seu Rei e como não sabe quando ele vai chamá-la, ficará o tempo toda fiel às suas recomendações.

Vencidas as tentações pela perseverança e fé, Preciosa recebe as glórias.

Princeza de qualificado fer, grande valor, e conftancia varonil, e de Sua Mageftade muy eftimada: aqui nefte Deferto, corre fua, faz rofto aos inimigos de Sua Mageftade, e invencível Bellona os retira vencidos, até que fe não deixão ver de efcarmentados; e pelo as folhas das arvores contão fuas vitorias, como as folhas das arvores; defpreza as manfoes do defcanço, e fó abraça as lidas do rigor, q para ella fó fora rigor o defcãço; paffa as noites vigiando em honra do feu Rey. (CLEMENCIA, 1731, p. 287)<sup>70</sup>

<sup>68</sup> Assim dizia Evida, seguindo a Preciosa; uma a fugir, a outra a perseguir, até que Candida enfadada, voltou, e disse: amiga, já vomitastes vosso veneno, agora, deixa-nos prosseguir nosso caminho; que nem a Preciosa entrou em contagio pelos ouvidos; nem em vosso paraíso há de beber mais venenos pelos olhos. O quando o rei a há de chamar, vós não sabeis. Interpretação minha.

<sup>69</sup> Preciosa, que em todo deserto há uma fonte, que murmure; uma ave, que cante, um eco que conte; e se fecha a porta aos estrondos, sempre se deixa um resquício para os reparos; aos zelos do rei, estais bem na vossa pessoa ficais melhor em nossa companhia; e aquilo, que está melhor à decência, fica melhor ao ciúme, considerai advertida. Interpretação minha.

<sup>70</sup> Princesa de qualificado ser, grande valor, e constância varonil, e de sua majestade muito estimada: aqui neste deserto, corre sua, faz rosto aos inimigos de sua majestade, e invencível Bellona os retira os vencidos, até que se não deixam ver de escarmentados; e pela folhas das árvores contam suas vitórias, como as folhas das árvores; despreza as mansões do descaço e só abraça as lidas do rigor, que para ela só fora rigor o descaço, passa as noites vigiando em honra do seu rei. Interpretação minha.

A riqueza está na humildade, na beleza da natureza, na simplicidade e não no ouro. E, assim, Preciosa, arrependida de seus erros, lastima suas feridas.

[...] era troceder a fua memoria o que delinquo contra feu Amante, correndo-fe feu affecto de haver tido a menos peffoas, e receando fua fatisfação, não ter admitido em tanto agravo; namorada de fua fineza, e laftimada em fuas feridas, temendo-fe excluída, culpava fua ingratição, chorando feu erro. (CLEMENCIA,1731 p.296).<sup>71</sup>

E esse arrependimento tem que ser sincero e profundo.

Alimenta-fe no pranto, porque te tranfformes na dor; e afim venhas a fer de fua dor o pranto; coração, chorar he muito; chorarte, he mais; chorarte afi mefmo, farás o mais, e o muito: fahe em lagrimas pelos olhos, não dés fó teu fentimento a ruas culpas, da-lhe também feu fer, para fer todo de feus fentimentos. Troquemte pelas lagrimas, para que afim te equivoques com as penas; (CLEMENCIA,1731 p.301)<sup>72</sup>

Marina Clemencia, utiliza de mais uma poesia para realçar o arrependimento de Preciosa, para que fique claro a todos que quem se entrega aos prazeres seculares, chorará os enganos.

[...] Coração, que chorando aborrecidas  
Tantas culpas eftás hontem adoradas,  
Como o termo fatal de commettidas,  
Accommodas na esfera de choradas?  
Sabes qual foy o tempo de queridas,  
Mas não quanto ferá o de odiadas,  
Eu temo, coração, tanto has errado,  
Não caiba delinquido em o chorado.  
Mares chorem meus olhos ternamente,  
Para pagar meus erros a milhares,  
Defate o coração fua corrente [...]

<sup>71</sup> [...] era retroceder a sua memória o que delingue seu amante, correndo-se seu afeto de haver tido a menos pessoas, receando sua satisfação, não ter admitido em tanto agravo; namorada de sua fineza, e lastimada em suas feridas, temendo-se excluída, culpava sua ingratição, chorando seu erro. Interpretação minha.

<sup>72</sup> Alimenta-se no pranto, porque te transformes na dor; e assim venhas a ser de sua dor o pranto; coração, chorar é muito; chorar-te, é mais; chorar-te assim mesmo, farás o mais, e o muito: saem lágrimas pelos olhos, não de só teu sentimento a ruas culpas, dá-lhe também seu ser, para ser todo de seus sentimentos. Troque-te pelas lágrimas, para que assim te equivoques com as penas. Interpretação minha.

(CLEMENCIA,1731 p.315)<sup>73</sup>

A autora enfatiza que não basta querer alívio, tem que ter cautela com as tentações e não sucumbir aos prazeres seculares para que seja levada ao Palácio como Rainha. E, Preciosa, com fé, pratica os exercícios da vida religiosa, tendo como recompensa ser a Rainha no Palácio, ou seja, alcançaria a salvação na hora de sua morte.

Chegou Preciosa à Corte da mayor mageftade, que efperava amante, porque o foubé bufcar arrependida Era da Cidade tão foberana a grandeza, tão singular a fuperioridade, tão levantada a magnificiencia [...] Contemplemfe em feus Paraifos as flores de duração confitante; a fragancia de fuavidade celeftial; fontes de agua viva; os frutos de fabor eterno. (CLEMENCIA, 1731, p. 353)<sup>74</sup>

Ao terminar suas peregrinações e lutas contra a vida secular, Preciosa cometeu erros, porém, se arrependeu e voltou para o caminho que seu Rei traçou para seus dias. Desse modo, ela despediu-se do mundo secular como uma Rainha que serve a seu Rei e aos seus desígnios religiosos, seguindo uma vida religiosa e a caminho da salvação.

Ao lermos estes arrependimentos, e mesmo, Preciosa seguindo a vida conventual, rejeitando e não caindo em tentações, podemos afirmar que existe a todo instante uma decisão que somente a protagonista poderia fazer. Neste sentido é que está expresso o desejo feminino, o poder de pensar e decidir o que se quer.

Portanto, Marina Clemencia, deixa nas “entrelinhas” uma segunda mensagem para as mulheres, contornando assim as regras impostas pela Igreja

---

<sup>73</sup> [...]Coração, que chorando aborrecidas tanta culpas estás ontem adoradas, como o termo de cometidas faltas, acomodadas na esfera de choradas? Sabes qual foi o tempo de queridas, mas não quanto será de odiadas, eu temo, coração, tanto há de errado, não caiba delinquido em choro. Meus olhos choram eternamente mares. Para pagar meus erros a milhares. Desate o coração sua corrente. Interpretação minha.

<sup>74</sup> Chegou Preciosa à Corte da majestade maior, que esperava amante, porque soube buscar arrependida. Era da cidade tão soberana a grandeza, tão singular a superioridade, tão levantada a magnificência [...] contemplem-se em seus paraísos as flores de duração constante; a fragrância de suavidade celestial; fontes de água viva; os frutos de sabor eterno. Interpretação minha.

e pelo poder patriarcal da época, e utiliza-se da literatura como um mecanismo de “libertação”.

Ao prosseguir com a análise para alcançarmos o nosso objetivo de mostrar a importância histórica da obra *A Preciosa*, se faz necessário rever algumas características do estilo literário Barroco. Por ser neste período que Marina Clemencia recebeu sua formação, estaremos, a seguir, nos remetendo a algumas características desse gênero literário.

Para Amaral, et al (2011), o Barroco seria

[...] a expressão, nas artes, da profunda crise ideológica e da multiplicidade de estados de espírito do homem seiscentista, dividido entre a razão e a fé, entre a mentalidade em expansão e os valores medievais defendidos pelo clero e pela nobreza. (AMARAL, FERREIRA, *et al.*, 2011, p. 71)

O período literário chamado Barroco foi fortemente marcado por oposições e dilemas, pois o ser humano buscava a salvação a que a Igreja se referia e, simultaneamente, desejava aproveitar os prazeres mundanos. Podemos verificar essa característica em vários momentos de *A Preciosa*:

A fua habitação erão huns jardins de mageftofa fabrica, grande inveção, muita delicia: aqui ofentava todos os divertimentos do Valle; já nas muficas, já nos banquetes, já nas competências, já nas queftoens, já nas Academias. (CLEMENCIA, 1731, p. 38-39)<sup>75</sup>

Eu fou nefte valle hum homem, que vos pode nefte fazer hum Rey; tenho para dar a voffa cobiça o que não alcança voffo defeso: não haverá fadiga, que vos bufque, fó encontrareis defcanfo, que vos ache; fereis Senhor das delicias deftas rofas e nunca objeto do rigor deftes efpinhos, com tanto, que me deis pelo tudo, que vos ofereço, hum lugar de criado na campina de Preciofa, que he para mim o tudo. (CLEMENCIA, 1731, p. 42)<sup>76</sup>

---

<sup>75</sup> A sua habitação eram uns jardins de majestosa fábrica, grande invenção, muita delícia; aqui ostentava todos os divertimentos do vale; já nas músicas, já nos banquetes, já nas competências, já nas questões, já nas academias. Interpretação minha.

<sup>76</sup> Eu sou neste vale um homem, que vos pode neste fazer um rei; tenho para dar a vossa cobiça o que não alcança vosso desejo: não haverá fadiga, que vos busque, só encontrarás descanso, que vos ache; sereis senhor das delicias destas rosas, e nunca objeto do rigor destes espinhos, com tanto, que me deis pelo tudo, que vos ofereço, um lugar de criado na campina de Preciosa, que é para mim o tudo. Interpretação minha.

Já no Alcaçar, a que o grande Rey tinha feito depofito de feu cuidado, fe ouvia fó o torpe ruído de divertimento. Inutil vivia o Sol ao encontro das muficas; morria o dia as mudanças dos faraos; nafcía a noite as porfias dos jogos (CLEMENCIA, 1731, p. 72)<sup>77</sup>

Nestes trechos percebemos que no palácio de Alcaçar, denominação que Sórora Maria do Céu utilizou para representar a Igreja, o Rey (Deus) cuida de seus fiéis, porém em suas dependências pode-se ouvir os prazeres que o Vale (mundo) proporciona a todos os seres humanos. Assim, as tentações não são afastadas dos seus fiéis, e a eles cabe a decisão de qual caminho a seguir, fortalecendo a oposição (bem ou mal) e o dilema de escolha entre a salvação (alcançar o céu), ou se render aos prazeres do mundo (inferno).

Sórora Maria do Céu viu na alegoria moral uma forma de discurso, associando a imaginação à lição moral, e se apresentando, assim, de acordo com Augusto (2005), como uma das escritas que possuem as melhores finalizações que recorrem às alegorias, dentro desse período literário. *A Preciosa* é uma obra de estrutura narrativa e alegórica, exigindo, assim, que o leitor faça uma ponte com a narração do enredo e do significado da história, tornando-se uma obra cujo motivo é ensino e reflexão, como podemos verificar nas primeiras páginas da obra, que constam as permissões do Santo Ofício para que a escrita possa ser divulgada. Destacamos aqui as palavras de Dom Antonio Caetano de Sousa<sup>78</sup>

Effa Preciofa, que he a Alma racional, fe infrue deforte, que auxiliada com a Divina graça, pode dominar as potencias que a acompanhão, para que livrando-fe da ociofidade, que he o primeiro caminho, quanto conduz diretamente à culpa, fe livre dos perigofos precipícios a que fe vê expofta, para que triunfante de todas as paixoens da natureza humana, poffa fer coroada na Corte celefte, por feu Divino Efpofa; effa he em fumma a matéria do livro. (CLEMENCIA, 1731, Carta do Censor)<sup>79</sup>.

<sup>77</sup> Já no Alcaçar, a que o grande rei tinha feito deposito de seu cuidado, se ouvia só o torpe ruído de divertimento. Inútil vivia o Sol ao encontro das músicas; morria o dia as mudanças dos faraós; nascia a noite as apostas dos jogos. Interpretação minha.

<sup>78</sup> Qualificador do Santo Ofício, um dos membros religiosos que davam seu parecer favorável ou negava a divulgação dos escritos no início do século XVIII. (RODRIGUES, 2009)

<sup>79</sup> Esta, Preciosa, que é a alma racional, se instruem de sorte, que auxiliada com a Divina Graça, pode dominar as potencias que a acompanham, para que livrando-se da ociosidade, que é o primeiro caminho, quanto conduz diretamente à culpa, se livre dos perigosos precipícios a que

Moisés (2012) nos lembra que a “poesia barroca em Portugal apresenta-se em figuras isoladas e em antologias<sup>80</sup> organizadas”, essa característica também é claramente observada no livro em análise.

A madre Marina Clemência, utiliza o recurso das figuras para representar as tentações mundanas que atormentam a jovem e bela Preciosa.

Em *A Preciosa*, Alcaçar é um palácio que representa o convento, a vida religiosa, e o Vale é o mundo secular. As figuras representam os males seculares (Vale), e o bem conventual (Alcaçar). Como é o caso do personagem Sinão, representando as tentações de uma forma generalizada.

Era Sinão, que afim fe chamava o indigno Príncipe do Vale, de antiga, mas escura ascendência; de dissimulada malícia; de fubuliffima indústria; de condição lisonjeira; de eloquência atractiva; e com estes predicados fe adquirido no Valle hum tal poder, que foy obedecido pelo mayor Principe do Valle; ali lisonjeando a todos. (CLEMENCIA, 1731, p. 36)<sup>81</sup>

Também remete a figura do Rei sendo Deus, cujo ensinamento é de alguém que escolhe e chama para seu convívio, impõe regras e é implacável com quem não as segue e sai do caminho traçado pela Igreja, porém se houver um arrependimento sincero ainda terá os encantamentos de uma vida plena de virtudes e salvação.

He Sua magestade tão Soberano, que a comparar-vos fua fidalguia com Estrellas, ficariam ellas encarecidas, e ele queixoso; e a querer o Sol ser exemplo, fora sombra, a nobreza de feu Pay he tão antiga, que fe lhe não acha principio; por fua Mãe he da Real Casa de Judéa. He tão poderoso, que com huma palavra fará hum Mundo. (CLEMENCIA, 1731, p. 09)<sup>82</sup>

---

se vê exposta, para que triunfante de todas as paixões da natureza humana, possa ser coroada na Corte celeste, por seu divino esposo; essa é em suma a matéria do livro. Interpretação minha.

<sup>80</sup> Consiste na reunião de vários poemas diferentes num único livro. (MOISÉS, 2004)

<sup>81</sup> Era Sinão, que assim se chamava o indigno Príncipe do Vale, de antiga, mas escura ascendência; de dissimulada malícia; de sublime indústria; de condição lisonjeira; de eloquência atrativa; e com estes predicados se adquire no vale um tal poder, que foi obedecido pelo maior Príncipe do vale; ali lisonjeando a todos. Interpretação minha.

<sup>82</sup> É sua majestade tão soberano, que a comparar-vos sua fidalguia com estrelas, ficariam elas encarecidas, e ele queixoso; e a querer o Sol ser exemplo, fora sombra, a nobreza de seu Pai é tão antiga, que se lhe não acha a princípio; por sua mãe é da real Casa de Judéa. É tão poderoso, que com uma palavra fará um mundo. Interpretação minha.

[...] treme o inimigo a ouvir feu nome, e foge fó ao final de fuas bandeiras [...] Affim, Senhora não vos fieis em fuas piedades para voffos deslizes. He tão liberal, que a quem lhe pedio hua memoria, deu um Reyno; tão generofo, que tudo reparte de graça; os bens de fua cafa fão de todos; de fi mefmo fará iguarias, por dar banquetes. Finalmente he tão amante, que parece nafceo fó a morrer por vós, e defeja, que vós fó morrais a viver por elle. [...] Manda Sua Mageftade, que o ameis fobre tudo, que fuppofto vos livra a vontade da violência, não vola ifenta da obrigação. (CLEMENCIA, 1731, p. 11 e 12)<sup>83</sup>

No livro temos também a figura da serrana Candida, que representa a verdade, vem para guiar a Preciosa, e que estará ali, como sua amiga, até quando der motivos para ela não mais permanecer.

A Serrana lhe fegurou ficaria a fervilha, em quando lhe não deffe motivo caufa para deixalla.[...] e a vós faço também advertência, porque vos não eftá mal, de que fendo mandado por Sua Mageftade fó para servilha [...] Candida, por lhe adoçar os temores, e lhe não defcuidar os avifos, a huma rofa, que na entrada de hum Valle fe coroava como Rainha dele. (CLEMENCIA, 1731, p. 25 e 26)<sup>84</sup>

Delcidia é a figura da ingratidão, uma mulher bela que seduzia os homens para deixá-los sofrendo, endurecendo e esfriando seus corações para o amor.

Vivia no Valle a matar huma mulher chamada Delcidia, e ainda afim era o mimo do Valle, finiffima encantadora, falffima alegria. Ella em virtude de fuas artes fem virtude, convertia os homens em brutos; mas não tornava os brutos em homens: fazia parecer as lagrimas rizo aos que depois pagavão o rizo em lagrimas [...] dos coraçoes humanos fazia pedras, das pedras não formava

---

<sup>83</sup> [...] treme o inimigo a ouvir seu nome, e foge só ao final de suas bandeiras [...] assim, Senhora não vos fiéis em suas piedades para vossos deslizes. É tão liberal, que a quem lhe pediu uma memória, deu um reino; tão generoso, que tudo reparte de graça; os bens de sua casa são de todos; de si mesmo fará iguarias, por dar banquetes. Finalmente é tão amante, que parece nascer e a morrer só por vós, e deseja, que vós só morrais a viver por ele. [...] Manda Sua majestade, que o ameis sobretudo, que suposto vos livra a vontade da violência, não a isenta da obrigação. Interpretação minha.

<sup>84</sup> A Serrana lhe segurou que ficaria a servi-la, enquanto não lhe desse motivo e causa para deixá-la[...] e a vós faço também advertência, porque vós não está mal, de que sendo mandado por Sua Majestade, só para servi-la [...] Candida, por lhe adoçar os temores, e lhe não descuidar, os avisos, a uma rosa, que na entrada de um vale se coroava como rainha dele. Interpretação minha.

coraçoes; tinha cantos a adormecer os fentidos, encantos a adormentar os fentimentos. (CLEMENCIA, 1731, p. 38)<sup>85</sup>

Vemos o poder e a beleza da gentileza na figura de dois príncipes, Bem Me Quer e de Narciso. O primeiro é arrojado, temerário, inquieto e destemido, e o segundo manso, prudente, pacífico e lisonjeiro.

Bem me quer, cativando as vontades com feu poder; Narcifo, fogeitando os alvedrios com suas lisonjas: Bem m e quer, fó com o rigor de fuas feftas fe fazia obedecido; Narcifo com a afabilidade de feu trato fe fazia adorado: hum lograva affimaçoens de Idolo; o outro refeitos de poderoso: Narcifo fazia eftremecido; Bem me quer fazia estremecer. Não havendo em Vale de lagrimas, morada, por altiva; cafa, por foberba; família, por illuftre, que aos dous não rendeffe vaffallagem. (CLEMENCIA, 1731, p. 40)<sup>86</sup>

No decorrer da leitura temos duas figuras masculinas, Angelino e Sereno, que representam os anjos enviados para proteger e resgatar Preciosa dos prazeres do mundo.

[...] effe mandado de Sua Mageftade para advertirvos, aquelle excluído para aconfelharvos; e quem fe vos deixou como fem acção, ficou para vos como alvedrio, aos banquetes del Rey vos efcufais defdenhofa, e quando vos faz manjar de fua fineza, lhe fazeis prato de voffa groffaria; podereis ficarvos de corrida, mas vejo, que vos deixais de ingrata. (CLEMENCIA, 1731, p. 77) <sup>87</sup>

Temo, refpondeo Sereno, que neffa cura adoeça mais a razão, do que fáre o animo: vos effais as portas de hum jardim, que fe vos faz um inferno temido, e não vos há de fer hum Paraifo

<sup>85</sup> Vivia no vale a matar, uma mulher chamada Delcidia, e ainda assim era o mimo do vale, finíssima encantadora, falsíssima alegria. Ela em virtude de suas artes sem virtude, convertia os homens em brutos; mas não tornava os brutos em homens: fazia parecer as lagrimas rizo aos que depois pagavam o riso em lágrimas [...] dos corações humanos fazia pedras, das pedras não formava corações; tinha cantos a adormecer os sentidos, encantos a adormentar os sentimentos. Interpretação minha.

<sup>86</sup> Bem me quer, cativando as vontades com seu poder; Narciso, afugentando os alvedrios com suas lisonjeas; Bem me quer, só com o rigor de suas festas, se fazia obedecido; narciso com a afabilidade de seu trato se fazia adorado: um lograva estimações de ídolo; o outro respeitos de poderoso: Narciso fazia estremecido: Bem me quer fazia estremecer. Não havendo e vale de lágrimas, morada, por altiva, casa por soberba; família por ilustre, que aos dois não rendesse vassalagem. Interpretação minha.

<sup>87</sup> [...] este mandado de Sua Majestade para advertir-vos, aquele excluído para aconselhar-vos; e quem se vos deixou sem ação, ficou para vós como alvedrio, aos banquetes do Rei vos escutais desdenhosa, e quando vos faz manjar de sua fineza, lhe fazeis prato de vossa grossaria; podereis ficar-vos de corrida, mas vejo, que vos deixais de ingrata. Interpretação minha.



logrado; aqui hú avifo vos véda a entrada, e lá as flores vos podem embaraçar a fahida, no Alçaçar eftaveis bem, aqui eftais mal. (CLEMENCIA, 1731, p. 84)<sup>88</sup>

A Madre apresenta no livro as Sereias como figuras que encantam pela beleza e encantam com a perfeição de sua voz.

[...] ferido infrumento, a quem voz Serea com eftas letras acompanhava.  
 Oye, Pafcolaa, que muero,  
 compaffion, piedad, favor,  
 pues de limofna te pido  
 favor, piedad, compaffioru:  
 una lomofa por el Dios de amor.  
 pobre de efperança vivo,  
 y dela tan pobre eftoy,  
 que de efperança no tengo  
 para comprar um temor:  
 uma limofna por el Dios de amor.  
 (CLEMENCIA, 1731, p. 78)<sup>89</sup>

No decorrer da leitura do livro, e como já apresentado nesta seção, temos quase que em todos os seus capítulos poesias apresentadas em forma de cantos de Sereias, que expressam sentimentos que reforçam o ensinamento que está introduzido no capítulo.

[...] e fe lhe adormecerão os fentidos á voz defte canto.  
 Oh tu, que em efa esfera  
 Llegafte a difcurrir,  
 Pues de feliz la hallafte,  
 Nó la dexes, Preciosa, de infeliz.  
 Aqui verás alegre.  
 Si te quedas aqui.  
 Los dias de Zafiras,  
 Las luzes de la noche de rubis.  
 [...].

---

<sup>88</sup> Temo, respondeu Sereno, que nessa cura adoeça mais a razão, do que faz animo: vos estais as portas de um jardim, que se faz um inferno temido, e não vos há de ser um Paraiso logrado; aqui um aviso vos é dado a entrada, e lá as flores vos podem embaraçar a saída, no Alçaçar estavas bem, aqui estas mal. Interpretação minha.

<sup>89</sup> [...] feridos instrumento, a quem voz da Sereia com estas letras acompanhava. Ei, Preciosa, estou morrendo, Compaixão, pena, por favor, Bem, eu estou te perguntando por favor, pena, compaixão: um lombo para o Deus do amor. pobres de esperança ao vivo, e de tão pobre estou, que eu não tenho para comprar um medo: uma esmola para o Deus do amor. Interpretação minha.

(CLEMENCIA, 1731, p. 112-113)<sup>90</sup>

[...] e cantarão as fuas lagrimas efta cantiga  
 Quem ouvio, paftores,  
 tantas eſtranhezas,  
 por huma maçãa,  
 fe eſperdição perlas?  
 Dizelme, Zagal,  
 que maçãs foy eſta,  
 que cuſta hum thefouro,  
 e val huma perda.  
 Que pagaffe Amira  
 o mal de querela  
 e pois cega eſteve,  
 chore a ficar cega.  
 [...].  
 (CLEMENCIA, 1731, p. 176)<sup>91</sup>

[...] o divertimento de teu cançaffo neſta cantiga.  
 Nos eſpinhos defcalço  
 vay por amores,  
 e cuidou, que os eſpinhos  
 erão as flores.  
 São aquellas roſas,  
 que vedes do monte,  
 fangue de hum Cupido  
 e não de hum Adonis.  
 No teu bem querer,  
 o amor picoule,  
 e cuidou que os eſpinhos  
 erão as flores.  
 Feridas de amor  
 rubricão o bofque,  
 a que tão finas tinhas  
 fofe dão taes cores.  
 [...].  
 (CLEMENCIA, 1731, p. 180-181)<sup>92</sup>

---

<sup>90</sup> E a fé vai fazer você dormir com a voz dessa música. Oh você, que espera. Isso, aconteceu, Bem, eu a achei feliz, Não os deixo, Preciosa, infeliz. Aqui você será feliz. Se você ficar aqui. Os dias de Zafiras, Luzes noturnas de rubi. Interpretação minha.

<sup>91</sup> [...] e cantarão as suas lágrimas esta cantiga. Quem ouviu, pastores, tantas estranhezas, por uma maçã, se perderam por elas? Dize-me, Zagal que maçãs é esta, que custa um tesouro, e vale a perda, que pagasse ao menos a mal de querê-la e, pois cega esteve, chore a ficar cega. Interpretação minha.

<sup>92</sup> São aquelas rosas que vedes no monte, sangue de um Cupido e não de um adônis. No teu bem querer, o amor picou-te e cuidou que os espinhos eram as flores, feridas de amor rubricam o bosque, a que tão finas tinhas infinitas cores. Interpretação minha.

As poesias são apresentadas, no decorrer do livro pelo canto das sereias, onde Sórora Maria do Céu utiliza da beleza e do encantamento da voz da figura mitológica, como um recurso para expor seus versos e assim transmitir a formosura e sonoridade que é característica do gênero poético.

Para Freitas (2014), a alegoria teológica corresponde às escrituras sagradas formando um conjunto de regras.

[...] Esse conjunto de regras hermenêuticas tem como finalidade não a interpretação das palavras enquanto leitura literal do texto, mas, sim, a interpretação dos acontecimentos contados, das coisas e dos seres históricos que preenchem o discurso. É importante considerar que as coisas, os acontecimentos e os seres históricos sujeitos à interpretação são aqueles que estão nomeados nas Escrituras, ou seja, foram designados pela Palavra Sagrada que cria e nomeia. (FREITAS, 2014, p. 251)

No decorrer da leitura, esse conjunto de regras que Freitas se refere é constado nos capítulos finais. Na passagem abaixo de *A Preciosa* se revela que a riqueza está na humildade, na beleza da natureza, na simplicidade e não no ouro.

[...] que Asperrima por defdenhar os diamantes, polia a cortiça. O mayor luzimento de minha cafa, dizia ella, he não haver nella mais luzimentos. Affim faz a Rainha peffoa ao Palacio, de outra forte era dar a entender, que fazia o Palacio a peffoa da Rainha; ao que mais pôde chegar na riqueza o aparato de huma cafa, he ao pizarfe nella o ouro: o ouro he terra, logo que importa mais pizarfe a terra, que o pizarfe o ouro? (CLEMENCIA, 1731, p. 292)<sup>93</sup>

Sórora Maria no Céu procura evidenciar, no livro, que o temor a Deus embaraça o caminho das delícias do mundo, salvando o fiel e levando-o para longe das tentações mundanas.

Embaraçoufe a Dama, e fufpendofe, que aquelle objeto havia pouco, que o tinha fido de tuas atençaens, e inconfiderada foy a pôr o pé em os jardins; mas logo lhe foy ameaço a fuas portas,

---

<sup>93</sup> [...] que Asperrima por desdenhar os diamantes, polia a cortiça. O maior luzimento de minha casa, dizia ela, é não haver nela mais luzimentos. Assim faz a Rainha pessoa ao Palácio, de outra forte era dar a entender, que fazia o palácio a pessoa da Rainha; ao que mais pode chegar na riqueza o aparato de uma casa, é ao pisar nela o ouro: o ouro é terra, logo que importa mais pisar a terra, que pisar o ouro? Interpretação minha.

aquelle Venerável Ancião, que lá no Alcaçar lhe falvou a Memoria do rio, quando da janela a lançou Narcifo. Efte, pois, com terrível affecto, e magestosa preferença, ameaçando-a com huma espada nua, lhe fahio ao passo que logo a atemorizada Dama defendeu. (CLEMENCIA, 1731, p. 253)<sup>94</sup>

Sóror Maria do Céu demonstra, no livro, que a persistência e resistência às tentações humanas é o caminho para a salvação e que, assim, se alcança o Reino dos Céus.

Ouvio Preciosa a Sinão, como que o não escutava, e conhecendo a falsidade de suas razões, sem dar-lhe resposta, disse para Amante, e Luz: Já sabeis o que Sinão fez em Troia, fujaos deste homem, antes que nos prenda o fogo.[...] Sentiu a Dama a dificuldade, que contra a sua jornada se fez presente; conheceu a malícia de quem a dispôs. (CLEMENCIA, 1731, p. 236)<sup>95</sup>

Sóror Maria do Céu aponta que o caminho do verdadeiro arrependimento é o único caminho para receber o perdão de Deus.

Preciosa, começaram a aborrecer seus enganos, e arrependeu-se de seus descaminhos, pedindo Amante perdão a Sereno, que ele lhe concedeu fácil. Vendo Preciosa a fidelidade de Ciaros para com el Rey, o persuadiu a mostrar-lhe com sua luz uma soledade, ainda em retirada fugisse aos moradores do Valle, e seus enganos, e trata-se só satisfazer o Rey. (CLEMENCIA, 1731, p. 231)<sup>96</sup>

Em *A Preciosa*, vê-se que as honras e as Glorias de Deus são para quem recusa o mundo secular, orando e vigiando sem cessar.

---

<sup>94</sup> Embarçou-se a Dama, e suspeitou-se, que aquele objeto havia pouco, que o tinha sido de tuas atenções, e inconsiderada foi a pôr o pé em os jardins; mas logo lhe foi ameaço a suas portas, aquele venerável Ancião, que lá no Alcaçar lhe salvou a memória do rio, quando da janela a lançou Narciso. Este, pois, com terrível aspecto, e majestosa presença, ameaçando-a com uma espada nua, lhe fazia ao passo, que logo a atemorizada Dama se desandou. Interpretação minha.

<sup>95</sup> Ouvio Preciosa Sinão, como que não escutava, e conhecendo a falsidade de suas razões, sem dar-lhe resposta, disse para Amante, e Luz: JÁ SABEIS O QUE Sinão fez em Troia, fujaos deste homem, antes que nos prenda o fogo [...] Sentiu a Dama a dificuldade, que contra a sua jornada se fez presente. Conheço a malícia de quem a dispôs. Interpretação minha.

<sup>96</sup> Preciosa começaram a aborrecer seus enganos, e arrependeu-se de seus descaminhos, pedindo a Amante perdão a Sereno, que ele lhe concedeu fácil. Vendo Preciosa a fidelidade de Ciaros para com o Rei, o persuadiu a mostrar-lhe com sua luz uma soledade, ainda em retirada fugisse aos moradores do vale, e seus enganos, e trata-se só satisfazer o Rei. Interpretação minha.

Princeza de qualificado fer, grande valor, e confiança varonil, e de Sua Mageftade muy estimada: aqui nefte Deferto, corre fua, faz rosto aos inimigos de Sua Mageftade, e invencível Bellona os retira vencidos, até que fe não deixão ver de efcarmetados; e pelas folhas das arvores contão fuas vitorias, tantas fão fuas vitorias, como as folhas das arvores, defpreza as manfoens do defcanço, e fó abraça as lidas do rigor, para ella fó fora rigor o defcaço; paffa as noites vigiando em honra do teu Rey. (CLEMENCIA, 1731, p. 281)<sup>97</sup>

O livro termina com a Preciosa indo embora do Vale, olhando tristemente para trás. A sensação que temos é que ela veio a falecer, mas a religiosa está se referindo à volta para a vida reclusa do convento.

Das feftas com que a Corte a recebeo, da Coroa, que nella fe lhe prevenio, das grandezas, que felhe moftarão, dos thefourous, que fe lhe prevenio, das grandezas, que lhe offerecerão, e das liberalidades, que El Rey com os de fua companhia repartio, também fe não pode explicar o menos, nem compreender o mais. (CLEMENCIA, 1731 p.354)<sup>98</sup>

Moradores do Valle, não vos fieis já mais de feus encantos, e puplicay para a Corte voffas prevenções, defte Rey, que me efpera hoje, não fabeis vos tomará a manhã. Diffe Preciosa, e defpedindo-fe de todos, particularmente de Precorpo, a quem já deixou com liberdade para defcançar dos trabalhos [...] CLEMENCIA, 1731 p.351<sup>99</sup>

Ao lermos o último capítulo do livro de forma cautelosa e analisando as mensagens ali contidas, pode-se perceber que existe uma anulação de desejos, que Sórora Maria do Céu compara com a morte. E termina o livro com um soneto.

---

<sup>97</sup> Princesa de qualificado ser, grande valor, e confiança varonil, e de Sua Majestade muito estimada: aqui neste Deserto, corre sua, faz rosto aos inimigos de Sua Majestade, e invencível Bellona, os retira vencidos, até que se não deixam ver de escarmetos; e pelas folhas das árvores contam suas vitórias, tanta são suas vitórias, como as folhas das árvores, despreza as mansões do descanso, e só abraça as lidas do rigor o descaço; passa as noite vigando em honra do teu Rei. Interpretação minha.

<sup>98</sup> Das festas com que a Corte a recebeu, da Coroa, que nela se lhe preveniu, das grandezas, que se-lhe mostraram, dos tesouros, que se lhe preveniu, das grandezas, que lhe ofereceram, e das liberalidades, que o Rei com as de sua companhia repartiu também se não pode explicar o menos, nem compreender o mais. Interpretação minha.

<sup>99</sup> Moradores do vale, não vos fiéis já mais seus encantos, e publicai para a Corte vossas prevenções, deste Rei, que me espera hoje, não sabeis vos tomará amanhã. Disse Preciosa, e despedindo-se de todos, particularmente de Precorpo, a quem já deixou com liberdade para descansar dos trabalhos. Interpretação minha.

## SONETO

Forão tantos trabalhos padecidos  
 A Preciofa afim remunerados,  
 Porque aquelles, que a Deos fão dedicados  
 Nunca Deixão de fer agradecidos,  
 Neftes feus documentos, que advertidos.  
 Defpertadores fão aos defcuidados,  
 A lição melhor tem para emendados,  
 Quantos lhe queirão dar promptos ouvidos.

Mereceo Preciofa o fer triunfante,  
 Coroarfe de gloria permanente  
 Para Efpofa do Rey, feu fino amante;

Pois fempre varonil, foubé, e valente  
 Ao supremo Monarca amar confiante,  
 Com quem vive na Patria eternamente.  
 (CLEMENCIA, 1731, Conclusão).<sup>100</sup>

Neste soneto temos uma oposição de ideias, o enredo do livro nos remete a uma mulher que amava o seu Rei, e mesmo assim se rendeu às tentações mundanas, porém se arrependeu e recebeu as glórias do Supremo. Mas o soneto refere-se a uma mulher que sempre amou e confiou no Rei, mesmo quando estava em um período de pecado. Continuando a análise, recordaremos o conceito de Alegoria. Conforme Hansen (2006), trata-se de uma figura de linguagem que transmite um ou mais sentido além do literal, envolve metáfora, símbolo, prosopopéia, aximoro, ironia, antítese (figuras de linguagem<sup>101</sup>), sátira, apólogo e fábula (gêneros literários), dentre outros.

De acordo com Freitas (2014), a transposição semântica literária pela semelhança entre os signos presentes e ausentes é um procedimento denominado de metáfora, essa transposição

[...] atua como conceito de ornamentação da elocução discursiva, responsável pela semelhança entre o signo presente

<sup>100</sup> Faram tantos trabalhos padecidos. A preciosa assim remunerados, porque aqueles, que a Deus se dedica. Nunca deixam de ser agradecidos, nestes seus documentos, que advertidos. Despertadores são aos descuidados, a lição melhor tem para emendados, quantos lhe queiram dar prontos ouvidos. Merece Preciosa a ser triunfante. Coroarte de glória permanente. Para esposa do rei, seu fino amante; pois sempre varonil, soube e valente. Ao supremo Monarca amar confiante, com quem vive na pátria eternamente. Interpretação minha.

<sup>101</sup> Figuras de linguagem, também chamadas de figuras de estilo, são recursos especiais de que se vale quem fala ou escreve, para comunicar à expressão mais força e colorido, intensidade e beleza. (CEGALLA, 1997)

e o signo ausente; porém nesta relação de semelhança ocorre uma incompatibilidade entre os signos, o que força o ouvinte ou o leitor a realizar constantes relações de identidades semânticas na busca pelo sentido. (FREITAS, 2014, p. 253)

Madre Marina Clemência, utiliza vastamente esse recurso de linguagem em toda a sua obra, ou seja, a metáfora está embutida em vários momentos da sua escrita.

Moisés (2012) nos remete à literatura barroca como sendo marcada pela oposição entre o mundo secular e o mundo espiritual, pelo dualismo confrontando temas como amor e dor, vida e morte, religiosidade e pecado, bem e mal. Temas que proporcionam sentidos figurados por meio de relações, ou seja, metáforas.

[...] para não cerrar os olhos ao cuidado; há despenhos, aonde não tem voz o perigo, para que tenha mais facilidade o arrojo; há fontes, aonde toma lições a murmuração [...] jasmim puro, rofa singela, angelica suave, margarita preciosa, cravo abraçado, lírio celeste; aqui toda a flor he azar, todo o cravo he mesclado, toda a rofa he sanguinolenta. (CLEMENCIA, 1731, p. 22)<sup>102</sup>

Cegalla (1997), por sua vez, conceitua metáfora como um desvio da significação própria da palavra, nascido de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos .

Montanheza, que fontes à fonte  
 Como fonte  
 Que trouxe-te água nos olhos,  
 Fogo no peito.  
 Quem te trocou no caminho,  
 Serrana dos olhos negros,  
 pois te conheço foi hoje  
 pelo que te desconheço  
 [...]  
 Como fonte,  
 que pelo cristal do pranto  
 te dão de ver os penfamentos.  
 Se o coração tens ferido  
 declara seus sentimentos,  
 pois não há peito ferrado,

<sup>102</sup> [...] para não cerrar os olhos ao cuidado, há despenhos, aonde não tem voz o perigo, para que tenha mais facilidade o arrojo; não há fontes, aonde toma lições a murmuração [...] jasmim puro, rosa singela, angélica suave, margarida preciosa, cravo abraçado, lírio celeste, aqui toda flor é azar, todo cravo é mesclado, toda a rosa é sanguinolenta. Interpretação minha.

onde há coração aberto.  
(CLEMENCIA, 1731, p. 185) <sup>103</sup>

Amaral et al (2011, p. 72) conceituam metáfora como uma “figura de linguagem em que se substitui o significado de uma palavra por outra, a partir de uma semelhança”.

Nos versos acima, as relações de substituição do significado que Sórora Maria do Céu utiliza são os elementos da natureza com os sentimentos e órgãos humanos, para que fique claro a intenção de que sofremos por amor carnal, que é um sentimento da vida mundana, por não seguirmos os preceitos espirituais que, este sim, é o verdadeiro amor.

Outra figura de linguagem que Marina Clemencia recorreu é a prosopopéia, figura esta que consiste na personificação, animização e antropomorfismo, ou seja, atribui atitudes e sentimentos a seres inanimados, a elementos da natureza.

Dizey a effe Sol, que fe doa; a effe cravo que fe queixe; a effa arvore, que chegue; a effe arryo, que pare; a effe rouxinol, que namore; a effa fonte, que ensine; a effa rofa, que não morra; a effa mariposa, que refucite; e fe affim o fizerem, eu goftarey de ver como maravilha, o que a vós vos diverte como fabula.  
(CLEMENCIA, 1731 p.51) <sup>104</sup>

Nas passagens do livro abaixo transcritas, também percebemos a figura de linguagem hipérbole que, segundo Cegalla (1997), é a expressão exagerada, um recurso estilístico capaz de aumentar a expressão do texto, que possui a particularidade de tornar tudo muito exagerado, além do real.

E huma encuberta Ilha, chamada Abyfmo do nada, mandou o Supremo Rey tirar huma belleza Preciofa, que deveo effe nome às excellencias do fer, e não ás lifonjas da anthonomofia, Chegou a fermofura aos olhos da Mageftade, que fez o Amor tiro ao coração, para nunca fazer retiro á fineza; e namorado de

<sup>103</sup> Montanhosa, que fostes à fonte como suspeito, que trouxestes água nos olhos, fogo no peito. Quem te trocou no caminho, Serrana dos olhos negros, pois te conheço só de hoje pelo que te desconheço [...] Como suspeito que pelo cristal do pranto te hão de ver os pensamentos. Se o coração tens ferido declara seus sentimentos, pois não há peito ferrado, onde há coração aberto. Interpretação minha.

<sup>104</sup> Dizei a esse Sol, que se dos; a esse cravo que se queixe; a essa árvore, que chegue; a esse arrio, que pare; a esse rouxinol, que namore; a essa fonte, que ensine; a essa rosa, que não morra; a essa mariposa, que ressuscite; e se assim o fizerem, eu gostarei de ver como maravilha, o que a vós vos diverte como fábula. Interpretação minha.



perfeição tão peregrina tratou de guardalla cuidadofo.  
(CLEMENCIA, 1731, p. 01)<sup>105</sup>

[...] chegou com a fua companhia a hum deliciofo jardim, aonde fó havia jafmim puro, affuffena candida, cravo branco, flor nevada, aves ternas, aguas fimples: alli não havia voo de abelha picante, arrosos de maripofa innocente: alli não era Sol ardor, que confumiffe, era Febo luz, que legraffe alli não entendia a Aurora o porque chorava; (CLEMENCIA, 1731, p. 04)<sup>106</sup>

Durante a escrita de *A Preciosa*, a religiosa utiliza de uma outra figura de linguagem muito comum para a época barroca, a antítese. Para Cegalla (1997, P. 555), antítese “consiste na aproximação de palavras ou expressões de sentido oposto. É um poderoso recurso de estilo”.

[...] que queirais voluntaria, não forçada: deixa – vos livre para poderes efcolher o que for menos, e davos conhecimento de que elle he o mais; porque na duvida não faça defculpa a inclinação, liberalizando- vos a advertencia nas luzes, não vos cativa a liberdade nas fombras. (CLEMENCIA, 1731, p. 8)<sup>107</sup>

Morra a Serea. Serea fem doçura; morra o Afpid entre flores; outros o crocodillo entre o pranto, outros: queremos defcanço, outros: queremos vida, outros: queremos alma, e todos liberdade, liberdade. Rompião a embaraçada turba de vozes os fufpiros da Formosura, que dizia: Não morra, que não fica quem applauda a minha beleza. (CLEMENCIA, 1731, p. 139)<sup>108</sup>

---

<sup>105</sup> Em uma encoberta ilha, chamada Abismo do nada, mandou o Supremo Rei tirar uma beleza Preciosa, que deve esse nome às excelências do ser, e não às lisonjeas da anatomia. Chegou a formosura aos olhos da Majestade, que fez o Amor tiro ao coração, para nunca fazer retiro à fineza; e namorado de perfeição tão peregrina tratou de guardá-la cuidadoso. Interpretação minha.

<sup>106</sup> [...] chegou com a sua companhia a um delicioso jardim, aonde só havia Jasmim puro, Assussena cândida, Cravo branco, flor nevada, aves ternas, águas simples: ali não havia voo de abelha picante, arrosos de mariposa innocente: ali não era Sol ardor, que consumisse, era sob luz, que alegrasse, ali não entendia a Aurora o porquê chorava; Interpretação minha.

<sup>107</sup> [...] que queiras voluntária, não forçada: deixa-vos livre para poderes escolher o que for menos, e dai-vos conhecimento de que ele é o mais; porque na dúvida não faça desculpa a inclinação, liberalizando-vos a advertência nas luzes, não vos cativa a liberdade nas sombras.

<sup>108</sup> Morra a sereia. Sereia sem doçura; morra o Aspid entre flores; outros o crocodilo entre o pranto, outros: queremos descanso, outros: queremos vida, outros: queremos alma, e todos liberdade, liberdade. Rompem a embaraçada turba de vozes os suspiros da Formosura, que dizia: Não morra, que não fica quem aplauda a minha beleza. Interpretação minha.

De acordo com Amaral et al (2011), o estilo Barroco teve na literatura, como seus grandes recursos estilísticos, a metáfora que revelou a alusão e a descrição indireta; a antítese e o paradoxo<sup>109</sup> exprimem a coexistência angustiada de ideias e sentimentos opostos e contraditórios; a hipérbole como expressão da perplexidade diante do mundo e da vida; e o hipérbato<sup>110</sup>, reflexionando na inversão da frase e contorções da alma.

Diante do exposto podemos verificar que Sórora Maria do Céu utilizou dos recursos estilísticos que o Barroco proporcionava, para fazer com que seus leitores se encantassem pela leitura.

Tive a fortuna de chegar ás minhas mãos esta Alegoria Moral, por todos os títulos *Preciofa*; pois fendo-o fem duvida pela materia, o he igualmente pela fórma; na qual fe admira tão difcreta a piedade, tão suave a elegância, tão engenhofa a defcrição, e tão milagrofa a arte, que transfigurando as afperezas de hum desengano em delicias do entendimento, confegue que delle paffem a fer tão efficazes atracçoens de huma vontade Chriftãa. (CLEMENCIA, 1731, Carta do Censor).<sup>111</sup>

Nas páginas de *A Preciosa*, a religiosa utilizou esses mecanismos barrocos, de aproximação e de semelhança para mostrar a D. Maria Anna os ensinamentos e o caminho que deveria seguir para alcançar a misericórdia divina e, assim, alcançar a paz e o paraíso almejados, demonstrando a religião como limite e submissão das mulheres à Igreja.

Contudo, como foi apresentado no decorrer da análise, temos trechos do livro que implicam a necessidade e o poder de se fazer uma escolha, de tomar uma decisão. No trecho final, onde Preciosa volta à vida monástica, temos um segundo ensinamento: que se a pessoa não tivesse uma possível realização de seus desejos e anseios seria uma pessoa apagada, morta por dentro, revelando, assim, para algumas mulheres da época, especialmente para as que tinham um conhecimento e entendimento adquiridos pela educação fornecida na época,

---

<sup>109</sup> Paradoxo é uma afirmação contraditória: “é dor que desatina sem doer” - Camões. (AMARAL, FERREIRA, *et al.*, 2011)

<sup>110</sup> Hipérbato é uma inversão violenta dos termos da frase: “a quem tirar não pode o mundo nada” – Francisco Manuel de Melo. (AMARAL, FERREIRA, *et al.*, 2011)

<sup>111</sup> Tive a fortuna de chegar as minhas mãos esta Alegoria Moral, por todos os títulos Preciosa; pois sendo-o sem dúvida pela matéria, o é igualmente pela forma; na qual se admira tão discreta a piedade, tão suave a elegância, tão engenhosa a descrição, e tão milagrosa a arte, que transfigurando as asperezas de um desengano em delicias do entendimento, consegue que dele passem a ser tão eficazes atrações de uma vontade Cristã.

que as mulheres possuíam valor e sabedoria, e que poderiam ser utilizados por elas, proporcionando uma determinada liberdade, mesmo que bem limitada.

Para nós, a possibilidade de escolha oferecida por Marina Clemencia, nos permite entendê-la, e a seu *A Preciosa*, como um exemplar dos inícios de transformação para as mulheres dos séculos posteriores. Um enredo que apresenta, por meio de metáforas e alegorias, a história de uma mulher, suas vicissitudes e suas tentações, mesmo nos limites religiosos de sua época, aponta, no nosso entendimento, para uma valorização da figura feminina e, com o tempo, o seu fortalecimento.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a obra literária de madre Marina Clemencia, foi um processo investigativo importante para nós, pois tanto no campo acadêmico quanto no pessoal, trouxe-nos contribuições significativas, possibilitando-nos compreender a mulher em seu tempo histórico e distinto do nosso, fazendo-nos refletir acerca das conquistas femininas, dos espaços ocupados por nós mulheres, diante do que fomos, do que somos e do que ainda poderemos vir a ser. Este estudo possibilitou-nos compreender as representações sociais das mulheres da época, entender a relação entre elas, a sociedade em que estavam inseridas e a sua função social nesse determinado momento; permitiu-nos, também, compreender o quanto a sociedade e seus segmentos influenciavam e influenciam o comportamento humano, seja masculino ou feminino.

A leitura analítica da obra *A Preciosa* contribui para que compreendêssemos que, apesar de ser obra de moral, de regras de conduta religiosa, a mudança do comportamento feminino estava ocorrendo e sendo alvo de cuidados não só dos olhares da Igreja, mas também dos olhares masculinos. Tanto que havia uma preocupação em conter o desenvolvimento feminino, de não deixar “livre” os pensamentos das mulheres.

O estudo da nossa pesquisa nos chama a atenção para o fato de que, mesmo de maneira sucinta e limitada, a mulher encontrava mecanismos de se libertar da pressão clerical e patriarcal da sociedade em que estava inserida.

Mulheres como a nossa autora Madre Marina Clemencia, e como outras, a exemplo Mariana do Alcoforado<sup>112</sup>, Sórora Violante do Céu<sup>113</sup>, Marquesa de

---

<sup>112</sup> Idem p.41.

<sup>113</sup> Chamada pelos seus contemporâneos de A Décima Musa, a freira dominicana Violante Montesimos nasceu em Lisboa, em 1601. Poetiza racionalista e intelectualizada, fez oposição ao sentimentalismo feminino de origem conventual. Sua obra publicada postumamente, composta de sonetos e canções, revela uma notável engenhosidade verbal, anologias e conceitos, permeada de uma franqueza reveladora de seu espírito ardente e clamoroso. É autora de *Parnasmo lusitano de divinos e humanos versos* (1633) e de *Rimas* (1646). Morreu em 1693. (MIRANDA,2014)

Alorna<sup>114</sup>, Cristine Pizan<sup>115</sup>, Josefa de Óbidos<sup>116</sup>, entre outras, foram pioneiras em fazermos identificar e analisar a forma pela qual se iniciou o movimento de transformação das mulheres, onde elas iniciaram uma conquista de consciência, de edificação de identidade própria, onde pudemos ser reconhecidas como indivíduos de função importante no desenvolvimento da sociedade.

O livro aqui analisado é mais uma motivação para nós mulheres a continuar no caminho de prosperar e fortalecer a autonomia feminina, alargar a percepção que é pela educação e da instrução que devemos caminhar e solidificar a mulher como ser 'completo', de múltiplas funções mas essencial para que a sociedade se desenvolva.

As contribuições de Madre Marina Clemencia são de importância para sua época, e nos atrevemos a afirmar, de importância também para o nosso atual período. Vamos procurar evidenciar as que consideramos as mais expressivas, e para que possamos organizar a apresentação dos resultados obtidos o faremos pela cronologia, que durante o texto fomos apresentando, ou seja, pelas transformações socioeconômicas, pela educação religiosa ofertada, pela literatura barroca e pela obra *A Preciosa*.

---

<sup>114</sup> D. Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre nasceu em Lisboa, em 31 de outubro de 1750, de família aristocrática. D. Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre, condessa de Oeynhausen por seu marido, Dama da Ordem de Cruz Estrelada em Alemanha; D. de Honor, e Dama da Real Ordem de Santa Isabel em Portugal; 4ª marquesa de Alorna e 7ª condessa de Assumar, pela morte de seu irmão, o marquês dom Pedro de Almeida Portugal e de seus dois filhos. Era primogênita de seus irmãos por esta ordem; seguindo-se-lhe a senhora D. Maria de Almeida, condessa da Ribeira Grande, 2ª mulher de dom Luiz Antonio Câmara, 6º conde do mesmo título, dos quais é neto dom Francisco de Salles da Câmara, 8º conde da Ribeira Grande; e seguindo-se seu irmão dom Pedro de Almeida Portugal, que foi o 3º marquês de Alorna. (GODOY, 2018)

<sup>115</sup> Christine de Pizan ou Cristina de Pisano em português, nasceu em Veneza, na Itália no ano de 1364, e viveu entre o final do século XIV e início do século XV em Paris. Pizan foi guiada e influenciada pelo seu pai a voltar-se para o mundo das letras, e assim o fez, por ter acesso a grande biblioteca da corte considerada a melhor daquela época seus estudos foram prósperos, Seu casamento perdurou por dez anos, e terminou a partir da morte de seu marido, que morreu três anos após seu pai, deixando-a sem uma figura masculina que lhe pudesse ajudar com os proventos e o sustento de seus filhos e demais membros de sua família. Dessa forma, ela se viu responsável pela sobrevivência de sua família, e foi na escrita e nos seus estudos que Christine procurou amparo e refúgio para suas angústias. (SANTOS,2019) (VERSOLATTO, 2019)

<sup>116</sup> Josefa de Óbidos, nasceu em 1630, em Sevilha e faleceu em 1684, em Óbidos, onde morou a maior parte de sua vida. A carreira de Josefa de Óbidos como pintora lhe concedeu notoriedade e durou 38 anos, de 1646 a 1684. Durante esse período a artista produziu mais de 100 obras. Foi para o convento de Santa Ana em Coimbra, entre 1644 e 1647, onde recebeu educação eclesiástica. Em 13 de junho de 1684, estando enferma, escreveu seu testamento e faleceu no dia 22 de julho do mesmo ano, deixando seus bens à mãe e às duas sobrinhas. (VERSOLATTO, 2019)

Num primeiro momento procuramos retratar os acontecimentos sociais, que influenciaram mudanças no comportamento social e educacional da população do século XVII e XVIII, os quais, de certa forma, fomentaram mudanças no século posterior. Verificamos que no século XVII existia um embate. Assim, simultaneamente vimos a vitória do capitalismo mercantil em países como a Holanda, Inglaterra e França, em outros, como a Espanha e Portugal, vimos a ação da Igreja Católica buscar um retorno à religiosidade medieval.

Os conflitos e contradições entre ideais antropocêntricos e teocêntricos explicam, segundo Amaral et al (2011), o surgimento do Barroco na Espanha, Itália e Portugal. O que nos remete a um outro momento da dissertação, onde o Barroco seria, portanto, a expressão nas artes e na literatura, da crise ideológica de espírito do ser humano, dividido entre a razão e a fé, entre a mentalidade em expansão e os valores medievais defendidos pelo clero e pela nobreza.

Como vimos, houve um processo vagaroso de desenvolvimento do renascimento para o Barroco. O Barroco português, em conformidade com (CEGALLA, 1997), nunca alcançou a riqueza do Barroco espanhol, apesar de ter sofrido influências dele. Predominou, em Portugal, os escritos morais, doutrinários e religiosos, tendo como destaque os sermões em poesias e as produções acadêmicas.

Vimos, também, que os escritos religiosos predominaram nos séculos XVII e XVIII, pois era por meio deles, que o clero tentava manter seus fiéis no caminho da virtude e da honra, regras essas que eram determinadas pela Igreja.

Como eram de leitura permitida no período estudado, os escritos morais e doutrinários imperaram em toda a sociedade. Nesse sentido, a religiosa Sórora Maria do Céu escreveu seus escritos morais e que delineavam posturas e condutas que as mulheres da época deveriam seguir, porém, como vimos na análise da obra, a mesma se utilizava de metáforas, que é um recurso que faz com que as pessoas leiam usando o raciocínio para lerem além do que as palavras expressavam no primeiro momento da leitura.

Na análise da obra *A Preciosa* percebemos claramente que seus escritos delimitavam o caminho a seguir e que se o fiel, no caso da obra, a mulher, desviar do caminho de Deus, deixar de algum momento seguir os ensinamentos da Igreja, sofrerá os desgostos que a vida proporciona. Mas se houver o

arrependimento sincero será aceita por Deus, terá uma boa morte entrando no reino celestial.

O escrito também revela que existia um mundo fora do conventual, e que esse estava proporcionando a muitos um prazer e, de uma certa forma, um conhecimento para além da submissão da mulher ao homem. Um mundo que a mulher que soubesse utilizar de sua beleza e sabedoria, poderia dominar com seu poder feminino, assim reinaria, um mundo onde os homens por vaidade, ambição ou vingança, ficavam a mercê desse domínio e lutavam para seguir esse caminho junto a essa mulher que acreditavam dar satisfação aos seus anseios e desejos.

A mulher que tivesse a coragem de romper com as regras morais religiosas sofreria olhares e atitudes de condenação e que, segundo a Igreja, iriam para o inferno, longe de Deus, porém teria uma vida 'liberta' das condutas patriarcais e religiosas até então radicalmente impostas.

Dessa maneira, comprovamos uma tentativa de transformação, de uma caminhada rumo à emancipação da mulher, da mudança na imagem feminina ligada à literatura e, conseqüentemente, à educação como sendo parte desse processo emancipatório, e que se consolidou nos séculos seguintes.

Acreditamos que este trabalho contribuiu como registro de mais uma mulher que viu na educação, nesse caso mais precisamente ligada à literatura, uma oportunidade de lutar por direitos, oportunidades e de reconhecimento da mulher na esfera da trajetória enquanto indivíduos capazes de participar com o que pensam e fazem dentro da sociedade que estão inseridas.

Marina Clemencia foi mais uma mulher capaz de fazer a diferença, mesmo que de maneira sucinta e limitada, em seus anos de vida, e que contribuiu na luta e que ainda contribui por meio de seus registros escritos.

Por fim, na esfera pessoal a pesquisa contribuiu de inúmeras maneiras, permitindo que conhecêssemos a sua forma de luta pela garantia de direitos, de forma silenciosa e sutil, mas claramente corajosa e significativa, pois fomenta uma motivação pela continuidade das lutas de espaços a serem conquistados e pelas mulheres e, posteriormente, em uma luta mais árdua, de mantê-los.

Os resultados da pesquisa nos mostraram que houve consideráveis conquistas femininas e que a história mostra que ainda não alcançamos a vitória, e que esta pesquisa abre caminhos para a continuidade desses estudos.

Contribui para demonstrar que ainda falta um longo caminho para alcançarmos a igualdade de direitos, de respeito à mulher e sua segurança. Muito já se conquistou, mas há um longo caminho a trilhar.

Não consideramos terminado esse trabalho, pois acreditamos que a pesquisa apresenta resultados, mas, como estudo, nos conduz a uma continuidade, por meio de novos olhares, de perspectivas e descobertas pela própria pesquisadora em outro tempo, ou por outros pesquisadores interessados na temática.

E com a metodologia por nós adotada acreditamos que foi possível demonstrar de que a literatura de Marina Clemencia se caracterizou como um meio educacional do período, mediante a relação Literatura e Educação se fez nos escritos de Marina Clemencia por ser o livro, uma normativa de como as mulheres deveriam se comportar, ou seja, mesmo que informal, era uma educação a ser internalizada.

Finalizamos interinamente esse trabalho, julgando que nesse momento trouxemos algumas contribuições para as temáticas que envolvem mulheres, literatura e educação.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGRANTI, L. M. **Honradas e Devotas**: mulheres da colônia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992.

ALMEIDA, F. J. C. Frei João Franco: Um sermão do século XVIII. In: FERNANDES, J. M. **Comunicação e Pregação**. Ordem dos Pregadores-Portugal: Indugráfica, 2013. p. 17-24.

ALMEIDA, S. C. C. D. **O Sexo Devoto**: normatização e resistência feminina no Império Português XVI-XVIII. Tese. (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003.

AMARAL, E. et al. **Novas Palavras**: Literatura, gramática e redação. São Paulo: FTD, 2011.

AMATUZZI, R. T. S. Educação como herança: os manuais de instrução para nobres portugueses no final do século XVIII, uma análise da carta do padre Francisco Luís Leal para o 2º Conde da Ega. **VI Congresso Internacional de Historia**, Paraná, p. 1-9, setembro 2013.

ANIBAL, G. & T. A. A Educação em tempos da globalização. Modernização e hibridismo nas políticas educativas de Portugal. **Revista Ibero Americana de Educação**, 2008.

ARRUDA, J.J. de A. **O sentido da Colônia. Revisitando a crise do antigo sistema colonial no Brasil (1780-1830)** In: TENGARRINHA, J. **História de Portugal**. São Paulo: UNESP, 2001. p. 167-186

AUGUSTO, S. A multiplicação das fábulas na ficção narrativa de Soror Maria do Ceu. **Forma Breve**, Aveiro - Portugal, v. 3, p. 121-133, dezembro 2005.

BARATA, M. D. R. T. Portugal e a Europa na Época Moderna. In: TENGARRINHA, J. **História de Portugal**. São Paulo: UNESP, 2001. p. 183-204.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, Ltda, 2009.

BELLINI, L. P. M. L. Experiência e ideais da vida religiosa em mosteiros portugueses clarianos nos séculos XVII e XVIII. **Revista da História**, São Paulo, n. 160, p. 147-167, 1º semestre 2009.

BRAGA, I. M. R. M. D. **Bens Hereges**: inquisição e cultura material ( Portugal e Brasil - séculos XVII- XVIII). Coimbra: Coimbra Editora, 2012.

BRAGA, T. **Manual da História da Literatura Portuguesa**. Porto-Portugal Livraria Universal de Magalhães & Moniz: [s.n.], 1875.

BURKE, P. **A Escola dos Annales**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1992.

CALDAS, M. J. A. . M. M. D. S. N. OS ANNALES E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A TEORIA E METODOLOGIA DA HISTORIA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO. **Revista Dialectus**, p. 275-289, Julho/Dezembro 2012.

CANDIDO, A. A literatura de dois gumes. In: CANDIDO, A. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987. p. 163-180.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARDOSO FILHO, A. Teoria da Literatura. In: CARDOSO FILHO, A. **Teoria da Literatura**. São Cristovão SE: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2011. p. 22-34.

CARVALHO JUNIOR, E. T. D. **Verney e a questão do Iluminismo em Portugal**. 79f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

CARVALHO, R. D. **História do Ensino em Portugal**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo : Editora Nacional, 1997.

CEIA, C. Sobre o conceito de alegoria. Lisboa: [s.n.], 1998.

CLEMENCIA, M. M. **A Preciosa, Alegoria mora**. Lisboa: Lisboa Ocidental, 1731.

CMLISBOA.PT/PT/EQUIPAMENTO/EQUIPAMENTO/INFO/D.JOSE-I. **Sítio da Câmara Municipal de Lisboa**, 2019. Disponível em: <Cmlisboa.pt/pt/equipamento/equipamento/info/d.jose-i>. Acesso em: 10 agosto 2019.

COBRA, R. Q. Cobra Pages. **Biografias e as Doutrinas de Pensadores da Filosofia Moderna e Contemporânea no Brasil.**, 2011. Disponível em: <<https://www.cobra.pages.nom.br/fb-pfranciscoleal.html>>. Acesso em: 08 Julho 2019.

CONCEIÇÃO, J. A. Filosofia Popular. **Filosofia, Política e Educação**, Minas Gerais, 2010.

CYR, M. **A maior paixão do mundo**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

ELIAS, N. **Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor LTDA, v. I, 1990.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, N. **A sociedade de corte, Investigação sobre a sociologia da corte e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FARIA, B. M. R. D. As primeiras imagens do rei. **RHAA**, Campinas, v. 22, p. 37-51, 2012.

FIGUEIREDO, F. D. **História Literária de Portugal -Séculos XII -XX**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura S/A, 1960.

FLECK, E. C. D. E. D. M. "Viveres como um louco, sabes que hás de morrer sem juízo": as orientações para o bem morrer na literatura cristã portuguesa do século XVIII. **Revista da História**, São Paulo, p. 1-25, 2015.

FREITAS, J. Considerações sobre alegoria a partir de João Adolfo Hansen em Alegoria: Construção e Interpretação da metáfora. **Versalete**, p. 249-260, 2014.

GODOY, G. A. V. D. **Princípios Educativos para mulheres dos séculos XVII e XIX**: contribuições da Marquesa de Alorna. Tese de doutoramento. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2018.

GOMES, C. D. S. A Educação feminina como forma de emancipação na história das mulheres. **Intersaberes**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 374-394, Julho-dezembro 2014.

HANSEN, J. A. Alegoria. **HEDRA** construção e interpretação da metáfora. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2006.

HATHERLY, A. Tomar a palavra: aspectos de vida da mulher na sociedade barroca **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**, nº 9, Lisboa, Edições Colibri, 1996, p. 269-280.

HONRADO, A. As flamengas (da Ordem das Clarissas). **Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal.**, p. 131-143, 2013.

HUGH, T. R. **A crise do século XVII: Religião, a Reforma e Mudança Social**. Rio de Janeiro - RJ: Topbooks, 2007.

KING, M. L. **A mulher do Renascimento**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

LIMA, M. D. C. G. D. S. **ANTÓNIO NUNES RIBEIRO SANCHES E AS PROPOSTAS DE REFORMA DO ENSINO EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII: ANÁLISE DAS CARTAS SOBRE A EDUCAÇÃO DA MOCIDADE (1760)** Dissertação. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2018.

MATOS, G. D. **Seleção de obras poéticas**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

MATTOSO, J. [A. J. T. [.]]. **História de Portugal**. 2ª. ed. Bauru/SP: UNESP, 2001.

MIRANDA, A. **Que seja em segredo**: escritos da devassidão nos conventos brasileiros e portugueses dos séculos XVII e XVIII. Porto alegre: L&PM, 2014.

MOISÉS, M. **Dicionário de Termos Literários**. 12ª rev. e amp. ed. São Paulo: CULTRIX, 2004.

MOISES, M. **A literatura portuguesa através dos textos**. 33. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

MONTEIRO, R. B. As Reformas Religiosas na Europa Moderna, **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, vol. 23, nº 37, p.130-150, Jan/Jun 2007.

NEDER, G. "Casamento perfeito", cultura religiosa e sentimentos políticos. **Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, Rio de Janeiro, v. 8, janeiro e abril3-28 2006.

OLIVEIRA, N. C. **A EDUCAÇÃO JESUÍTICA E O COLÉGIO DE SANTO ANTÃO, DE LISBOA, NO SÉCULO XVI**. Dissertação de Mestrado. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2015.

PAIVA, J. P. A Administração Diocesana e a Presença da Igreja: o caso da diocese de Coimbra nos séc. XVII e XVIII. **Lusitana Sacra**, Coimbra, n. 2ª, 1991.

PEREIRA, A. M. C. PÓS-MODERNIDADE E INFORMAÇÃO: CONCEITOS COMPLEMENTARES? **Revista Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, MG, v. 1, 1996.

PIEROM, G. Os excluídos do Reino: A Inquisição Portuguesa e o degredo para o Brasil-Colônia. **Textos de História**, São Paulo, v. 5, p. 23-40, 1997.

RESENDE, M. L. C. D.; SOUZA, R. J. D. "Por temer o Santo Ofício": As denúncias de Minas Gerais no Tribunal da Inquisição (século XVIII). **Varia Historia**, Jan/Abril 2016.

RIBEIRO, A. I. M. Conjunto de Elementos que constituía o processo educativo no Brasil-Colônia. In: \_\_\_\_\_ **A Educação da Mulher no Brasil Colônia**. São Paulo: Arte & Ciência, 1997. p. 59-104.

RODRIGUES, A. C. Formação e atuação da rede de comissionários do Santo Ofício. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 29, p. 145-164, 2009.

ROSSINI, G. A. A. As Pragmáticas Portuguesas de Fins do Século XVII: política fabril e manufatureira reativa. **Revista da História**, João Pessoa, p. 117-135, Junho 2010.

SANTOS, T. F. O PAPEL DA MULHER E AS RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO NO PERÍODO MEDIEVAL A PARTIR DOS ESCRITOS DE CHRISTINE DE PIZAN. Cianorte-Paraná: UEM, 2019.

SAVIANI, D. **A ESCOLA E A DEMOCRACIA**. São Paulo: Autores Associados, 1999.

SILVA, E. M. B. D. **Mandos e Desmandos: Os ouvidores da Capitania de Pernambuco no reinado de D. João V (1706 -1750)**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

SILVA, F. M. A literatura como instrução. Uma leitura de metáforas das flores de soror Maria do Céu, Nilopolis, v. 5, n. 3, set.dez-2014.

SOUZA, A. C. D. **Memorias Historicas e Genealógicas dos Grandes de Portugal**. Lisboa-Portugal: Regia Officina Sylvanis e Academia Real, 1755.

STEPHANOU, M. E. B. M. H. C. **Histórias e Memórias da Educação das Mulheres no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005.

TERRA, A. L. S. **CORTESIA E MUNDANIDADE**: Manuais de Civilidade em Portugal nos séculos XVII e XVIII. Dissertação (Mestrado em Educação).Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2000.

TORRES, J. V. Da Repressão Religiosa para a Promoção Social: A Inquisição como instância legitimadora da promoção social da burguesia mercantil. **Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 40, p. 109-135, Outubro 1994.

VERNEY, L. A. D. **Respostas as Reflexões que o R.P.M.Fr. Arsenio da Piedade Capucho fez ao Livro intitulado: Verdadeiro Método de Estudar**. Valencia: Na Oficina de Antonio Balle, 1748.

VERSOLATTO, G. C. **BARROCO E EDUCAÇÃO EM PORTUGAL NO SÉCULO XVII**: Josefa de Óbidos. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Maringá/PR: UEM, 2019.

WÖLFFLIN, H. **Renascença e Barroco**. São Paulo: Perspectiva, 2005.